Watty


BIBLIOTECA NAZIONALE
VITTORIO EMANUELE
8
14

A VAIDADE
DO
HOMEM,
CONVENCIDA EM SINCO DISCURSOS MORAES;

Que nas Tardes das Domingas da Quaresma

PREGOU

O Doutor SEBASTIAM DE MATTOS DE SOVZA;
Na Igreja de S. Paulo de Lisboa. Anno 1680.

OFFERECIDOS



Ao Excellentissimo Senhor

D. NUNO ALVARES PEREYRA,

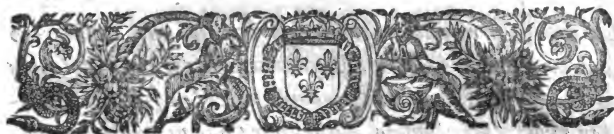
DUQUE DO CADAVAL, MARQUEZ DE FERREYRA, Conde de Tentugal, Alcayde mór das Villas, & Castellos de Olivença, & Alvór, Senhor das Villas de Tentugal, Buarcos, Villanovadansos, Rabaçal, Alvayazere, Penacòva, Mortauga, Ferreyradaves, Cadaval, Cercal, Peral, Villalva, Villaruyva, Albergaria, & Agoa de peyxes. Comendador das Comendas de Grandola, Sardoal, Eyxo, Moraes, Noudar, & Barrancos. Dos Conselhos de Estado, & Guerra, & do Despacho de Merces, & Expediente da Magestade de ElRey D. Pedro II. Mestre de Campo General desta Corte, & Provincia da Extremadura junto à Peçoa de Sua Magestade; Capitão General da Cavallaria da mesma Corte, & Provincia, &c.

LISBOA.

Na Officina de MIGVEL DESLANDES. Anno 1685.

Com todas as licenças necessarias.

A custa de Antonio Correa da Fonseca, Mercador de Livros.



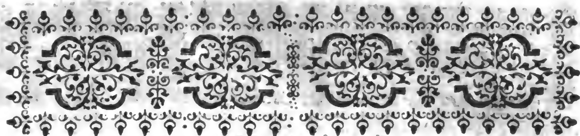
EXCELLENTISSIMO SENHOR.



ONFIADAMENTE chego aos pees de V. Excellencia a offerecerlhe estes Discursos; sem reparar nos defeytos, que justamẽte lhe pòdem diminuir a aceytação. Eu, a quem o amor proprio podia facilmẽte enganar na publicação desta obra; sou o primeyro que a conheço, ou por escuzada entre a multidão de escritos deste genero, ou por temeraria nas imperfeysoens, que lhe advirto. Por esta cauza a encobri alguns annos com o silencio, não podendo aperfeyçoalla com lima mais pollida, & tambem, porque não sey o delicado, & vario genio dos que a houverem de ler: pois huns condennarão a tibeza de espirito; outros (& serão os mais) a pouca discrição; alguns a phraze humilde; muitos o prolongado dos discursos; & muitas couzas, que eu julgaria, não só por nôvas, mas por exquizitas, pòde succeder, que o não sejão, nem pareção. Porem como todo o meu intento foy accuzar a vaidade humana, & não buscalla no applauzo dos ouvintes, & curiózos; nem quero acodir a desculparme

me do que èrro; nem offenderme do que me accuzarem que errey. Para com V. Excellencia poderaõ os defeytos desta obra ser grandes; mas não poderàm ser novos. Assaz experiencia tem do Autor; para que os não estranhe, & eu a tenho (não menor) da benevolencia, & generozidade do animo de V. Excellencia, para me atrever a dedicarlhe huã tão limitada offerta; se bem proporcionada à sua grandeza; a cujos pees, não he esta a primeyra vez, que se visse a vaidade humana abatida. Deos guarde a Excellentissima Peçoa de V. Excellencia como seus creados lhe dezejamos, & havemos mister. Lisboa 6. de Dezembro de 1684.

Sebastião de Mattos de Souza.



Do Doutor Manoel Pinheyro Arnaut,

SONETO.

DAndo ao *Homem* liçoens, antes portentos,
No ſer elemental de mal vivente,
A hum tempo o voſſo credito altamente
Aſeguraes nos meſmos *Elementos*:
A *Terra* vos compoem os fundamentos,
O *Fogo* vos miniſtra o zelo ardente,
A *Agoa* a locução vos faz corrente,
E o *Ar* vos ſubtiliza os penſamentos.
Logo em premio feliz deſtes primores
Com que o Ceo novo Paulo vos aclama,
Para a coroa a *Terra* emfeyta as flores;
O *Fogo* contra a enveja ao rayo inflama,
A *Agoa* emprêga a lingoa nos louvores,
E o *Ar* alenta ſopros para a fama.

De

De João da Costa Moreyra

DECIMAS.

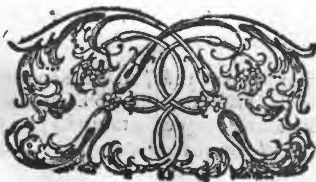
TAõ erudito prégaes,
E elegante persuadiz,
Que diz menos, no que diz,
Quem chega a louvarvos maes.
Mas quando nos admiraes
(O que de vòs se esperava)
Quem em nada vos aggrava,
Affirma, que tal andastes,
Quando em Saõ Paulo prègastes,
Que em vòs Saõ Paulo prègava.

Tanto assy vos excedeys,
Com alto estylo, & profundo,
Que he, em motivos do mundo,
Do Ceo o que discorreys;
E he tudo quanto dizeys
Com felicidade tal:
Que sendo material
Do argumento a mayor parte,
Mostrays com superior arte,
Ser todo Espiritual.

Com

Com luzido dezempenho,
Por estylo soberano,
Nos diffinistes o humano
Com quazi divino Engenho.
Assy que aos maes neste empenho,
Ou menos, que vos entendem
Lhes daes doutrinas, que aprendem,
Supposto, por taõ sobido,
Quando soys bem entendido,
Nem todos vos comprehendem.

Grande, & insigne Entendimento!
Porque dure, sem que acabe,
Firme se estampe (se cabe)
Em hum, & outro Elemento.
Mas logre melhor o intento
Na Alma, que este emprego tome,
E só, quando as glorias some,
Vincule na Eternidade
Entendimento, Vontade,
E Memoria, eterno nome.



L I-



LICENÇAS

Do Santo Officio.

Censura do R. P. M. Frey Manoel de S. Tiago, Qualificador do Santo Officio.

ILLVSTRISSIMO SENHOR.

VI estes sinco Sermoens das Tardes da Quaresma, intitulados: *A Vaidade do Homem convencida*; prègados pello Reverendo Doutor Sebastiaõ de Mattos de Souza, na Igreja de Saõ Paulo desta Corte. E por ser pequeno o Volume, não deyxa de ser grãde a Obra. Reduzir a tão breve scriptura tantas, & tão solidas Scripturas, a taõ poucas folhas tantas doutrinas, tambem foy prègar contra as vaidadades. Naõ sey, se foy industria, se modestia. O que sey, he, que os Sermoens se gostaõ, se percebem, se aplaudem, & se retem, & que nada contém, que contradiga à nossa Santa Fè, ou bons costumes. A quem conhecer o Author, nem faltará curiosidade para os ler, nem occorrerà motivo para os censurar. Razoẽs, por onde os julgo muy capazes da licença, que pede a V. Illustrissima para os primir: *Salvo meliori judicio.* Saõ Francisco da Cidade em 14. de Fevereyro de 1685.

Fr. Manoel de S. Tiago.

VIstas as informaçoens atràs, pòdemse imprimir estes Sermoẽs das Tardes da Quaresma, Autor o Doutor Sebastião de Mattos, & Souza: & depois de impressos tornàràõ para se conferir, & dar licença que corraõ, & sem ella naõ correràõ. Lisboa 16. de Fevereyro de 1685.

Manoel Pimentel de Sousa. Manoel de Moura Manoel.
Ieronymo Soares. Ioão da Costa Pimenta.
Bento de Beja de Noronha.

Do

Do Ordinario.

POdemſe imprimir: & depois tornaràõ para ſe conferirem, & ſe dar licença para correr, & ſem ella não correràõ. Lisboa 10. de Março de 1685.

Serrão.

Do Paço.

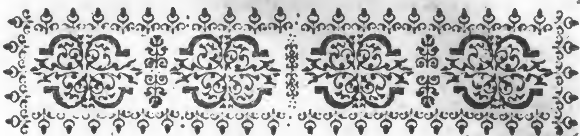
Cenſura do Illuſtriſſimo Senhor Dom Alberto de Saõ Gonſalo, Arcebiſpo de Goa.

POr mandado de V. Mageſtade vi eſtes ſinco Diſcurſos Moraes, compoſtos, & prégados pello Reverendo Doutor Sebaſtião de Mattos de Souza, Os primeyros Eſcriptos do Autor, prometião o acerto, & aprovação deſtes. Cuja materia he a mais util, que ſe pòde tratar na Corte: eſtá authorizada com Scripturas, Padres, Moralidades, & Doutrinas muito ſolidas. Neſtes Diſcurſos ſe ve a vaidade do Homem convencida: & ainda que não vejamos os homens vaidozos emmendados; he porque à conta do Prégador Evãgelico, eſtà o dizer as verdades: mas não o fazer, que as creão. O ſahirem a luz eſtes Diſcurſos, he ſerviço de Deos, & bem das Almas. Em nada encontrão o ſerviço de V. Mageſtade. Por onde me parecem muito dignos de impreſſaõ. V. Mageſtade mandarà o que for ſervido. Liſboa, Saõ Vicente em 24. de Abril de 1685.

Dom Alberto de Saõ Gonſalo.

POdemſe imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, & Ordinario: & depois de impreſſos tornaràõ à Meſa para ſe conferirem, & tayxarem, & ſem iſſo naõ correràm. Lisboa 15. de Mayo de 1685.

Lamprea. *Marchão.*

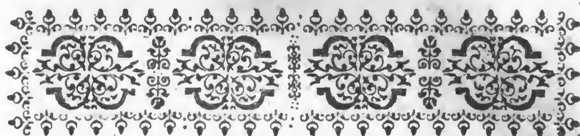


DISCURSO I.

Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.
Ex Psalmo 38. Vers. 6.

1 A MAYOR parte do mundo se perde pello caminho da Vaidade; porque todos os vicios, que costumão arruinar aos homẽs, ou saõ vaidade, ou a suppoem, ou a cauzão. O fundamento desta vaidade nàsce do conhecimento proprio, & do proprio desconhecimento; porque de conhecerem os homens o q̃ saõ, entrão guiados pella vaidade a desconhecer o que não saõ, nem podem ser. Desconhecem o fim para que saõ, & o fim que podem ter. Conhece hum homem o admiravel artefício com que na sua compozição encerra o Epithome de hum mundo inteyro, recopilando em breve summa as perfeiçoẽs, que por todas as creaturas estão divididas. Adverte a excellẽcia supperior do Espirito, que o aníma, & desvanecido com tantas prendas, desconhecesse da fragilidade com que he formado, & do fim para que logra tanta fermozura. Ve a grande maquina deste mundo, em que Deos o pos como Senhor, & Rey: *Dominamini piscibus maris, volatilibus Cæli, bestijs, universæque terræ*, & desvanecido com o dominio, se desconhece, & julga, que lhe não he necessario mais, que esse mundo. Vesse, como Adam, Senhor do Paraizo, & desvanecesse, como se fora Genes. 1. Vers. 28.

A izen-



DISCURSO I.

Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.
Ex Psalmo 38. Vers. 6.

1 
MAYOR parte do mundo se perde pello caminho da Vaidade; porque todos os vicios, que costumão arruinar aos homẽs, ou saõ vaidade, ou a suppoem, ou a cauzão. O fundamento desta vaidade nasce do conhecimento proprio, & do proprio desconhecimento; porque de conhecerem os homens o q̃ saõ, entrão guiados pella vaidade a desconhecer o que não saõ, nem podem ser. Desconhecem o fim para que saõ, & o fim que podem ter. Conhece hum homem o admiravel artefìcio com que na sua compozição encerra o Epithome de hum mundo inteyro, recopilando em breve summa as perfeiçoẽs, que por todas as creaturas estão divididas. Adverte a excellẽcia supperior do Espirito, que o anima, & desvanecido com tantas prendas, desconhecesse da fragilidade com que he formado, & do fim para que logra tanta fermozura. Ve a grande maquina deste mundo, em que Deos o pos como Senhor, & Rey: *Dominamini* Genes. 1. *piscibus maris, volatilibus Cæli, bestijs, universæque terræ*, & Vers. 28. desvanecido com o dominio, se desconhece, & julga, que lhe não he necessario mais, que esse mundo. Vesse, como Adam, Senhor do Paraizo, & desvanecesse, como se fora

A izen-

izento de todas as Leys. Vesse com a semelhança de Deos, a que foy creado, & não conhecendo que essa semelhança lhe foy dada para obedecer, & amar ao mesmo Deos; desvanecesse a appetecer outra semelhança mayor q̃ pareça idẽtidade: *Eritis sicut Dij.* Vesse dotado de sciencia, & fortuna, & desconhece o autor della, idolatrando, como Salamão. Vesse entre os dominios do Throno, veneração do mundo, & dilicias delle, & desconhece a facilidade com que pòde perder tudo, como Balthazar. Vesse vitorioso, sem controversia, do mundo inteyro; Senhor das vidas de tantos, & entra em prezunções de Divindade, como Alexandre. Vesse abundante de beins, & desconhece os beins, que verdadeyramente saõ beins, & perde huns, & outros, como o Rico Avarento.

Genes. 3. Vers. 5.

2 O mais experimentado em tudo aquillo com que o mundo pòde, & costuma desvanecer aos homens (que foy Salamão) assentou por concluzão evidente, que tudo o do mundo era vaidade: *Ego Ecclesiastes proposui in animo meo quaerere, & investigare sapienter de omnibus, quae fiunt sub sole, & ecce universa vanitas.* Mas empregando David mais attentamente a consideração no homem, rezolveu, que toda essa vaidade junta era o homem: *Verùntamen universa vanitas omnis homo vivens*: se dissera David, que todo o homem era vão, não havia tanto que admirar; porque nenhum hà, que por alguma parte não tenha vicio: se dissera que alguns homens erão vaidade, tambem não seria novo; porque homens hà como os pomos, que nascem em Sodoma, que tocados, todos se desfazem em cinza vã; mas dizer que todos os homens saõ, não sò vaõs, porèm a mesma vaidade, & não sò a mesma vaidade, mas toda a vaidade junta? *Universa vanitas omnis homo vivens?* Isto he o que admira! Vicio he este que começou pellos Anjos, continuou nos homens: nelles teve o homem o exemplo, mas elles tiraraõ a desculpa. Que se desvaneção os Anjos com o co-

Ecclez. 1. Vers. 2.

o conhecimento da natureza que logrão taõ perfeyta, naõ tem desculpa no seu entendimento, mas tem fundamento na sua perfeyção; porèm que se desvaneção os homens à vista do exemplo dos Anjos, não tem fundamento, nem desculpa, salvo for a desculpa a mesma fragilidade que lhe tira o fundamento.

3 Nestas *Tardes* determino fazer huã Anathomìa no ser do *homem*, tanto em ordem ao corpo, quanto a respeyto da *Alma*; descobrindo as vaidades, que por todo o caminho lhe saõ naturaes, & buscandolhe o remedio, quanto for possivel. Queira Deos que consiga em parte o intento, de sorte, que condennando a vaidade, naõ encorra no mesmo vicio, ficando o Sermaõ assumpto de sy mesmo.

4 Creou Deos ao *Homem*, & na sua composiçaõ unio duas partes, huã supperior, outra inferior, & ambas admiraveis: a inferior corporea admiravel na fabrica, a supperior Espiritual mais admiravel em a natureza. Recopilou em ambas tudo quanto havia creado no mundo: na parte corporea os *Elementos*, que enchem este grande circulo do Universo, *Terra*, *Agoa*, *Ar*, *& Fogo*: unindo amigavelmente naturezas taõ encontradas, a ligeyreza do *Ar* com a gravidade da *Terra*, o ardente, & voraz do *Fogo* com o enregelado da *Agoa*: uzando da mesma discordia dos *Elementos*; como de instrumento, para a conservação do corpo humano; o qual fabricou com tanto arteficio organizado, que em esphera taõ pequena acharà sempre novidades a sciencia humana para argumento da bondade, & sciencia de Deos; nunca o fim parà deleytaçaõ do desvanecimẽto proprio: *Ut non inveniat homo opus, quod operatus est Deus.* Disse Salamaõ. Eclez. 3. Vers. 11.

5 Na parte espiritual ajuntou Deos o vegetativo das plantas; o sensetivo dos brutos; o racional dos Anjos. Huã creou de nada, outra formou da terra: huã tirou do naõ ser ao ser eterno, & immortal; outra da materia rude do

lodo ao artefício mais ſingular do corpo humano. Porém taõ antiga, & natural he a vaidade ao homem (que ſe bem o conſideramos) nos meſmos principios da ſua origem tem as raizes da ſua vaidade. Em o nada, digo, do naõ ſer da *Alma*, & nos *Elementos*, de que ſe compos o *corpo*, lhe veyo como naſcendo o deſvanecimento; quãdo tinha a cauza do mayor abatimento neſſes meſmos principios de que ſe cõpos.

6 Eſta ſerà a materia deſtas *Tardes*. Inquirir a vaidade do *Homem* pellos *Elementos*, de que ſe compoem, & de que ſe fórma; & apontar o remedio deſſa meſma vaidade nos proprios *Elementos*, reformando ao *Homem*, & na ultima *Tarde* trataremos da vaidade da *Alma*; para onde (deſde agora) convido voſſas attenſoẽs.

7 Aquella que o Evangeliſta vio, como *Terra* nova, livre de todo o comercio da antiga. *Vidi terram novã.* Aquella que he *Mar* de graça; *Fonte* de miſericordia; *Poço* de agoas vivas: *Puteus aquarum viventium: Fons ſignatus.* Aquella que mereceu, que o Eſpirito Santo particularmente lhe eſpiraſſe o *Eſpirito* da vida: *Spiritus Sanctus ſuperveniet in te, & virtus Altiſſimi obumbrabit tibi.* Aquella que teve o *Fogo* do Divino Eſpirito taõ ateado em ſeu coraçaõ ardente, Sarſa abrazada, & incombuſta. Aquella *Alma* pura, mais que todas as puras Creaturas, *Maria Santiſſima*, nos alcance graça, para que a pallavra de Deos, & a ſemente Evãgelica frutifique em noſſas almas. Ave Maria.

Apoc. 21. Verſ. 1. — Cant. 4. Verſ. 12. & 15. — Luc. 1. Verſ. 35.

§. I.

8 O Primeyro Elemento, que Deos eſcolheu para a formaçaõ do homem foy a *Terra*: *Formavit igitur Deus hominem de limo terræ.* Eſte foy o fundamento ſobre que edificou o mundo pequeno; eſte o alicece da fabrica, eſta a bâze de taõ fermoza archytectura. Se da firmeza

Gen. 2. V. 7.

za dos alicecés se pòde inferir a dos edificios. Oh como o edificio humano vay fundado sobre vaidade! Supra a grandeza do Artifice à fragilidade do fundamento; & ainda assy temo, que hà de dar consigo muito depressa por terra. Para Deos significar a firmeza do edificio, que fabricaõ os Santos, diz que fundaõ a sua caza sobre pedra: *Ædificavit domum suam supra petram.* Matt. 7. Vers. 24. Para o Propheta Rey encarecer a fermozura de Siaõ, diz q̃ os seus fundamentos saõ sobre mõtes Sãtos: *Fundamenta ejus in montibus sanctis:* De maneyra que o primeyro encarecimento da obra he a bondade Psal. 86. Vers. 1. dos fundamentos: se assy he, bem digo eu, q́ desde o seu nascimento tem o homem a vaidade por natureza; porque he formado da *Terra*, da qual diz o Texto que era vãa, & vazia: *Terra autem erat inanis, & vacua.* Genes. 1. Vers. 2. *Formavit igitur Deus hominem de limo terræ.* Gen. 2. Vers. 7. Guarday Senhor na lembrança a materia vã, que escolhestes para formar o homem; pòde ser que estranheys menos, quãdo o vires arruinado pella vaidade. *Memorare quæ mea substantia: numquid enim vanè constituisti omnes filios hominum.* Psal. 88. V. 48.

9 E assy como no principio do mundo sumergida a *Terra* com o deluvio das aguas; se apartárão aos imperios da vôs poderoza de Deos; & appareceu a *Terra* secca: *Congregentur aquæ in locum unum; & appareat arida*: Genes. 1. Vers. 9. assy quizera eu tambem descobrir o abysmo de vicios em que a nossa *Terra* està alagada; para que apparecesse àrida, & secca; & paraque ao depois cobrada nova fecundidade; podesse produzir novos fruttos.

10. Lembrame que ao Propheta Ezechiel mostrou Ezech. 37. Vers. 1. Deos hum campo cheyo de ossos: *Plenus ossibus*; & seccos: Ibid. Vers. 2. *Siccaque vehementer*; que era o mesmo que mostrarlhe huã *Terra* em outra *Terra*; & logo lhe perguntou: Entendes que pôdem viver estes ossos: *Putas ne vivent ossa ista?* Ibid. Vers. 3. Porém duvidando o Propheta do milagre; lhe disse Deos, que bradásse aos ossos, para que ouvissem a pallavra do Senhor:

Ibid. Verſ. 4. *Oſſa arida audite verbum Dei*; E que ouvindoa, lhe daria eſpirito, & vida. *Ecce ego intromittam in vos ſpiritum, & vi-* Ibid. Verſ. 5.
vetis. Aſſy aconteceu; porque à vòs do Propheta ſe juntá-
Ibid. Verſ. 7. rão huns oſſos a outros oſſos: *Acceſſerunt oſſa ad oſſa*; & ao impeto do vento, que ſoprava de todas as quatro partes, ſe introduzio o Eſpirito da vida naquelles oſſos ſeccos. *A qua-*
Ibid. Verſ. 9. *tuor ventis veni ſpiritus, & ingreſſus eſt in ea ſpiritus, & vi-*
Ibid. V. 10. *xerunt.* *Terra* ſecca, & eſtèril dos mortaes, os que hoje vos juntaes neſte Templo, como em campo; aquelles digo, que ſoys oſſos ſeccos; deſpidos do Eſpirito da vida. Serà poſſivel que em tanta ſequidaõ poſſa haver vida? Sy pòde, ſe ouvirdes a pallavra de Deos. *Oſſa arida audite verbum Dei.* A pallavra de Deos he que vos ajunta. *Acceſſerunt oſſa ad oſſa.* O Eſpirito de Deos he que vos pòde dar vida; ſe quizerdes attentamente eſcutar a razaõ; porque a *Terra* ſecca, & arida ſe chama vã, & vazia; para dahy inferirdes o modo com que a voſſa *Terra* pòde ter vida, & pòde ſer fecunda.

§. II.

11 HVma das razoẽs, que os Expoſitores apontaõ, para que o Texto chame à *Terra* na ſua primeyra
Genеſ. 1. Verſ. 2. creaçaõ vã, & vazia. *Terra autem erat inanis, & vacua*; he porque ainda naõ dava os fruttos para que era deſtinada: demaneyra que o ſer vã, era reciproco com o ſer eſteril; & com razão; porque aſſy como he perfeyçaõ, que acredita o ſer, a fecundidade; aſſy parece que a eſterelidade encontra demaneyra o ſer, que a *Terra* eſtèril era o meſmo que nada: *Terra autem erat nihil.* Le Aquila. Como todas as creaturas foraõ creadas ao exemplar daquella idea Eterna, & Infinita; tambem de algum modo haviaõ de imitala neſta ſemelhança. A natureza Divina hè eſſencialmente o meſmo ſer, & porque no ſer teve infinita perfeyção; neceſſariamente houve de ſer fecunda; mas porque o naõ podia ſer na pluralida-
de

de das naturezas; ao menos o foy na multiplicaçaõ das Peçoas. *Ad intra* o Entendimento do Páe fecundo na geraçaõ do Verbo; o amor do Verbo, & do Páe fecundo na processaõ do Divino Espirito. *Ad extra* todas as trez Peçoas fecundas nas acçoẽs da Omnipotencia. Demaneyra que o bem tem por natureza a fecundidade com que se cõmunica: O ser tem por propriedade o bom; logo aquillo que no ser era infinito, & por consequencia bom; necessariamente havia ser fecundo.

12 Isto que passa na Divindade, vemos assemelhado, em certo modo, nas creaturas: tanto mais se afastaõ estas da fecundidade no obrar; quanto participaõ menos da bondade do ser. A fecundidade no Eterno he perfeyçao; a fecundidade no caduco hè a emmenda: no Eterno he essensial à mesma bondade infinita, & ao mesmo ser que essensialmẽte he ser; no caduco he emmenda a corruptibilidade, porque quanto as couzas por corruptiveis estaõ mais longe do ser; & mais proximas ao naõ ser; tanto pella fecundidade se perpetuaõ; & daõ mostras de que tem ser, quanto mais saõ fecundas no obrar; & como quanto huã couza tem menos de ser, tanto tem mais de vã; seguesse que he vaõ tudo aquillo que naõ exercita o seu ser em obrar, & sendo o ser da *Terra* destinado para a producçaõ dos fruttos, com razaõ se equivoca nella o vaõ com o esteril: *Terra autem erat inanis, & vacua.*

13 Homẽs fabricados da *Terra*, mais estereis, & mais vaõs que a mesma *Terra* no seu primeyro chàos. Em a nossa *Terra* plantou Deos muitos generos de sementeyras. A semente da verdade plantou no entendimento; a semente do amor do bem plantou na vontade; o conhecimento das couzas eternas tambem tem a primeyra semente nos sentidos cõ que se percebem as couzas temporaes: *Invisibilia enim ipsius à creatura mundi, per ea quæ facta sunt, intellecta conspiciuntur.* Finalmente na graça original nos deu a semente de to- Ad Roma. Vers. 20.

dos os beins. Agora pergunto. E produz esta nossa *Terra* alguns fruttos desta sementeyra ? Provera a Deos que assy fosse; mas o frutto que produz o entendimento he a mentira: *Mendaces filij hominum:* & se chega algum dia a conseguir alguã sciencia, o frutto que dahy tira he a soberba: *Scientia inflat.* O frutto que produz a vontade, he o peccado: O frutto que produzem os sentidos, he que em lugar de nos servirem de guia para as cousas eternas; servem-nos de entretenimento nas couzas temporaes. Pois *Terra* taõ esteril de fruttos, naõ tem semelhança com a da primeyra creaçaõ? E naõ pòde tambem chamarse (& com muita razaõ) *Inanis, & vacua*? Naõ só pòde, mas deve com muito mayor razaõ; porque a *Terra* em seus principios, se era esteril, ainda não estava fecundada para produzir fruttos; porèm a *Terra* da nossa natureza, faltalhe a producçaõ, naõ lhe faltando as influencias que a fertelizem; mas he tal a nossa esterelidade, que atè as mesmas influencias faz infecundas; & naõ só as influencias da natureza, de que atègora fallamos, mas tambem as da mesma graça, que saõ de todas as mais beneficas. Porem isto como he possivel? Tambem a graça pòde ser em nòs vã, & infecunda? Naõ pòde por defeyto seu; mas pòde por esterelidade nossa. Ouvi a Saõ Paulo. *Gratia Dei in me vacua non fuit:* a graça de Deos naõ foy vazia em my. Naõ diz absolutamente que a graça de Deos não foy vazia; porq̃ sempre he fecunda; mas q̃ naõ foy vazia nelle; como jactandose de que a sua *Terra* naõ impedira os fruttos, & fecundidade desta Divina Sementeyra; & ha muitos que em sy saõ *Terra* taõ vã, que atè a mesma graça fica nelles como vazia. Explicome. Com a producçaõ dos fruttos que teve a *Terra* no principio do mundo.

Psalm. 61. Vers. 10.

1. Ad Corint. 8. Vers. 1.

1. Ad Cor. 1. V. 10.

14. Disse Deos à *Terra*, que produzisse fruttos, & que estes fruttos produzissem semente para geraçaõ de novas plãtas. *Germinet terra herbam virentem, & facientem semen, & lignum pomiferum faciens fructum juxta genus suum, cujus semen*

Gen. 1. V. 10

semen in semet ipso sit super terram; & se bem reparaes, dous generos de fecundidades cahiraõ por bençaõ à *Terra*. A producçaõ dos fruttos, que he menos; a produçaõ da semente nesses mesmos fruttos, que he mais; porque produzir a *Terra* fruttos, he ser fecunda; mas produzir sementes, he produzir a sua mesma fecundidade; porque como as sementes a tornaõ a fertelizar de novo; naõ sò he fecunda a *Terra* quando as produz; senaõ que segura a mesma fecundidade em as novas sementes.

15 Isto he o que a graça ha de fazer em nòs. A graça sempre produz fruto com que a alma naõ fica esteril; mas he necessario que esse frutto fertelize em nova semente, para que della tornem a multiplicarse novos fruttos da mesma graça; E porque em muitos a graça naõ produz estes effeytos, sendo a natureza deste frutto fecundissima de outros muitos; por isso em nòs he a graça de Deos vazia por esterelidade da *Terra*; que nem toda he taõ fertil como a de Saõ Paulo: *Gratia Dei in me vacua non fuit.* Que sejaõ estereis as pedras onde cahio o trigo; he natureza de pedras; mas q̃ seja esteril a *Terra* depois de fertelizada com as sementes, he couza que nos succede a nòs, & naõ succedeu à *Terra* insensivel; & ainda assy ella mereceu o nome de vã; mas que nome he bem que nòs mereçamos? O de vaõs, he pouco; o de vaidade somente, ainda naõ basta; o de vaidade de vaidades, & o de toda a vaidade junta, esse he o nome que nòs compete; & esse he o que nos dà o nosso Thema. *Universa vanitas omnis homo vivens.*

§. III.

16 ASsy he, que o mayor mal que tem a nossa *Terra* (da qual trazemos o vicio com a natureza) he a nossa esterelidade; sendo que fora a fecundidade o mayor bem. Ambas as couzas pròvo. O nosso mayor bem saõ os fruttos, que produzimos; naõ he propoziçaõ minha, senaõ

de

Matth. 12. Verſ. 33. de Chriſto. *Ex fructu arbor agnoſcitur.* Dos fruttos ſe conhecem as plantas, das plantas ſe conhece a *Terra*. Dos fruttos ſe conhecem as plantas; logo naõ he planta aquella que naõ dà fruttos. Da planta ſe conhece a *Terra*; logo eſteril, & vã he a *Terra*, que produz plantas que o naõ ſaõ; porque ſaõ eſtereis; porem que muito que aſſy ſeja em nòs, ſe o meſmo paſſa nas couzas ſagradas. Notay.

Zach. 9. Verſ. 17. 17 *Quid bonum ejus eſt, & quid pulchrum ejus, niſi frumentum electorum, & vinum germinans virgines?* Falla o Propheta Zacharias em Prophecia do altiſſimo Myſterio da Euchariſtia Sacroſanta, & diz aſſy. Que couza tem boa, ou q̃ couza tem fermoza a Ley da graça, ſenaõ o paõ dos eſcolhidos, & o vinho que produz Virgens? Pregunto. E pois naõ tem outra couza boa, nem fermoza a Ley da graça nos mais Sacramentos, & nos mais Myſterios? Sy tem. Pois porque eſte myſterio tem particularmẽte a prerogativa de bom? Ao meu propozito digo; Que o Sacramento da Euchariſtia ſe intitula particulamente bom; porque ſe declara com ſingularidade fecundo. As meſmas pallavras o dizem: *Vinum germinans Virgines.* Como dos fruttos ſe infere a bondade das plantas; eſta planta que he Arvore da vida, tem a fecundidade de produzir Virgens. De tal frutto, como o da Virgindade, claro eſtà que ſe havia de inferir huã ſupperior bõdade da planta de donde naſce. Demaneyra que he eſte Sacramento Myſterio com excellencia bom; porque he com ſingularidade fecundo; & a fecundidade he argumento da bondade da planta; porque os fruttos ſaõ com ſingularidade ſuaves; mas a quantos ſuccede que eſta planta produz

1. Ad Cor. 11. V. 29. nelles fruttos amargozos. *Iudicium ſibi manducat*, diz Saõ Paulo, & iſto he o que eu dizia, que a meſma planta, & a meſma ſementeyra da graça ſendo em ſy fertil, em a noſſa *Terra* ſe eſterelizava; & a iſto meſmo chamo eu vaidade de

Eccles. 1. Verſ. 2. vaidades: *Vanitas vanitatum.*

18 E pello contrario, digo, que o mayor bem he a fecun-

cundidade com que estas plantas produzem fruttos; mas naõ o digo eu sò; disse-o Deos por bocca de David; porque querendo explicar a bondade de hum Justo, o comparou a huã arvore plantada junto das correntes das agoas; que havia dar frutto a seu tempo. *Et erit tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in tẽpore suo*; porque he particular obrigaçaõ que naõ faltemos nós com os fruttos, quando para a fertilidade nos naõ faltaõ as correntes; que estar junto das agoas que fertelizaõ, & naõ dar frutto a seu tempo; naõ pòde deixar de ser vicio da plãta; & assy como he bem grande o fruttificar; assy tambem he vaidade, & he castigo grande o ser esteril junto das correntes das agoas. He vaidade; porque he esterelidade vicioza; he castigo; porque he mal taõ grande; que parece naõ pòde ter outro castigo senaõ assy mesmo. Psal. 1. V. 3.

19 Aquella Figueyra, que Christo amaldiçoou, teve este castigo; porque estava esteril de fruttos; & o castigo q̃ Christo lhe deu, foy que naõ produzisse fruttos jàmais. *Nunquam ex te fructus nascatur in sempiternum.* Reparay no crime; & reparay na pena. O crime, que obrigou a Christo a esta demonstraçaõ, foy a esterelidade dos fruttos: *Nihil invenit in ea nisi folia tantùm*; & essa mesma esterelidade foy a pena com que a castigou. *Nunquam ex te fructus nascatur.* Foy este o crime para que ahy tivessemos nos exemplo; foy este o castigo; porque a pena naõ podia ser mayor; que o mayor castigo que se pòde dar a quem naõ corresponde com os fruttos, que Deos lhe pede; he naõ ter mais fruttos q̃ dar para se lhe poderem pedir. E notay: que para esta planta dar fruttos, ainda naõ era tempo. *Non enim erat tempus ficorum*, diz Saõ Marcos; & o mais que Deos quer de hum justo he, que dé fruttos a seu tempo: *Fructum suum dabit in tempore suo*; porem se para a planta como planta, ainda naõ era tempo; para a planta, como exemplo, a todo tempo era tempo. Matth. 21. Vers. 19. Marc. 11. Vers. 13.

20 Os homẽs, que saõ como plantas estèreis, em muitas

tas ocaziões achaõ que ainda naõ he tempo de fruttificar; mas as plantas,que saõ como homẽs; porque os significaõ; *Video homines velut arbores ambulantes*; a todo o tempo tem obrigaçaõ de dar fruttos. O Varaõ justo assemelhace à planta, que dà frutto a seu tempo; porque dà frutto quando Deos lho pede. A figueyra esteril assemelhace aos homẽs vaõs; porque quando Deos lhes pede frutto, respondem que ainda naõ he tempo. Sy he tempo de deyxar a esterelidade, quando alumeya o uzo da razaõ. Sy he tempo de produzir fruttos, quando Deos acòde com as correntes dos auxilios. Sy he tempo de multiplicar com abundancia, quando nos naõ falta a graça de Deos. Hè tempo de produzir fruttos bons, & de queymar por huã ves os espinhos, & màtto bravo em que bròta a nossa esterelidade, que eu seguro, que destas cinzas fiquemos mais fecundos. Couza sabida he que as *Terras* estèreis ficaõ fertelizadas com a cinza que as còbre, quando se lhe lança fogo ao matto: este remedio nos apontou ha poucos dias a Igreja, conhecendonos a enfermidade. A cinza em sy he estéril; a cinza lançada sobre a *Terra* hè fecunda: jà que somos *Terra*,que em lugar de fruttos produz màtto; em lugar de Virtudes viciõs: queymemos estes vicios, queymemos a vaidade; que com estas cinzas nos podemos fertelizar; para que naõ fiquemos como a *Terra* no primeyro chàos; naõ sò vaõs, & vazios; porèm a mesma vaidade: *Universa vanitas omnis homo vivens.*

Marc. 8. Vers. 24.

§. IV.

21 PAra ponderar a segunda razaõ pella qual a *Terra* em sua primeyra creaçaõ se chama vã, & vazia: *In principio creavit Deus Cælum, & terram; terra autem erat inanis, & vacua*: Excitarey primeyro huã duvida. Depois que Deos fertelizou a *Terra* de plantas, & a povo-ou de animaes; creando ultimamente o homem, lhe disse, que cresse,

Gen. 1. V. 1.

cesse,

cesse, & multiplicasse, & enchesse a *Terra*: *Crescite*, *& multiplicamini, & replete terram.* Naõ reparo em que Adam se lhe dè por bensaõ o multiplicar; porque quem lhâ lançava era aquelle infinitamente bom, & fecundo. Nem tambem duvido em que a bensaõ fosse de crescer, estando Adaõ creado na sua perfeyta estatura; porque se havia multiplicar em filhos, necessariamente havia crescer em sy; que o acrescentamento dos filhos tambem he proprio aos mesmos pàes. O em que reparo he, que se lance a Adam por bensaõ que encha a *Terra*. *Replete terram.* Isto mesmo succedeu a Noè no diluvio universal; porque depois que pellos peccados dos homens deyxou a *Terra* de ser *Terra*, & se reduzio a mar; & quando descuberta das agoas ficou *Terra* dezerta, & hermo solitario; tambem a Noè se lhe deu por bensaõ que enchesse a *Terra*. *Benedixitque Deus Noe, & filijs ejus, & dixit ad eos: Crescite, & multiplicamini, & replete terram.* Ibid. V.28. Gen.9.V.1.

22 Se pois no principio do mundo estava a *Terra* cheya de todo o genero de plantas; povoada de tanto numero de viventes: se no diluvio se guardaraõ dentro na Arca as mesmas especies de animaes; que a tornassem a povoar de novo: como so aos homẽs a Adam no principio do mundo, & a Noè depois do diluvio, se lhes lança por bensaõ que enchaõ a *Terra*? *Replete terram.* Desta duvida tiro eu a razaõ, porque a *Terra* se chama vã, & vazia; porque como nem no principio do mundo, nem depois do diluvio estava habitada de homẽs; nem em hum, nem em outro tempo deyxava de estar vazia; & he o mesmo chamarlhe *Vacua*, que chamarlhe dezerta, & inhabitada; & a razaõ he, que como a *Terra* foy creada para habitaçaõ dos homens, ainda quando cheya de animaes, & povoada de plantas: em quanto naõ tinha homẽs, estava vazia; porque estava dezerta. E àquella bensaõ, *Replete terram*, que Deos lançou aos homẽs; igualmente foy bensaõ para elles, & para a *Terra*: para elles pella fecundidade, que lhes comunicou; para a *Terra* pellos habita-

bitadores, que lhe deu, & aquelle *Replete* foy a perfeyção q̃ emmendou o vicio daquelle *vacua*.

23 Pareceme que advertisjà em huã grande semelhança entre a *Terra*, & os homẽs seus filhos; porque assy como a *Terra* foy creada para habitação dos homẽs; assy os homẽs forão creados para habitação de Deos. *Dilitiæ meæ esse cum filijs hominum*. E assy como os homẽs forão abensoados para complemento da *Terra*; assy Deos tem por gosto, & por dilicia servir de cõplemento aos homẽs. Em fim q̃ *Terra* sem homẽs he vazia, & dezerta: homẽs sem Deos são mais q̃ dezertos, & mais q̃ vazios: *Universa vanitas omnis homo vivẽs.*

Proverb. 8. Vers. 31.

24 Naõ sey se pôdem explicarse a este intento aquellas pallavras de Saõ Paulo, quando fallando de Adam, diz que o primeiro homem foy da *Terra* terreno. *Primus homo de terra, terrenus*. Parece repetição inutil de pallavras; porq se era da *Terra* terreno era; mas não he senão figura mysteriosa; & pareceme a my que esta repetição *De terra, terrenus*, corresponde àquella multiplicação de vaidades: *Vanitas vanitatum*; porque ainda que os homens, por filhos da *Terra*, saõ vaõs, & de sua natureza *Terra* dezerta; comtudo habitados da Divina graça, ficão emmendados deste primeyro vicio da vaidade; mas se àlem de filhos da *Terra* seguem as inclinaçoẽs della, & ficão *Terra* dezhabitada dos beins da Divina graça; não só ficão da *Terra* terrenos; porem multiplicão as vaidades: *Vanitas vanitatum*; & apparecem *Terra* dezerta, & inhabitada; & a razão he a que temos apontado. Nem à *Terra* lhe tirão o ser *Terra* os animaes que a habitão; nem ao homem lhe tira o ser dezerto o mundo que logra; porque a *Terra* foy creada para os homẽs; & os homẽs forão creados para habitação de Deos. Notay.

1. Ad Cor. 15. V. 47.

25 Houve de lamentarse o Propheta Ieremias pella Cidade de Ieruzalem; & rompeu nestas queyxas lastimozas, *Quomodo sedet sola Civitas plena populo*. Como està solitaria, & dezerta a Cidade cheya de povo. Ha modo de fallar tão im-

Thren. 1. Vers. 1.

implicado? *Terra* solitaria, & cheya? *Terra* dezerta, & povoada? Pòde ser unirse este *sola* com aquelle *plena*? Dàsse cazo que a mesma Cidade, & a mesma *Terra* seja hermo solitario: *Sola*; & povoação numeroza; *Plena*? Sy pòde; & a solução destas pallavras, parece que depende das seguintes. *Facta est quasi vidua domina gentium.* A que foy destinada para senhora do mundo, ficou como dezemparada. *Princeps provinciarum*; sendo principal Metropole de tantas Provincias. Demaneyra que Ieruzalem era cabeça destinada para principal domicilio do Imperio, & para habitação dos Governadores das mais Provincias; pella desolação desta Cidade, ainda que ficasse com numerozo povo; perdeu os principaes habitadores; perdeu o que tinha de Senhora, & de Princeza das mais terras, & Provincias: pois ainda que fique cheya: *Plena*: està dezerta, & solitaria: *Sola*; porque a não enche a gente que nella està; senão os Princepes, & Dominadores que devião estar. Pouco importa que a habite o povo: *Plena populo*; se a não habitão aquelles para quem era particularmente destinada, como Senhora das Gentes, & Princeza das Provincias. *Quomodo sedet Princeps provinciarum.*

26 Nesta Cidade mysticamente se entende a alma de hum homem; & por ella se pòdem fazer igualmente as mesmas lamentaçoẽs. Como o homem foy destinado para habitação de Deos, pouco importa que se veja cheyo de tudo o que tòca ao mundo: Os affectos mundanos saõ o povo que enche, & alborota esta Cidade: a habitação de Deos he que a faz Senhora, & que a faz Princeza; pois que importa que esteja cheya deste povo: *Plena populo*; se està vazia daquelle Principado. *Quomodo sedet sola, Princeps.* Não enche a alma aquillo que a enche, senão aquillo que a deve encher. Não habita na *Terra* do homem o que habita, senão o que deve habitar: nem à *Terra* lhe tira o ser dezerta estar povoada de brutos; nem ao homem o estar cheyo de affectos munda-

da-

danos, & terrenos. A T*erra* deyxa de ser dezerta depois que he habitada de homens; os homens deyxão de ser dezerto só depois que os habita Deos; & sem Deos, por mais que os encha o mundo: *Plena populo*: ficão hermo solitario: *Quomodo sedet sola*.

Psal. 118. Vers. 32. 27 *Viam mandatorum tuorum cucurri* (dizia David) *cum dilatasti cor meum*. Senhor dilataste-me, & alargaste-me o coração, quando andey no caminho dos vossos preceytos. Reparay no rigor daquella pallavra *Dilatasti*; porq aquillo que se dilata, estava de antes apertado; & algũa cousa ha de haver que o encha para que se dilate; pois que he o que enche o coração a David que tanto lho dilata? *Cum dilatasti*
Psal. 39. V. 9. *cor meum*. As primeyras pallavras saõ a reposta da duvida: *Viam mandatorum cucurri*. David observando os preceytos de Deos; metia a Ley de Deos no seu coração: *Et legem tuam in medio cordis mei*; & como Deos enchia o coração de David; necessariamente se havia dilatar o coração; porque se enchia: demaneyra que o que dilata o coração, he o que o enche; & o que enche o coração he Deos. Sem Deos està o coração humano apertado; porque està vazio, & dezerto; com Deos fica o coração humano cheyo; porque fica povoado, & por isso he precizo que se dilate: *Cum dilatasti cor meum*.

28 Assy he, fieis, que os homẽs sem Deos somos T*erra* dezerta sem habitador; & assy como somos da T*erra* terrenos; assy somos dezertos inhabitados. Em que eu o não dissera, parece que o dizia o grande Bautista. Quando os Fa-
Joan. 1. V. 19 rizeus perguntarão ao Bautista quem era. T*u quis es?* Elle por ultima conclução lhes respondeu; que era voz que cla-
Ibid. V. 23. mava no dezerto: *Ego vox clamantis in deserto*. Como assy? O povo de Iudea, a quem o Bautista prègava penitencia, era dezerto? Mais; & se era dezerto, para que era bradar-lhe cõ esta voz? O dezerto, quando muito, repete os eccos, mas não ouve as vozes. E para que era que esta voz clamace?

En-

Entre a numerosa multidão da gente, serão necessarios clamores, para que se oução; porem na solidão de hum dezerto qualquer voz se percebe. Pois como he isto dezerto, & dezerto a que se falla, & não com vozes, senão com clamores? *Vox clamantis in deserto.* Sey eu que para Deos guiar assy aquella Alma, que introduz o Propheta Ozeas no Cap. 2. Osee 2. V. 14
diz que a havia levar a hum dezerto retirado da gẽte; & que ahy lhe havia de fallar com huã voz tão branda, que nem os ouvidos a ouvissem; & só o coração a percebesse: *Ducam eam in solitudinem: & loquar ad cor ejus.* Pois ao retiro apartado dos homens chamace dezerto; & tambem se chama dezerto a hum povo cheyo de homens? *Vox clamantis in deserto.* Naquelle dezerto basta huã voz, que sem entrar pellos ouvidos, chega ao coração; *Loquar ad cor ejus.* E neste dezerto saõ necessarios clamores? *Vox clamantis in deserto.* Tudo saõ dezertos, & tudo saõ vozes; mas vay muito de hum dezerto a outro dezerto, & de huã voz a outra voz. Saõ dezertos os homẽs, a que clama o Bautista; porque como a homẽs apartados de Deos lhes prèga penitencia: *Pænitentiam* Matt. 3. V. 2
agite. Porem o dezerto a que Deos leva huã Alma, he dezerto de homens. O dezerto em q̃ clama o Bautista, saõ homẽs com natureza de dezerto. Naquelle dezerto basta huã voz branda; porque não ha estrondos do mundo, que perturbem o ouvila: *Loquar ad cor ejus.* Neste dezerto saõ necessarios clamores: *Vox clamantis in deserto*; & ainda assy se não ouvem; porque os homẽs, que saõ como dezertos, ouvem as vozes, para as repetir como eccos; & não para as entender como soaõ. Assy he que as vozes dos Prégadores ouvillas, como se não as ouviçeys; & o que mais faz, repetelhe lá fóra os eccos; & nem estes clamores bastão; porque he bradar em dezerto. *Vox clamantis in deserto.*

29 Que outra couza he hũ homẽ esquessido totalmẽte de Deos senão hũ dezerto sem cultura por negligẽcia nóssa; de quem nos Proverbios se diz, que o cãpo de hum homem preguiçoso estava cheyo de urtigas. *Per agrum hominis pi-* Proverb. 24. Vers. 30.

gri transivi, & ecce totum repleverant urticæ. Habitado sómẽte de feras, que saõ os peccados monstruosos, de q̃ diz Izaias.
Isaiæ 35. V. 7 *In cubilibus in quibus priùs dracones habitabant, orietur viror calami, & junci*, Adonde não apparecem mais que montes altissimos de soberba; valles profundos da ignorancia; còvas escuras, fechadas totalmente à luz do Ceo, & à da razão; Campinas dilatadas de esperanças vaãs do futuro; troncos inuteys de obras infruttuozas, Serranias de asperos penedos de tensoẽs obstinadas; Caminhos sem caminho para a verdadeira doutrina; *Terra*, que não he *Terra*, senão pò; & pò a quem Deos ameaça que o ha de desfazer com hũ sopro
Psal 17. V. 43 de vento: *Cõminuam eos, ut pulverem ante faciem venti*. E em fim tudo solidão, sómente habitada de feras monstruozas, q̃ saõ os nossos vicios; tudo estereli lade, & aspereza, q̃
Proverb. 24. V. 30. não bròta mais que espinhas: *Operuerant superficiem ejus spinæ*: Espinhas para os mesmos homẽs, & espinhas para o pro-
Matth. 27. V. 29. prio Deos: *Plectentes coronam de spinis posuerunt super caput ejus*.

§. V.

30 AH *Terra* dezerta da natureza humana! Se esse teu dezerto sem cultura brotàra espinhas só para ti, justo era; porque as espinhas só mal tratão, & ferem a quem se não desvia dellas; mas que por estares dezhabitada de Deos, bròtes espinhas contra o mesmo Deos; he voltar o castigo contra quem to pòde dar, & dá. A Adam, depois do seu peccado, se deu por castigo, que a *Terra* lhe produzisse
Gen. 3. V. 18. espinhas: *Spinas, & tribulos germinabit tibi*. Esta pena tem parte de mizericordia; & parte de asperissima. Dar espinhas a *Terra* em que se magoe Adam, he hum castigo de q̃ Adam se pòde livrar, não tocando as espinhas; porem dandosse por officio a Adam que cultive a *Terra*, & os fruttos della; seja a *Terra* taõ fragòza, & esteril, que em lugar de fruttos correspona com espinhas; he castigo, que parece quiz exprimir o

Tex-

Texto Sagrado; quando disse, que estas espinhas gerava a *Terra* para Adam: *Germinabit tibi.* E não podia ser para Adam pena mais cruel; nem castigo mais rigurozo; que sendo elle o Artifice da cultura, lhe nascessem para elle por fruttos os castigos: mas não tem que se queyxar Adam, nem seus descendentes, que a sua *Terra* fragoza, & aspera; & em tudo sempre dezerta à cultura do melhor habitador, que he Deos; tambem não corresponde com outros fruttos mais q̃ com as espinhas de peccados; que saõ as que povoão a *Terra* humana dezerta pello esquessimento de Deos.

31 Ainda digo mais: não só fica o homem dezerto de Deos, quando lhe falta este habitador; mas parece que fica dezerto de sy mesmo: não dezerto de sy; porque esteja em Deos; mas dezerto de sy; porque està fora de sy. Quando Adam peccou; querendo Deos tomar rezidencia do delicto; preguntou primeyro pello delinquente; & o que preguntou foy, onde estava? *Adam ubi es?* Se Adam està no Paraizo, Ibid. V. 9.
& Deos o sabe muito bem, para que o pregunta? Principalmente quando a pregunta falla com o mesmo Adam: logo em lugar estava Adam onde ouvia a pregunta. Pois para q̃ inquire Deos aquillo que sabe? Oh! que como Adam peccou, perdeu aquella morada, que Deos fazia nelle pella graça original; & consequentemente ficou dezerto de Deos: como ficou fóra de Deos; tambem ficou fóra de sy; & como Adam não estava em sy, nem em Deos; por isso Deos lhe pregunta onde està? *Adam ubi es?* Porque Adam justo he *Terra* habitada de sy, por ser habitada de Deos; porem Adam peccador, como he *Terra* dezerta de Deos; he *Terra* dezerta de sy mesmo: nem elle proprio habita em sy; por isso justamente se lhe pregunta onde està? *Adam ubi es?*

32 Ditôzos aquelles, que transformandosse todos em Deos; então estão mais em sy, quando estão somente com Deos. Saõ Paulo arrebatado ao terseiro Ceo, ficou tão fóra de sy mesmo, que elle proprio não sabe se foy em corpo, se

2. Ad Cor. 12. V. 2. sem corpo. *Sive in corpore nescio, sive extra corpus nescio, Deus scit.* Porque como elle entendia que o corpo era morada da alma: depois que a alma habitou tanto com Deos. *Scio hominem in Christo.* Duvidou se habitava no seu corpo. *Sive in corpore, sive extra corpus nescio.* Mas desgraçados aquelles, q̃ por habitarem todos em sy, sahem fôra de sy, perdendo a Deos: ficando *Terra*, sobre infruttuoza dezerta; & consequentemente com a herança daquella *Terra*, donde forão formados; & assy como saõ da *Terra*, terrenos; assy ficão como a mesma *Terra* vaõs, & vazios; antes ficão a propria vaidade: *Universa vanitas omnis homo vivens.*

§. VI.

33 ATègora ouvistes razoẽs moraes; porque a *Terra*, & os homens formados della, merecem o nome de vaõs; porem porque nas outras *Tardes* havemos fundar a vaidade humana sobre a accommodação de alguãs circunstancias, & propriedades naturaes dos *Elementos*. Será justo que descubramos em a natureza da *Terra* alguã razão com que accuzemos a vaidade dos homẽs terrenos.

34 Olhay para a màquina de toda a *Terra*; vede a circumferencia deste grande globo, a quem os Geometras assinão de espasso circular sete mil & quinhentas legoas; vastidão tão grande, & admiravel, que ainda não pode darlhe o ultimo alcance a ambição humana; que pella descobrir faz diligencia ha tantos seculos: notay a altura inaccessivel de tantos montes; a robusteza das profundas cavernas, & inexcrutaveys grùttas, capazes de por limite ao impeto furiozo das agoas. Toda esta màquina està posta no meyo do mundo. Preguntareys quem a sustenta? Quem tem mão em pezo tão desmedido? Quem sopórta a grandeza dos edificios, que sobre a *Terra* se levantão? Nenhuã outra couza, dizem os Filozofos, mais que o proprio pezo. Porem esse mesmo pezo,

Tem a terra de circulo redondo 7500. legoas de Diametro 2385 & de Semidiametro 1193. conforme a melhor opinião.

pezo, que forças de Atlante o sustentão ? Nenhũas outras, senão a propensaõ que tem para o centro; & esse centro que he? He hum ponto; & esse ponto? Hum nada. Demaneyra, que por ultima concluzão, o que sustenta toda a màquina da *Terra* he a inclinação, o pezo, a propensaõ, que tem para hum nada: *Appendit terram super nihilum*. Disse Iob, admirando isto por huã grande maravilha da Omnipotencia; porem isto que na *Terra* he natureza maravilhoza; nos homẽs terrenos he herança digna de lastima. Huã das mayores vaidades, ou o fundamento de todas quantas tem os homẽs, he o grande pezo, & inclinação que os faz propẽder para o nada. Notay. Iob 26. V. 7.

35 *Filij hominum usquequo gravi corde?* Homẽs (diz David) atè quando haveis de ser pezados de coração? Duas couzas acho em que reparar nestas pallavras. Sey eu que em outra parte chamou David ao coração dos homens vaõ. *Vanum est cor eorum*; & parece que quanto huã couza he mais vã; tanto tem menos de pezo. Se pois os coraçoens dos homẽs saõ vaõs; como lhes chama David pezados? E porque razão chama pezado sò ao coração? As pallavras seguintes satisfazem ambas as duvidas. *Ut quid diligitis vanitatem?* Para que amais a vaidade? Ora fazey este discurso. A vaidade he hum nada: o coração he o centro das inclinaçoẽs; as inclinaçoẽs saõ o pezo que nos mòve: logo seguesse, que se o coração ama a vaidade; para a vaidade pezão as inclinaçoẽs do coração; & se pêza para o nada da vaidade; quanto mais vaõ; tanto mais pezado; & por ultima consequensia: o seu pezo: *Gravi corde*: he a sua mais refinada vaidade. *Vanum est cor eorum.* Psal. 4. V. 3. Psal. 5. V. 10.

§. VII.

36 DIscorrey mais particularmente sobre as inclinaçoẽs, que nos fazem pezar, & propender neste mundo para alguã parte; & achareys que tanto pèzão mais;



quanto he menos, ou nada aquillo para onde pèzão. Vede a huns a quem nenhuma outra couza mòve, senão o appetite de conservar a vida: reputando a pequena duração della como preço inextimavel de todos os trabalhos; & logo por outra parte nenhum cuidado sobre a Eternidade, onde hão de viver sem fim. Homens; não vos mòve nada o pezo da Eternidade? Não vos leva apos-dessy o pezo da gloria; a
2. Ad Cor. 4. Vers. 17. quem São Paulo chamou pezo Eterno? *Æternum gloriæ pondus?* Se este pezo vos não atrahe, & inclina; que propẽsaõ he a que contrapèza a tão grande força? Que? Hum
Iob 7. V. 16. nada de huã vida caduca: disseo Iob. *Nihil enim sunt dies mei.* E se os dias, que Iob reputa por seus, saõ hum nada. *Nihil enim sunt:* que serão os dias, que nòs não sabemos se serão nossos? E para este nada tanta inclinação! Tanto pezo! Vedes outros que toda a sua ancia he ajuntar riquezas; entendendo que nellas tem o muito, como o Rico Avarento:
Luc. 12. V. 19 *Anima habes multa bona*; & tem o tudo; porque nas riquezas fundão toda a sua felicidade: *Comede, bibe, epulare.* Por amor dellas desprezão a vida; que naturalmente he tanto appetecida. Não ha inconveniente, nem trabalho, que lhes não pareça muito leve; porque de outra parte lhe contrapoẽ a inclinação para as riquezas, que he mais pezada. E que riquezas saõ estas para onde tanto pezão? Ouvi a Salamão, q̃
Sap. 7. N. 8. depois de as lograr, disse que erão nada? *Divitias nihil esse duxi.* Ouvi a David. *Dormierunt somnum suum; & nihil*
Psal. 75. V. 6. *invenerunt omnes viri divitiarum in manibus suis.* Dormião o seu sonno os homẽs das riquezas; & nada acharão nas suas mãos: E reparay que ao sonno chama seu; às mãos chama suas; às riquezas não lhes chama suas. As mãos sy saõ nossas; porque em a nossa maõ està o nosso obrar: o sonno sy he nosso; porq sò isso temos certamente de nosso, que he o morrer; porem as riquezas não saõ nossas; nòs he que somos das riquezas: *Viri divitiarum*; & essas riquezas, que taõ seus nos fizerão, saõ hum nada. *Nihil invenerunt.* Reparay em outros,

tros, a quem nenhuã outra couza mòve mais que o pezo da honra; a memoria que depois de sy haõ de deyxar: este pezo os arrasta de maneyra; que jà he leve o pezo da vida, & o das riquezas, em se pondo em ballança com o da honra: jà he leve a transgressaõ de todos os preceytos; com tanto que ao depois permaneça venerada a sua imagem na memoria dos vindouros. Parecevos isso couza de grande momento? Parecevos que para nenhuã parte se deve pezar mais, que para esse ponto de honra? Para essa imagem, que ha de ficar de vòs ao futuro? Pois tudo isso he nada: hão de desvanecerse todas essas imagens. *Imaginem ipsorum ad nihilum rediges:* Psal.72.V.20 diz outra vez David; mais propriamente lhes chamâra eu imaginaçoẽs, do que imagens; & suppondo que saõ nada com propriedade lhes chamou David imagens nossas; porque depois de reduzidas ao nada; reprezentão ao vivo esse nada, que as fabricou na fantezia. Adverti em outros, cujo cuidado todo saõ os Idolos deste mundo; para elles pèzão as suas adoraçoẽs; para mor delles jà nem ha appetite da vida, nem cobiça das riquezas; nem ambição de honras. O ponto he adorar perdidamente estes Idolos; empregâr nelles todos os sentidos, & potencias da alma; que como todas vaõ afastadas com a força deste pezo; nenhuã outra carga parece pezada. E que ponto he este para onde caminha tão dezenfreadamente a nossa propensaõ? Ouvi a S. Paulo. *Scimus* 1. Ad Cor. 8.V.4. *quia nihil est idolum in mundo.* Mas porque SaõPaulo reconhecia q̃ estes Idolos erão nada; por isso tão repetidas vezes o affirma: nòs nem ainda experimentando-o o sabemos; porque julgamos que nesse nada està tudo.

37 Dizem os Naturaes, que se de hum lugar eminente se lançarem dous pezos; se observão nelles alguãs circunstancias notaveis. A primeyra, que quanto mais para bayxo descem; tanto mais depressa caminhão; porque os mòve a vizinhança do centro para onde se chegão. A segunda, que se encontrão hum com outro, como em contenda, de qual ha

de chegar mais depressa. Cuiday vòs bem se succede isto nos homẽs terrenos. Quantas vezes os vedes em contenda sobre qual ha de alcançar com mais pressa estes nadas ? E quanto mais a elles se chegão, com mayor prèssa os querem conseguir. Tudo isto saõ effeytos que fazem aos homẽs verdadeyramente terrenos ; porque (como a *Terra*) para o nada pèzão, & neste nada parece que se estabelecem : sustentão sobre sy màquinas de vicios ; torres mayores que as de Babel ; que não lhes estranhão o pezo; antes lhes daõ capacidade aos aliceces ; & disto nenhũa outra cauza ha, senão que como todos estes pezos inclinão pàra o nada; com elles mesmos se sustentão sobre esse nada. *Appendit super nihilum.*

38 Saõ Paulo ainda disse mais ; que se tivermos toda a sciencia ; toda a fee, & outras muitas virtudes ; tambem isto he nada. *Si habuero omnem scientiam, omnem fidem, itaut mõtes transferam nihil sum.* Pois se tudo isto he nada, qual he o tudo ? O mesmo Saõ Paulo. *Charitatem autem non habuero.* O tudo he o amor de Deos. Pos Deos ao homem neste mũdo, assy como pos a *Terra.* No meyo do mundo o nada do centro ; em circuito o Ceo ; no meyo de ambos a *Terra* : assy fes ao homem. De huã parte lhe pos os nadas do mundo; de outra o tudo das couzas celestiaes : a *Terra* quiz que por natureza pezâsse para o nada ; o homem quiz que por virtude pezâsse para o tudo : O tudo he Deos ; o pezo he o amor ; por isso se a Charidade falta, falta tudo. : *Charitatem autem non habuero nihil sum.* E assy como saõ menos , ou saõ nada os mais fundamentos sobre que nos estribamos ; assy tambem nos fazem mais facil a nossa ruina , & a nossa aniquilação. Notay.

1. Ad Cor. 13. V. 2.

39 Aquella celebre Estatua de Nabuco (que por vaidade sonhada nos servirà muitas vezes de argumento ao nosso assumpto) era composta de differentes metaes , cada qual mais pezado. De ferro, bronze, prata, & ouro ; porem o pezo mayor occupava o lugar supperior da cabeça , que era de

ou-

ouro ; o menor o lugar inferior, que era o ferro: a prata, como mais leve , que o ouro, & mais pezada, que o bronze; ficava supperior a este, & inferior àquelle. Demaneyra que o pezo mayor estribava sobre o menor, & todo junto tinha por alicece o barro. Houve de reduzirse a nada esta Estatua com os impulsos de huã pedra ; & toda a sua força empregou a pedra no barro dos pees ; & por consequensia se desfes toda a Estatua em nada. *Redacta quasi in favillam æstivæ areæ; quæ rapta sunt vento : nullusque locus inventus est eis.* Dan.2.V.35. Parece que era mais proporcionado o golpe na cabeça; não só porque era a mais precioza parte da Estatua ; mas porque em fim era a cabeça; & para arruinar Principados reprezentados nesta Estatua; não ha golpe mais efficaz, que o que se emprèga na cabeça. E se para arruinar hum Gigante, achou David que o instrumento mais seguro era a pedra, cõ que lhe ferio a cabeça; porque se não arruina a Estatua, como se arruinou o Gigante? Porque razaõ a pedra, que derruba o Gigante fere a cabeça ; & a que ha de aniquillar a Estatua fere os pees? Por isso mesmo, que huã derruba, & outra aniquilla. Para por por *Terra* a fortaleza verdadeyra de hum Gigante, façasse o tiro à cabeça, que o governa; para reduzir a nada a vaidade de huã Estatua; desfaçasselhe o nada de hum pequeno de barro sobre que se estriba. Como todo o pezo de metaes taõ graves se estriba sobre o menos de huns pees de barro: o melhor modo de mostrar que esse pezo he nada, he derrubarlhe o nada sobre que se funda.

40 Este composto da natureza humana he huã estatua em que se faz liga do metal preciozo do ouro, & do nada de hum pequeno de barro. O corpo he hum pouco de pò; que Deos edificou; ou como diz outra Versaõ, fingio na forma humana. *Finxit Deus hominem de limo terræ.* A alma he o ouro preciozo, que lhe infundio ; & taõ preciozo, que o seu preço he inextimavel: a uniaõ, que pos entre ambos, he a liga com que ajuntou os metaes. Se o pezo do ouro, quero di-

dizer, se o ser da alma se estriba sobre o nada do barro; quero dizer, se inclina, & pêza todo para este fragil fundamento; em se tirando o fundamento deste nada; que ha de acôtesser, senão ficar aniquillado tambem aquelle ouro. Assy como a Estatua constava de quatro metaes; assy o homem inclúe na sua natureza quatro grâos differentes. O mais perfeyto de todos, & o mais supperior he o grâo de racional; outro mais inferior he o de sensetivo; outro, ainda mais abayxo, he o de vegetativo; o ultimo he o de mixto, a quem sustenta, & dà forma o solido da *Terra*. Se o racional péza para o sensetivo, & não para o eterno; se o sensetivo só se inclina para a natureza do vegetativo; que se ha de seguir senão arruinarse a Estatua toda ao leve gôlpe de huã pedra, que pode desfazer o nada de huã pequena de *Terra*. *Percussit statuam in pedibus, & comminuit eos.*

§. VIII.

41 PAra que assy não seja, he necessario mudar os pezos, & as propensoẽs. O que temos de *Terra*, o que temos de viventes, o que temos de sensetivos, tudo ha de pezar para o que temos de racionaes. Ha de pezar o barro, o ferro, o bronze, & a prata: para onde? Para o ouro; ao contrario do que succedeu na Estatua, & reconhecendo que a parte mais precioza he o ouro racional da alma: de tal maneyra para là ha de propender todo o demais pezo, que pareça que toda a Estatua he de ouro. Nabucco, depois que vio arruinada a Estatua pello nada defeytuozo do fundamento, fabricou outra que fosse toda de ouro. *Nabuchodonosor Rex fecit statuam auream.* Faça a nossa Christandade o que fez a sua idolatria: mudemos a natureza aos metaes, & aos pezos; não se desfaça em nada o ouro; por pezar para a *Terra*, que he nada: convertasse a *Terra* em ouro; pezando toda para o ouro, que he tudo.

Dan. 3. V. 1.

42 De-

42 Demaneyra que moralmente havemos de pezar ao contrario do que pezamos materialmente. Depois que Balthazar, carregado de vicios, mereceu a publicação da ultima sentensa, que o condenou a perder o Reyno, & vida: diz o Texto do Propheta Daniel, que foy pezado em huã ballança; & porque se achou que pezava menos, lhe seria tirada a vida, & o Imperio. *Appensus es in statera, & inventus es minus habens. Divisum est regnum tuum.* Dan. 5. V. 27 & V. 28. Se o que condena a Balthazar saõ os seus crimes: *Adversum Dominatorem Cæli elevatus es.* Vers. 23. Como a ballança em que estes se pèzão, se acha com menos pezo? Por isso mesmo pezava menos; porque pezava mais. Pòsta a carga de peccados de Balthazar em huã ballança; fazia propender a ballança atè bayxo; & o pezo que nos leva para bayxo, esse he o que nos condenna: O pezo, que nos salva, he aquelle que pèza para sima; que deyxa os nadas, para onde os vicios nos fazem propender, & busca o tudo, que he o centro, para onde devemos inclinar. A Charidade he fogo; o movimẽto do fogo he para a esphera supperior: Se pezamos como *Terra*, & a nossa inclinação nos não mòve, como fogo; esse mesmo fogo posto em ballança, como he para o menos, faz, que pezando muito, como *Terra*, não pezemos nada. *Inventus es minus habens.*

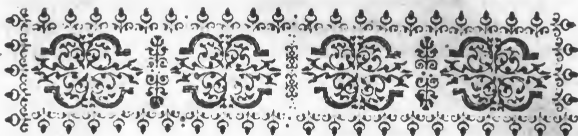
43 Porem se na materia de que fomos formados temos ou a origem, ou o simbolo da nossa vaidade: no modo com que fomos reformados acharemos o remedio deste vicio: fomos formados de *Terra*: *Formavit igitur Deus hominem de limo terræ*; Gen. 2. V. 7. que misturada com huã pouca de agoa fez hum edificio de taypa, & muito fragil: fomos reformados com huã materia muy sólida; qual he a pedra angular Christo Jesus, que misturada com o seu sangue, pòde fazer o edificio Eterno. Aquelle sangue que no Horto buscou com tanta ancia a *Terra*: *Sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram*: Luc. 22, V. 44. foy para lhe dar a firmeza que ella de sy não tinha. Depois que Christo fecundou a nossa *Terra* com o seu sangue; & a achou

achou materia capaz de se formar tambem della: depois que benignamente nos comunicou as suas influencias. *Etenim*
Psal. 84. Vers. 13. *Dominus dabit benignitatem*: não he razão que a nossa *Terra* seja estèril em dar fruttos. *Et terra nostra dabit fructũ suum.*

44 Depois que Christo nos escolheu para morada sua, &
Ioan. 1. V. 14 para habitar em nòs. *Et habitavit in nobis*: naõ he razaõ q̃ nòs nos naõ façamos morada de Deos; para que em nòs per-
Ioan. 15. V. 4 maneça Deos morador. *Manete in me: ego in vobis.* E se Christo disse, que quando elle fosse levãtado sobre a *Terra*,
Ioan. 12. Vers. 32. nos havia levar todos assy. *Ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum*: como pòde ser que contra esta força, que nos levanta da *Terra*, rezista o nosso pezo, q̃ nos faz propender para ella? Naõ he necessario que nòs pezemos para Christo com tanto impeto nosso, que não baste deyxarnos levar sem rezistencia da força com que elle nos atrahe.
Rom. 12. V. 2. Reformemonos, torno a dizer; *Reformamini*: Incline o nosso pezo para onde Christo nos chama com tanta força: fruttifique em nòs a graça, que Christo nos comunica com tanta
Coloss. 3. Vers. 9. liberalidade: Dispamonos da natureza antiga. *Expoliantes vos veterem hominem.* Naõ herdemos de Adam o ser terrenos: vistamonos de huã natureza nova: *Et induentes novum.* Imitemos ao segundo Adam celestial: *Secundum imaginem ejus, qui creavit illum.* E escuzando, por este modo, à nossa *Terra* o vicio de esteril; evitaremos tambem em nòs o que nos accuzaõ da vaidade: *Verumtamen universa vanitas omnis homo vivens.*



DIS-



DISCURSO II

Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.
Ex Psalmo 38. Vers. 6.

45 OMPAROU São Bazilio a natureza das couzas mundanas com huã corrente de *Agoa*, que com impetuoza velocidade busca, & acha no mar o seu fim. *Res naturales instar aquarum fluvij fluxæ, nunquam statum, semper varietatem adeptæ, convenienter constitutæ sunt in tempore natura sua fluxo, quod semper urgetur, & efluit, &c.* A mesma semelhança achou São Ioaõ Chryzostomo na vida do homem. *Res nostræ sunt similes vehementi fluento, quod nusquam vult consistere, sed fertur festinans addeclive.* Vedes hum Rio, quando mais soberbo com a enchente das *Agoas*, que parece affecta emulaçoens com o mesmo Oceano? Ora inquirilhe o principio; esquadrinhaylhe os progressos, & reparaylhe no fim. Ao principio foy huã pequena fonte; depois com alguns regàtos, que lhe acresceraõ, chegou a ser corrente: logo com a mistura de outras correntes, & com a innundaçaõ das chuvas, cresceu à grandeza de Rio, que não cabendo jà na mãe alaga os Campos; & ultimamente desangrado em varios braços, quebradas as forças, perde o ser, & o nome no mar em que se sepulta.

D. Bazil. hexam. hom. 1.

D. Ioan. Chryz. hom. 30. in 1. Corinth.

46 Eys alli a vida, & as idades do homem. Na *Infancia*, fon-

Fonte; na *Adolescencia*, Corrente; na *Iuventud*, Rio; na *Velhice*, tambem Rio; mas quebrado já das forças, atè que na morte perde o ser; porque acha o fim. Na *Infancia*, fonte, mas de *Agoa* pura; porque ainda innoscente, sebem com ressabios da tèrra de que brôta; que he a injustiça original. Na *Adolescencia* jà he *Agoa* com mistura de outras *Agoas*; porque ao mesmo passo que cresce com a idade, se distrahe com as inclinaçoēs. Na *Mocidade*, rio, jà impetuozo com a força dos affectos dezordenados; jà turvo com a mistura dos erros do entendimento, & da vontade. Vltimamente na *Velhice*, perdidas jà as forças, ou porque lhe cança o impeto; ou porque lhas divertiraõ por huã parte a sensualidade; & por outra os mais vicios. Caminha em fim ao mar Morto, ou ao mar da morte: mar em que continuamente entrão tātos rios,
Ecclez. 1 Vers. 7. & nunca cresce: *Omnia flumina intrant in mare, & mare non redundat*. Mar que igualmente sorve em sy os Rios da *Mocidade*, as Correntes da *Adolescencia*, & as Fontes da *Puericia*.

47 Tanta semelhança tem a natureza do homem com a *Agoa*, & não he de admirar, que tenha o homem com a *Agoa* semelhanças, se participou tambem della a natureza. Não creou Deos ao homem de terra somente; senão de terra misturada com *Agoa*, ou de lodo, que isso quer dizer a pallavra
Genes. 2. Vers. 7. do Texto *De limo terræ*. E como pella prevaricação de nosso primeyro Páe, ficou a parte inferior do homem rebellada contra o Espirito; assy como em muitos predomina o Elemento da *Terra*; assy em outros prevalece o Elemento da *Agoa*; porque nelles avulta mais a semelhança que com ella tem: & como a *Agoa* de sua natureza he fluida, descubro nella alguãs propriedades, que a fazem como espelho, em que vejamos as circunstancias da nossa Vaidade: & reparo particularmente em trez. A primeyra he a inconstancia cō que a *Agoa* conserva qualquer imagem, que se lhe imprima; porque como he fluida, com a mesma facilidade com que se lhe estampa huã imagem, com ella mesma se lhe perturba, &

con-

confunde. A segunda, que para a *Agoa* se viciar, & mudar a natureza, basta a qualidade do lugar por donde passa; porque perdendo logo a pureza natural, de que he dotada, se reveste das qualidades alheas, & se accommoda a naturezas differentes. A terceyra, que sendo tão facil em perder a pureza, & qualidades proprias, he tão difficil de despir as alheas; como vemos na *Agoa* salgada, q não pòdem adoçalla tantos, & tão caudelozos rios de *Agoa* doce, que continuamente se lhe misturão.

48 Sem chegarmos a ponderar nenhuã destas propriedades, jà me parece, que tendes advertido todos, cadahum em sy, o como vos pareceys com este Elemento: porem a my não me satisfaz, que vos vejaes nelle a vòs, & à vossa vaidade: he necessario darvola a beber nesta *Agoa*. Moyzes paemmendar a idolatria do Povo, queymoulhe o Idolo, & deulhe a beber as cinzas. *Arripiensque vitulum quem fecerant, combussit, & contrivit usque ad pulverem, quē sparsit in aquam, & dedit ex eo potum filijs Israel.* Oh! quem pudera darvos hoje a beber nestas *Agoas* as cinzas dos vossos idolos, que saõ as vossas vaidades. Comecemos pela primeyra propriedade. Exod. 32. V. 20.

§. I.

49 NA creação do homem, diz o Texto sagrado, que o fes Deos à sua imagem, & semelhãsa. *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Deulhe huã *alma*, em cuja duração lhe estampou a imagem da Eternidade: nella, sendo huã, lhe avinculou trez potencias; reprezétando em huã, & outras huã unidade trina: o ser que lhe deu foy espiritual, asemelhando nelle a sua incorruptibilidade: a inclinação para a verdade lhe pos no *Entendimento*, na *Vontade* a propensaõ para o bom; na *Memoria*, quasi lhe pos hũ simbolo da Immensidade; sendo por virtude desta potencia prezentes ao homem os mais antecipados seculos, os mais Genes. 1. Vers. 26.

remo-

remotos lugares, & ainda os mais dilatados futuros (como adiante veremos) atè a estatura foy levantada para o Ceo, reprezentandolhe nella a sua origem; & a mesma figura foy de Cruz em prognostico da sua redempsaõ. Deulhe poder, deulhe sabedoria, & tudo aperfeyço-ou com a graça.

50 Não sey Senhor, para que vos empenhays em estampar imagem tão perfeyta em materia tão inconstante: vede que essa materia leva muita mistura de *Agoa*: ou lhe muday a natureza, ou esperay que se disforme facilmente a perfeysaõ da imagem. Assy foy, porque logo no primeyro homem começou a perderse a imagem de Deos: a incorruptibilidade do Espirito ficou sogeyta, & opprimida da corruptibilidade do corpo. A propensaõ para o bem, encontrada do *fomes peccati* para o mal. A inclinação para a verdade engannada da mentira da serpente. A memoria esquecida do preceyto, que pouco antes se lhe havia posto. O poder taõ limitado; que atè as espinhas, & abrôlhos; brotavão só para magoallo. A Estatura abatida, & inclinada para a terra, a cuja cultura trabalhoza foy condennado. E ultimamente a graça, & a justiça original perdida: & da luz mudado às trêvas; do saber à ignorancia; do senhorio à sogeyção. Como se mudou, & se desfez imagem esculpida, & estampada cõ tanto cuidado? *Faciamus.* He que a indifferença do nosso alvedrio he fluido, inconstantè, & indifferente para muitas formas; como a *Agoa.* E se o foy em Adam, em quem o espirito dominava o corporeo; como o não serà em nòs, em quem por herança o material arrastra ao espirito.

51 Mas se preguntardes, quem foy o Artifice, que mudou com tanta facilidade esta imagem, achareys que foy a vaidade. Enganou o Diabo a Adam, dizendolhe que igualaria a Deos, & que lhe seria semelhante na sabedoria. *Eritis sicut Dij scientes.* E enganou a Adam do mesmo modo, que se havia enganado assy. Desvaneceusse aquelle Anjo, & sendo tanto mais semelhante a Deos, quanto era de natureza

Genes. 3. Vers. 5.

mais

mais perfeyta: affectou outra ſemelhança mayor: *Similis* Iſaiæ 14. Verſ. 14.
ero Altiſſimo. E perdeu de ſorte a ſemelhança; que ficou reduzido a Demonio: *Veruntamen ad infernum detraheris.* Tinha huã imagem; appeteceu deſvanecido outra: ficou com outra bem differente; & aſſy como a elle lhe ſuccedeu; aſſy enganou ao homem. Vio que fora feyto imagem, ſemelhante. *Ad imaginem.* Tentou-o da vaidade a querer ſer mais ſemelhante. *Eritis ſicut Dij*; & fez que perdeſſe huã, & outra ſemelhança. Porem no Anjo foy irremidiavel o erro, pella fidalguia do ſeu eſpirito; em Adam foy deſculpavel pella inconſtancia da materia; em nòs pella herança do delicto. Mas que ſejão os homens herdeyros da deſgraça, & não do eſcarmento! Que nos reforme a meſma *Agoa* a ſemelhança no Bautiſmo, & que a tornemos a afear com as offenſas! Que tornem eſtas a emmendarſe na Penitencia, & que nos façaõ deformes na reincidencia! He que ſomos *Agoa* ſempre fluida, ſempre inconſtante: capaz de receber huã imagem perfeyta; & mais capaz de a perder. Iſto que outra couza he ſenão vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum* Por- Ecclez. 1. Verſ. 2.
que ſe o ſer do homem conſiſtio na ſemelhança com Deos: quanto mais ſemelhantes ſomos; mais temos de ſer; & por conſequenſia, tanto perdemos de ſer, quanto nos afaſtamos da ſemelhança. Aquillo que diſtamos da imagem, que fomos; iſſo nos poem entre os riſcos de não ſer, & do nada a que nos reduzimos. E paſſar hum homem voluntariamente do ſer ao não ſer; & ao nada, he vaidade ſumma: *Veruntamen univerſa vanitas omnis homo vivens.*

52 Daqui infiro eu a razão de huãs pallavras de David. Diz elle no Pſalmo 50. arrependido do ſeu peccado. *Cor* Pſal. 50.
mundum crea in me Deus. Senhor criay em my hum coração novo. Todos ſabem que a creação, & a geração ſe diſtinguem em que a creação ſe faz de nada; & a geração ſe faz ſuppondo materia. Geraſſe a planta da terra: geraſſe o homem do ſangue; mas criaſſe a alma de nada: diga pois Verſ. 12.

David à Deos que o purifique, que o lave, que o emmende, como tem dito no mesmo Psalmo; porem dizer q̃ lhe crie o coração, que propriedade he de fallar? Oh! Que David suppunha o peccado, & o peccado faz perder a semelhança, & imagem que temos de Deos; pois como aquella imagem he todo o nosso ser; tanto que David o perdeu; ficou redu-
Psal.38.V.6. zido a nada: *Tamquam nihilum ante te.* E pedir o Propheta a Deos, que lhe reforme esta imagem: *Redde mihi lætitiam salutaris tui:* he pedirlhe que tirando o do nada em q̃ estava, lhe de novo ser. *Et spiritu principali confirma me.* E isto he crear: *Cor mundum crea.* E assy como restituirse ao ser da graça, he huã, como creação de novo; assy perder a semelhança pello peccado, he reduzirse a nada. *Tamquam nihilum ante te.*

53 Por isso destes homẽs vaõs, que se reduzirão a nada pello peccado, dizia o mesmo David a Deos. Senhor assy como se desvanece a imagem vã de hum sonho, quando acordamos; assy reduzireys a nada as imagens destes homẽs vaõs.
Psalm. 72. Vers.20. *Velut somnium surgentium Domine, in civitate tua imaginem eorum ad nihilum rediges.* Como assy? Deos ha de aniquilar os impios, & os mundanos? Melhor fora isso, do que o condennaremse. E que os aniquilàsse a elles, bem està; mas que mysterio tem o dizer, que lhes reduzirà a nada as suas imagens? Caya o castigo em quem teve o vicio: quem no mundo foy vaõ; ao depois seja nada: porem a sua imagem he a que ha de ser castigada? Ha de executarse o supplicio como em estatua? *Imaginem eorum ad nihilum rediges.* Que imagens saõ estas? Estas imagens saõ os mesmos homens vaõs; & como a vaidade lhes riscou, & escureceu o ser, que tinhão de semelhantes a Deos (que isso era o que tinhão de homens) ficarão tão sem ser; tão reduzidos a nada, que jà de homẽs não tinhão mais que a semelhança. *Imaginem eorum.* E atè essa semelhança diz David, que hão de perder. *Ad nihilum rediges.* Porque assy como pello peccado se apar-

apartão do ser de homẽs; perdendo a imagem de Deos; assy pella condennação atè a semelhança de homẽs ficarà perdida. *Ad nihilum rediges.* Ficando sómente semelhantes a Demonios. *Quia in civitate sua terrena* (diz a Interlinial) *imaginem Dei ad nihilum redegêre.* Como se aniquilárão assy; desfazendo o que tinhaõ de imagem de Deos, que lhes dava o ser; ficoulhes sômente a reprezentação do que forão; & até essa havião de perder. *Imaginem eorum ad nihilum rediges.* Gloza hic.

54 Neste mesmo Texto, que tomey para assumpto destas Tardes, parece que repete David este mysterio; porque depois que o Propheta disse que o homem era toda a vaidade: *Universa vanitas omnis homo vivens*: acrescenta que a vida do homem passa como imagem: *Veruntamen in imagine pertransit homo.* He verdade que está à mão o reparo; mas he occulto o mysterio. Se a vida do homem he huã duração tranzitoria, & limitada; se o ser do homem he de imagem, que encarecimento he da vaidade dizer David, que o homem passa como imagem? *In imagine pertransit homo.* O mysterio está em que o Texto quer dizer, que o homem passa como imagem de sy mesmo. Da imagem ao exemplar vay esta differença; que o exemplar tem ser na realidade; & a imagem, em quanto tal, so tem ser na reprezentação. Sendo pois o ser do homem (como tenho ditto) huã viva imagem de Deos; porque nelle vivemos, obramos, & sentimos: *In ipso enim vivimus, & movemur, & sumus.* E perdendo nòs esta imagem; porque nem vivemos com Deos; nem obramos cõ Deos; nem sentimos com Deos: claro està que perdemos o ser; pois perdemos o ser imagem. E se os homẽs apartandosse de Deos perdem o ser; que he isto que nòs vemos como homẽs? Sabeys o que he? Huã reprezentação de homẽs; huãs estatuas sem ser. *In imagine pertransit homo.* Demaneyra, que porque os homens com as suas culpas, perdem o ser imagens de Deos; lhes não fica de homẽs mais que a se- Actor. 17. V. 28.

melhança. *In imagine pertransit homo.*

55 Mas ainda isto he menos danno: quantos atè na reprezentação saõ brutos? Digao Nabucodonozor, comendo feno: *Fænum ut bos comedes.* Ainda isto não he tudo; porque ainda os homẽs chegão a ser (deyxayme explicar assy) mais nada. Quantos perdem atè o sentir dos brutos, & parece que ficão como plantas! Preguntou Christo àquelle Cego de que trata S. Marcos no Capitulo 8. se via alguã couza; depois da primeyra cura que lhe fes. *Expuens in oculos ejus, & interrogavit eum si quid videret.* Respondeu o Cego. *Video homines velut arbores ambulantes.* Vejo homẽs andando como arvores. Notavel couza? Se erão homẽs os que via; como erão arvores? Via homẽs: *Video homines*; & a imagem, & reprezentação era de plantas? *Velut arbores?* Sy, porque quando Deos nos cura a cegueyra; quando nos dà vista, para conhecer nossas deformidades; estranhamos tāto a dessemelhança do nosso ser; que atè a reprezentação não he de homẽs; nem de sensetivos, senão de plantas: *Velut arbores.* Isto verdadeyramente não só he vaidade; mas vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum.* Porque se a vaidade he nada; a vaidade das vaidades, parece que he o nada desse nada; & a este nada se reduz o homem pello peccado; porque pello peccado, perdendo a semelhança de Deos, fica reduzido a hum nada, a huã semelhança de homem: *In imagine pertransit homo.* E atè esse nada perdem, pois atè a semelhança tem de brutos. *Fænum ut bos comedes.* E ainda de insensiveis, como arvores: *Velut arbores ambulantes.*

Dan. 4. V. 22. 29. & 30.

Marc. 8. Vers. 24.

§. II.

56 POrem: oh desgraça da nossa natureza! Que sendo tão facil, tão inconstante, & ligeyra para perder o bem, que se lhe imprime; he tão rezistente, & obstinada para se lhe tornar a reimprimir. Para perder a imagem he *Agoa*,

para

para se lhe tornar a estampar he bronze. Branda para receber semelhanças deformes: dura para se lhe esculpir imagem tão natural. Ainda disse pouco em dizer que eramos bronze; porque para o bronze basta hum buril. Temos a dureza de hum diamante, & ainda o excedemos; porque ao diamante o sangue de hum cordeyro o abranda; & a nòs, queyra Deos, que nos não endureça mais o sangue do Cordeyro immaculado. Pois nenhũa couza quer Deos de nòs tanto, como a brandura do coração: nenhuã couza o exaspera tanto, como a dureza da vontade.

57 Huã das finezas, que nos Cantares aconselha o Espozo a sua querida Espoza, he que o ponha como Sinete sobre o coração. *Pone me ut signaculum supra cor tuum.* Não Cant. 8. V. 6. lhe pede que lhe de o coração; nem que o traga dentro no coração; senão que o ponha como sinete sobre o coração; porque o sinete, que se poem sobre alguã couza, he para lhe imprimir a imagem, que tem em sy. E foy o mesmo que dizer o Espozo: fazey conta Espoza querida, que sou hum sinete, & a imagem, que tenho, imprimasse no vosso coraçaõ. E reparo eu muito naquella pallavra: *Pone.* Ponde; que denóta huã applicaçaõ facil sem violencia; porque quer Deos a huã alma taõ branda; taõ facil de amoldar; que só cõ huã leve applicaçaõ: *Pone*; se lhe estampe esta imagem. Assy o explica S. Anselmo, comentando este lugar. *Dicitur in eo signaculi effectu, quo sui imprimit characterem, & in ejusdem acceptatione pro imagine, & charactere ipso impresso; ac si dicat, tene imaginem meam, ut exhibeas te mihi similem.*

58 Em outro lugar querendo Deos quebrar o impeto da sua ira em castigos contra o povo; disse a Moyses, que o deyxasse, que queria, que o seu furor de huã vez acabasse cõ os Hebreos. *Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos* Exod. 32. V. 9. Senhor que causa tendes para resoluçaõ taõ irada? Vós naõ conheceis este povo; naõ lhe sabeys o genio? Sem embargo disto naõ o tendes livrado por meyo de prodigios taõ grandes?

des? Pois para que quereys que acabe com estes homens a grandeza de vossos beneficios? Deyxayme Moyzes, diz Deos, que este povo he duro de coraçaõ. *Cerno quod populus iste duræ cervicis sit.* Sy: mas para Deos, para a sua forta-
Iob 9. V.4. leza ha dureza, que lhe rezista? *Fortis robore, quis restitit ei?* Disse Jòb. Sy ha quem lhe rezista; que he o coração, que se obstina; & como Deos quer de nòs a fineza, que tenho ponderado, aquella fineza he a razaõ desta queyxa. Quer que o coraçaõ seja taõ brando, que estampe em sy facilmente a sua imagem; & o povo Israelita era taõ duro, que fabricou novas imagens para idolatrar. Naõ bastaraõ os prodigios; nem foraõ bastantes os beneficios, para lhe imprimir no coraçaõ a Ley, que lhe esculpia nas tàboas. Para isto duros; & obstinados; para se transformarem, por meyo da idolatria, em outras imagens muito brandos; para huã couza bronze, para outra *Agoa:* sendo que a bondade infinita de Deos fez a sua imagem de modo, que nem a dureza do bronze; nem o fluido da *Agoa* lhe impedissem taõ divina estampa.

59 Diz David que a imagem com que Deos nos assinalou, foy a luz de seu Eterno resplendor: *Signatum est super*
Psal.4. V.7. *nos lumen vultus tui Domine.* Entre a imagem da luz, & as outras imagens ha esta differença; que as outras imagens; nem se imprimem no muito solido; nem permanecem no muito liquido; porem a imagem da luz; tanto avulta na dureza de hum bronze; como na inconstancia da *Agoa.* A dureza do bronze faz os reflexos mais vivos; a inconstancia da *Agoa* naõ faz a luz menos permanente. Por mais que a *Agoa* correndo fuja; dura nella permanente a imagem da luz; por mais que o bronze duro rezista, reverbera nelle mais claro o resplendor do Sol. E que naõ possa o homem conservar por vontade imagem taõ accommodada à sua natureza; & que perca com tanta facilidade semelhança taõ perfeyta, he toda a vaidade do homem. *Universa vanitas omnis homo vivens.*

§. III. A

§. III.

60 A Segunda propriedade, que eu cõsiderava na *Agoa*, he que se altera facilmente, & muda as calidades naturaes. Creou Deos a *Agoa*, & como a hum dos Elementos lhe deu aquella pureza; que por natureza se lhe deve a qualquer delles; que essa he a differēça, que ha entre os Elementos, & os Mixtos; que os Mixtos admittem em sy variedade de partes dos mesmos Elementos, que os compoem; porem os Elementos saõ simples, uniformes, puros, & como lhe chamão os Filozofos Omogeneos. Assy creou Deos a *Agoa*, pura, transparente, & clara; ou porque havia ser throno do Espirito Santo: *Spiritus Domini ferebatur super aquas*; Gen. 1. V. 2.
ou porque nos retratasse, como espelho, a fermozura do Ceo, para que o vissem ainda aquelles, que menos olhão para elle.

61 Comtudo em nenhum elemento vemos hoje tanta variedade como na *Agoa*. Em huã parte a vereys clara, em outra turva; em huã salutifera, em outra venenoza; em huã quente, em outra fria; & em fim saõ tantas as variedades, q̃ tem, que quazi não cabem em numero. Se preguntardes a cauza aos Filozofos: responder vos hão; que a cauza he pella comunicação que a *Agoa* tem com a terra, adonde nasce, adonde se cria, por onde passa, & que da variedade das terras, & lugares, lhe vem a differensa de qualidades, que tem.

62 Não vi eu circunstancia em que mais se simbolizem os homens com a *Agoa*; nem que tanto reprezente a vaidade de muitos homens. Creou Deos a alma do homem, hum espirito puro, assento muito proprio do Divino Espirito: *Inspiravit in faciem ejus inspiraculum vitæ*; Espelho em que se retrata a Divindade. *Ad imaginem*. Livre no seu querer, inclinado para o bem, revestido com a pureza da graça no Bautismo. Que vaidade he a dos homẽs, que tão facilmente mudão o ser, & as qualidades de tão perfeyto espirito? Sa- Gen. 2. V. 7.

beys qual he a cauza? Muitas saõ; porem huã he muito principal. Saõ os lugares, as terras com quem a *Agoa* se comunica. Quero dizer: saõ as peçoas com quem tendes comunicação; & as companhias em que vos creays.

63 Daqui vem, que huns saõ *Agoa* pura na paz interior; outros *Agoa* turva na inquietação dos que os divertem. Huns saõ *Agoa* sádia daquelle rio de quem disse David. *Fluminis*
Psal.45.V.5. *impetus lætificat civitatem Dei.* Outros *Agoa* mortifera, que beberão o veneno nas conversaçoẽs depravadas. Donde vereys que muitas vezes nascem duas fontes juntas; porem de natureza muito differentes, huã quente, outra fria, huã sádia, outra venenoza. Dous Irmaõs, hum Abel ardente no affecto com que sacrifica; outro Caim frío na vontade com que offerece a Deos o peyor dos fruttos. Hum Iacob amado: *Ia-*
Ad Rom.9. Vers. 13. *cob dilexit*: outro Izau aborrecido: *Izau autem odio habuit.* E provera a Deos, que não houvera homẽs, que tem outra propriedade de *Agoa*; que purificando aos outros, se turva assy mesma. Do numero destes me não izento eu. Provera a Deos (torno a dizer) que nòs os Pregadores, & os Confessores, sendo *Agoa* para lavar aos outros; não ficassemos como *Agoa* impura, por isso mesmo que lava.

§. IV.

64 QUereys saber quanto o lugar muda a natureza das couzas? Ora ouvi. Quando o povo de Israel houve de hir servir mizeravelmente naquelle grande, & dillatado cativeyro: determinou (ao menos) rezervar o fogo
2.Macab.1. Vers. 10. dos Sacrificios; & diz o Texto, que o esconderão em hum poço profundo. *Acceptum ignem de altari occultè absconderunt in valle ubi erat puteus altus, & siccus, & in eo cõtutati sunt eum.* O successo foy, que voltando o povo, & buscando aquelle fogo, que tinhão escondido no poço, o acharão con-
Ibid. V.20. vertido em *Agoa* grossa. *Non invenerunt ignem, sed aquam crassam.*

crassam. Notavel cazo! O fogo he quente, & secco, a *Agoa* fria, & humida: o fogo he em extremo delgado, & voraz, que necessita, para sustentarse, de continuo alimento: a *Agoa* he grôssa, & muito mais o foy a em que se converteu este fogo: *Aquam crassam*. O fogo tem por esphera a região que vizinha com o Ceò; a *Agoa* tem por lugar a superficie, & cavernas da terra: pois entre naturezas taõ oppóstas, transmutação tão facil! Que a *Agoa* apague o fogo, he oppozição natural; mas que o fogo se converta em *Agoa* he metamorphozis prodigioza. Na mesma duvida tendes a reposta. O lugar do fogo he a região supperior; o da *Agoa* saõ as entranhas da terra: pois por mais oppostos que sejaõ estes dous Elementos; posto o fogo no lugar da *Agoa*; que he o poço; hà de poder mais o lugar onde està, & onde habita, para o converter em *Agoa*, que a propria natureza para o conservar fogo. Esconde-se o fogo no poço: pois ha de converterse em *Agoa*, & *Agoa* grôssa; como de ordinario, he a dos pôços. *Non invenerunt ignem, sed aquam crassam*. Naõ ha que fiar da bondade da nossa natureza; nem do antigo dos nossos costumes, para não recearmos de perdellos, se andarmos pellos caminhos onde elles costumaõ perderse. Havemos de mudar a natureza, como a *Agoa*; & havemos de mudalla, ainda que sejamos fogo: & queyra Deos que nos mudemos, como se mudou o fogo. O fogo metido no poço, converteuse em *Agoa*; porem essa *Agoa*, tanto que a puzeraõ no lugar do sacrificio, tornou a ser fogo. *Accensus est ignis magnus, ita ut omnes mirarentur*. Ibid. v.22.

65 Oh! quantas vezes succede, que o nosso fogo se torna em *Agoa*, metido nos pôços dos vicios: a nossa charidade, fora da companhia dos bons, esfria; porem restituida ao lugar do Sacrificio, não torna áquelle ser. No poço somos *Agoa*, & deyxamos de ser fogo: no Sacrificio naõ tornamos a ser fogo, & ficamos *Agoa*.

§. V.

§. V.

66 VIstes como se mudão os Elementos, conforme os lugares? Pois o mesmo succede nas outras couzas. Quando Caim matou a seu Irmaõ Abel: diz o Texto, que a vôs do sangue de Abel clamava da terra por vingança:
Gen. 4. V. 10 *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra.* Que clame o sangue de Abel morto, contra o delicto; quando se não queyxa Abel vivo, contra o odio! Que sofra Abel, em quanto vive, & em quanto sente a mà vontade de seu Irmaõ, sem dar queyxas, & que o sangue mudo, insensivel, morto, esse seja o que se queyxa; o que dà vozes: *Vox sanguinis*; & vozes que saõ clamores: *Clamat*: & clamores que chegaõ desde a terra atè o Ceo: *Clamat ad me de terra?* He cazo digno de reparo. Abel, pelo que era, mostrava ser manso, pacifico, & sofredor; Abel, pelo que reprezentava, era figura de Christo: cujo sangue clama ao Ceo pello remedio dos que o derramaraõ. E pois como se compadesse tanta mansidaõ com huã sede taõ grande de vingança; que chegavaõ da terra ao Ceo os clamores? Por isso mesmo chega o clamor ao Ceo; porque clama o sangue da terra: *Clamat ad me de terra.* O sangue de Abel em Abel; a mesma mansidaõ, o mesmo sofrimẽto: o sangue de Abel na terra, jà se revêste da natureza da mesma terra: *Clamat ad me de terra.* Isto que passou na figura, se vio tambem no figurado. O mesmo sangue de Christo, que na terra dos Justos foy redempsaõ, & mizericordia; na terra dos impios mudou a natureza; & trocou as qualidades. Revestiosse de justiça; de indignaçaõ; de juizo; & de condennaçaõ. *Super vos ipsas flete. Iudicium sibi manducat, & bibit. Sanguis ejus super nos.*

Luc. 23. V. 28. 1. Ad Cor. 11. V. 29. Matth. 27. Vers. 25.

67 Isto mesmo passa nos homẽs: mudaõ as naturezas com os lugares; com as terras (isto he com as companhias) taõ facilmente como *Agoa*; para que tenhaes entendido, que

a pu-

a pureza da vossa alma, da vossa consciencia, & da graça, depende muito do comercio alheyo, & dos lugares por onde andays. Chamou David bemaventurado ao homem, que naõ andou nos caminhos dos peccados. *Beatus vir, qui non abijt in consilio impiorum, & in via peccatorum non stetit.* Psal. 1. V. 1.
Se dissera David, que era bemaventurado o que naõ era peccador; bem estava; mas que he bemaventurado o que naõ anda no caminho dos peccadores; ou o que naõ està nesse caminho: *In via peccatorum non stetit*: que mysterio tem? Grande. Vay muito no lugar em que assistiz; & no caminho por onde andays; para se saber o que sois. Se quereys ser bom, fugi do caminho dos màos; porque se naõ fugirdes, ainda que sejaes bom, haveys de mudar a natureza com o lugar. O menos he isto. Peyor he mudar ao lugar a natureza. Assy somos muitos: no lugar mào, mudamonos; deyxãdo de ser bons; & no lugar bom mudamoslhe a natureza, & fazemolo mào: tomamos do mal, o mal; & tiramos ao bom o bem.

68 Hum homem bom se se mete em companhia dos màos; se anda por caminhos roins; muda, como *Agoa*, a natureza: o mào que anda pellos bons caminhos; que vay à Igreja; que ouve o Sermão; que reza pellas contas; que se confessa; quantas vezes muda a natureza do lugar; havendo de mudar a sua. A Igreja, que he para orar, mudasse em caza de gallanteyo: o Sermão, que he para doutrina, trocasse em objecto de murmuração; as contas saõ entretenimento dos dedos, apresto necessario entre os enfeytes; a Confissaõ queyra Deos não seja sacrilegio. Isto he *Vanitas vanitatum*: Ezech. 1. Vers. 2.
Vaidade das vaidades; porque mudarse hum homem para o mal no lugar mào; vaidade he, pois se perde a pureza da alma: porem trocarse em mal o lugar, & acçoens boas, he vaidade tão vã; que parece duvida o mesmo Deos como isto pòde ser. Notay.

69 Quando Adam peccou no Paraizo, quebrando o pre-

preceyto, que Deos lhe pos; vindo o mesmo Senhor sindicar deste peccado; começou a preguntar, & a inquirir por
Gen.3.V.9. Adam onde estava. *Adam ubi es?* Senhor. Vos não sabeys
Ibid. Vers.8. muyto bem que Adam está escondido no Paraizo? *Abscondit se Adam in medio ligni paradisi?* He certo; porque para vòs não ha couza occulta: pois se sabeys que Adam está no Paraizo escondido; como preguntays onde està? *Adam ubi es?* Não estranha; nem ignora Deos onde està Adam; estranha sy aonde peccou. Havia Deos creado a Adam no Campo Damasceno; & depois transplantou aquella nova planta ao Paraizo: no qual (como em Palacio) habitava Adam entre innumeraveys beneficios de Deos. Se Adam peccara fóra do Paraizo, não era tanto de admirar, mas peccar Adam no Paraizo; em hum lugar aonde Deos o levou; & quazi mais à vista do mesmo Deos: isto he o que lhe estranha; isto he o que pregunta. *Adam ubi es?* Lembralhe o lugar, para lhe fazer mais atroz o delicto.

70 Porem Adam se profanou o Paraizo, escondeusse. *Abscōdit se Adam.* Nós profanamos o Tēplo, & quāto mais em publico; tanto mais capricho fazemos do dezaforo (não tem outro nome). Esta mesma pregunta repetira eu agora a my, & a muitos. Tu Pregador: posto no Templo, entre auditorio Catholico, em tempo tão sagrado. *Ubi es?* Adverte o lugar em que estàs; & lembrate que deves nelle ensinar a *Doutrina*, & não profanar o lugar com graças. Tu Christão, que ouves ao Pregador, & talves o não ouves, & sómente o ouves para o murmurar. *Ubi es?* O lugar da murmuração não he em nenhuã parte; mas na Igreja menos. Tu Herege, que vives entre Catholicos, & veins coriozamente à Igreja a ouvir o que não aprendes. *Ubi es?* Se mão (jà que o queres ser) erra, perdete no caminho da maldade, do erro, & da perdição: sé, o que quizeres no Campo Damasceno; mas no Paraizo? *Ubi es?* Onde estàs? Iustamente pos Deos hum Cherubim à porta do Paraizo com huã espada de fogo, para

fa-

fazer defeza a entrada. Iá que o Paraizo não muda a Adam, não profane Adam o Paraizo.

71 A Igreja de Deos he o seu Paraizo, & com grande propriedade (disse hum Douto engenhozamente). Porque he circunvalada com os impenatraveys muros da Soldadesca Celeste, que lhe saõ defensa aos infernaes assaltos; adornada de admiraveys, & frondozas plantas, quaes saõ os melancolicos *Cyprestes* dos *Patriarchas*; os umbrozos *Plâtanos* dos *Prophetas*; os àltos *Cedros* dos *Apostolos*; as victoriozas *Palmas* dos *Martyres*; os odoriferos *Cinamomos* dos *Pontifices*; as verdes *Oliveyras* dos *Confessores*; os prezàdos *Balsamos* das *Virgens*; as amargas *Myrrhas* dos *Conjugados*. Neste Paraizo se deyxa ver hum vistozo *Prâdo*, pella variedade de tantas flores, singularmente aprazivel; porque ali se deviza a encarnada *Roza*, entre *Martyres*, primeyro *Abel*; a candida *Açucena*, pella *Angelica* pureza, *Enoc*; o amarello *Goyvo*, pella sàbia *Innoscencia*, *Abram*; o prateado *Iasmim*, pello desprezo dos lascivos deleytes, *Iozeph*; o dourado *Girasol*; o creado entre ouro, *Moysés*; o azulado *Iacinto*, pellos Celestes favores, *David*; o flamante *Cravo*, pello ardente zelo, *Elias*; o habatido *Narcizo*, o dolorozo, mas paciente, *Iob*; a pallida *Violeta*, o afflicto, mas consolado, *Tobias*. E para mayor recreação da alma, & deleyte dos sentidos, afermozeado no meyo de huã abundante *Fonte* de crystalina *Agoa*; não rica; nem vistoza pella arteficioza compozição dos *Marmores*; & dispozição da *Arquitectura*; mas porque nasce da viva pedra, *Christo Iesus*; dandonos em suas Divinas correntes mâres de graça. Vede se ha semelhança mais propria; nem mais natural entre a Igreja de Deos, & o Paraizo. A *Espada* de fogo com que o *Cherubim* defendia a entrada, saõ os *Pregadores*; *Adam* peccando, somos nòs. Iá que no lugar bom não tomamos o bem; ao menos naõ lhe comuniquemos o mal. Se havemos de ser máos, seja fóra do Paraizo, naõ seja dentro na Igreja: se nos inficionamos a nôs, como *Agoa*; não inficio-

Teatro delle Descrizzioni sacre Morali, e Academiche, del P. Dõ Alessandro Cõsedenti. fol. 97.

Fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum paradisum. Gen. 2. V. 10.

nemos

nemos aos outros com a comunicação illicita ; porque ferà essa a nossa mayor vaidade. *Universa vanitas omnis homo vivens.*

§. VI.

72 A Terseyra propriedade, que entre muitas, se póde considerar na *Agoa*, pertense propriamēte ao Mar. Reparou Salamão, que entrando continuamente tantos, & tão caudalozos rios no mar, de tal modo se submergião entre as suas ondas, que nenhuã couza avultava a sua enchente.
Ecclez. 1. Vers. 7. *Omnia flumina intrant in mare, & mare non redundat.* E eu reparo que não so não avulta mais a grandeza do mar com a enchente dos rios, por muitos; mas que não perde couza alguã da sua salgada natureza com a enchente desses rios, por doces: se grande era, grande fica; se era salgado; nada se adôça.

73 Grande semelhança com a natureza dos homēs, & mayor com a natureza dos peccadores. He a vida de hum peccador mar salgado; sempre empollado em ondas da *ambição*; sempre furiozo em escumas da *lascivia*, sempre tempestuozo em roncos da *soberba*; sempre alterado na inquietação da *cobiça*; sempre collerico nos movimentos da *ira*; sempre corrente para os precipicios da vontade; sempre infamado com a incerteza dos naufragios; nunca escarmentado com a frequencia dos perigos: as prayas que o cercão, & aonde quèbra furiozamente o impeto das suas ondas, saõ as portas da perdiçaõ.

74 Neste mar entraõ continuamente impetuosos rios, jà dos auxilios; jà das inspiraçoens; jà dos conselhos do Cōfessor; jà das advertencias dos Pregadores; & que frequentemente succede, que nem o mar salgado se adôça, nem com a enchente dos rios redunda. *Et mare non redundat.* A graça de Deos a rios, & as ondas dos peccados a mâres: a corrēte dos auxilios perenne, & mais perenne a turbaçaõ das ondas.

das. Mas Salamaõ que fez o reparo; deu tambem a reposta. Naõ cresce o mar com os rios, que lhe entraõ; porque desse mesmo mar, nascem esses rios. *Ad locum enim unde exeunt flumina revertuntur*. Eu digo; que não avultaõ no mar dos peccados os rios da graça; porque naõ entraõ nelle, & se entraõ logo sahem. Rios chamou David, na expozição de Vgo Cardeal, aos Pregadores; que com a corrente das suas vozes, repetidamente rompem por entre as ondas dos nossos peccados. *Elevaverunt flumina Domine, elevaverunt flumina vocem suam*. Se as vozes naõ entraõ, claro està, que não entraõ os rios; & naõ entraõ as vozes; porque vòs naõ quereys ouvilas. Notay. Psal. 92. V. 3.

75 Quando o povo de Israel esperava, que Moyzès lhe trouxesse a Ley do monte: houve no circuito desse monte grandes estrondos, & demonstraçoens, que davaõ final da grandeza do mysterio, que nelle se tratava: *Cæperunt audiri tonitrua, ac micare fulgura, & nubes densissima operire montem*. Exod. 19. Vers. 16. Tudo isto vio o povo, & tudo admirou por grande, & por dezuzado. *Timuit populus, qui erat in castris*. E he couza notavel ver a facilidade com que idolatrou logo aquelle povo. Pregunto. Estes homẽs naõ tinhaõ visto em taõ raro prodigio, hum quazi penhor, & certeza de que Moyzes tratava com Deos; & lhes havia trazer (como em effeyto trouxe) a verdadeyra Ley? He certo. *Deditque Dominus Moysi in monte Sinai duas tabulas testimonij*. Exod. 31. Vers. 18. Pois como se apressaõ com tanta facilidade à buscar idolos, a quem tributem a sua adoraçaõ? *Fac nobis Deos, qui nos præcedant*. Das pallavras do Texto collijo a reposta. Diz o Texto; que todo o povo via aquellas vozes, & estrondos, que havia no monte; *Cunctus autem populus videbat voces, & lampades, & sonitum buccinæ, montemque fumantem*. Exod. 20. Vers. 18. Pois por isso as vozes naõ penetraraõ o povo; nem fizeraõ impressaõ nelle; porque as vozes naturalmente entraõ pellos ouvidos, & ao povo entraraõ-lhe pellos olhos; naõ as ouviraõ; viraõ-nas. *Cunctus autem*

po-

populus videbat voces. Se naõ ouviraõ as vozes; he certo que lhes naõ entràraõ; & se as vozes naõ entraõ; mal podem fazer effeyto.

76 Quantos ha que naõ vindes a ouvir o Sermaõ; mas a ver sòmente o Pregador? Por isso as vozes do Pregador vos naõ penêtraõ; porque vòs naõ as ouviz: por esta cauza no mar dos vossos peccados naõ cessa a vaidade da vossa idolatria; porque emsurdeceys às vozes dos Rios; por quem Vgo Cardeal entende os Pregadores: *Flumina sunt Doctores, & Prædicatores, qui totum mundum influunt.* Mudays os objectos, & as potencias: os Sacramentos, que se celebraõ à vossa vista; de tal maneyra os vedes; como se totalmente os ouvireis: as vozes dos Pregadores, que vos atroaõ os ouvidos, de tal modo as ouviz, como se sòmente vireis quem as articula. *Cunctus populus videbat voces.* Havendo de ser pello contrario; porque haveys de abrir os ouvidos para as vozes, & fechar os olhos para o Prègador. Naõ haveys de reparar na peçoa, & menos nas acçoẽs: haveys de advertir na doutrina; porque o Pregador naõ he o que falla; a vòs he de Deos, & as pallavras de Deos ouvemse, sem se reparar em quem as diz.

Ugo Card. in cap. 1. Eccl. & in hunc loc.

77 Aquellas pallavras, que denunciaraõ a sentensa a Balthazar, viraõse escrittas, vio-se a maõ, que as dilineava; mas naõ se vio de quem era essa maõ; & ainda a maõ diz o Propheta Daniel, que era maõ sò na aparencia. *Quasi manus hominis scribentis.* Mas se no que parecia era maõ de homẽ; na realidade a maõ era de Deos; porque so della vem sentensas taõ diffinitivas. Assy he a bocca do Pregador; quando dà vozes. Haveys de reparar no que significaõ as vozes; & naõ em a bocca, que as articula; porque se a bocca parece de homem; na realidade quem nella falla he Deos: disse o Christo. *Non estis vos qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri, qui loquitur in vobis.*

Dan 5. V. 5.

Matth. 10. V. 20.

78 Porem eu estou vendo, que ao mesmo tempo que vos

vos atroão as vozes, cresce em vòs a surdeza. Parece que o significou David, quando fez tanta mensaõ da repetição destas vozes. Diz que repetidamente levantarão os rios as vozes: *Elevaverunt flumina Domine, elevaverunt flumina vocem suam.* Ainda não basta; torna a repetir, que levantarão as suas ondas. *Elevaverunt flumina fluctus suos.* E que às estrondozas vozes destas *Agoas*; *A vocibus aquarum multarum*: forão admiraveys os estrondos, & o empollado das ondas do mar: *Mirabiles elationes maris.* Admiravel he a mizericordia de Deos, admiraveis seus altos juizos: *Mirabilis in altis Dominus*; que com taõ caudelozas enchentes, quer mudar a natureza a este nosso mar; porem eu não sey se diga, que he mais digno de admiração o empollado das ondas deste mar; *Mirabiles elationes maris*; que fazem desvanecer as vozes daquelles rios. *A vocibus aquarum multarum.*

79 Dos que habitão junto do Nilo (escrevem os Historiadores) que saõ surdos por cauza do estrondo das torrentes deste rio. Se isto succede a quem està junto ao rio; q̃ acontecerà, a quem dentro de sy tem hum mar? Succede; que com o estrondo das ondas, não percebe as vozes dos rios; por isso os rios não entrão; porque as vozes não se ouvem; & quando se ouvem he de modo, que entrão, & sahem: entrão por hum ouvido, & sahem pello outro. O mar não cresce com os rios. *Et mare non redundat*; porque se por huã parte entrão nelle; por outra sahem delle mesmo. *Ad locum enim unde exeunt flumina revertuntur.*

80 A quantos succede, que penetrados da vós do Pregador, aplicão logo os ouvidos ao mào conselho, ao divertimento, à persuazaõ? E he o mesmo que sahirlhes por hum ouvido a vós, que lhes havia entrado por outro. Por isso S. Ioaõ diz no seu Apocalypse huãs pallavras mysteriozas a este intento. *Qui habet aures audiendi, audiat.* Quem tem ouvidos de ouvir, ouça. Porque não sô ha ouvidos, que não ouvem (como atègora ponderavamos); senão que he necessa- Apoc. 2. V. 7.

rio, que quem ouve a pallavra de Deos, a ouça com ambos os ouvidos. Mas provera a Deos que o noſſo mar fora como o mar do mundo.

81 Quando Deos na creação do mundo quiz dar deſtricto ao mar; diz a Eſcriptura ſagrada, que congregou as *Agoas* em hum lugar; & que ſe deſcobrio a terra para produzir livremente os ſeus fruttos: *Congregentur aquæ, quæ ſub Cælo ſunt in locum unum, & appareat arida.* E que às *Agoas* poz preceyto não paſſaſſem dos ſeus limites. *Legem ponebat aquis ne tranſirent fines ſuos.* Provera a Deos (torno a dizer) que foſſemos nòs aſſy. Mas o noſſo mar alaga as terras fecundas; tornandoas infructiferas. Naõ nos contentamos com a noſſa vaidade, & com a noſſa prevaricação; ſenão que a comunicamos a muitos, que de ſy eraõ terra capaz de produzir fruttos de ſantidade. Não nos parece baſtante termo o de peccarmos nòs (já que eſtes ſaõ os noſſos fins) ſenão que queremos, & fazemos com que pêquem os outros. Iſto que outra couza he, ſenão paſſar o mar alem dos ſeus fins? Pois nenhuã couza, me parece, que tem mais difficultozo o perdão, do que eſte genero de crime. Por iſſo David pedia com tanta inſtancia a Deos, que o livraſſe dos peccados alheyos. *Ab alienis parce ſervo tuo.* Porque o peccado proprio tem a diſculpa na fragilidade: o alheyo, de que vòs ſois a occazião; não pòde deyxar de ſer ſobra de malicia. Que o mar ſeja tempeſtuoſo dentro dos ſeus limites, he natureza do mar; porem que intente innundar tambem as terras; he inſolencia que paſſa as balizas da ſua juriſdição.

Geneſ. 1. Verſ. 9.

Proverb. 8. Verſ. 29.

Pſal. 18. V. 14

82 O mar naõ paſſa os ſeus fins; porque Deos lhe pos preceyto. *Legem ponebat aquis ne tranſirent fines ſuos.* E nòs nenhum outro motivo temos para a tranſgreſſaõ dos preceytos; mais que os meſmos preceytos que Deos nos poem. Bẽ conheceu iſto o Demonio, quando tentou a noſſos primeyros Páes. Para fazer que cahiſſem naquelle peccado; lembrou-

lhes

lhes que tinhão preceyto. *Cur præcepit vobis Deus?* A tanto, como isto, chega a vaidade dos homens, que mudando o fim aos preceytos Divinos; da mesma Ley, que os refrea, tomão motivo para quebrantar a Ley.

§. VII.

83 ESTas mesmas razoens saõ a cauza por onde o mar não muda a natureza salgada com as enchentes da agoa doce; mas o meu reparo he, que os rios não pòdem adoçar o mar, & o mar torna salgados aos rios. Tanto pòde a natureza do mal, que de ordinario sempre costuma venser ao bem. Bem pòde Izaias ser purificado com huã braza na bocca pella mão de hum Anjo; porem sempre se ha de recear de quem tem perdida essa pureza, pella maldade do povo em que habita. *Væ mihi, quia vir pollutus labijs ego sum: in* Isaiæ 6. V. 5.
medio populi polluta labia habentis ego habito. Pegouselhe o contagio da comunicação, & companhia dos que estavão inficionados. Assy o explica Saõ Hieronymo. *Peccavit: non* D. Hier. in cap. 6. Isaiæ
suo vitio, sed societate populi habentis polluta labia, cũ quo lib. 3.
loqui sæpissimè cogebatur: ex quo ostenditur noxium esse vivere cum peccatoribus.

84 *Dixit insipiens in corde suo non est Deus.* Bastou o Psal. 13. V. 1.
ditto de hum nescio, que não chegou a ser ditto; mas sómẽte pensamento. *In corde suo*: em que vãmente entendeu, que não havia Deos, para se comunicar a tantos a vaidade deste *Atheismo*; porque ainda que contra este pensamento pugne a experiencia, pugne a razão, pugnem os entendimentos; como este pensamento de sy era mào (posto que fosse no coração de hum nescio) bastou para preverter, & turbar a muitos; porque o mal he de natureza tão contagiosa, que facilmente muda o ser ao bem, mas nunca perde a natureza.

85 He digna de reparo a grande instancia, que no Psalmo 50. faz David à Misericordia Divina, para que lhe per-

doe o seu peccado. Senhor (diz David) compadesseyvos de my, conforme a grandeza de vossa Mizericordia. *Miserere*
Psal. 50. V, 1. *mei Deus secundùm magnam misericordiam tuam.* Insta mais na petição. E segundo a multidão infinita de vossas Mizericordias, perdoayme o meu peccado. *Et secundum multitudi-*
Ibid. V. 2. *nem miserationum tuarum dele iniquitatem meam.* Ainda aperta mais. Mais, Senhor, lavayme da minha maldade com a
Ibid. V. 3. enchentẽ dos rios da vossa graça. *Amplius lava me ab iniquitate mea, & à peccato meo munda me.* Não sey se reparays em huã grande disparidade desta petição de David? O Propheta não faz mensaõ mais que de hum só peccado. *Ab iniquitate mea, à peccato meo.* E contra este peccado invòca a Mizericordia Divina infinita, infinita no ser, o numero dos actos dessa mizericordia, tambem quazi infinito. Pois para hum peccado repete tanto as razoẽs de Deos lhe perdoar; & a multidão de suas Mizericordias? Sy; que ainda que era hũ, era peccado; & por tal era mào; & para hum acto de maldade se desvanecer de todo, & perder a natureza de malicia: para se lavar o salgado, com que vicia huã alma; he necessario as enchentes todas, & a doçura da Divina Mizericordia: parece que se assy não fora, não podera adoçarse o salgado de hum peccado; nem lavarse a alma delle; sem crescerem a mais, & mais as *Agoas* da Divina graça. *Amplius lava me ab iniquitate mea.*

§. VIII.

86 TEndes visto o que a vaidade humana simboliza com a *Agoa*, que he o segundo Elemẽto de que se compoem o homem. Agora he necessario que tambem vos reformeys neste Elemento. No dia do juizo; no fim do mundo, diz o grande Evangelista Saõ Ioaõ, que se hão de reformar os Ceos, & todos os Elementos. *Vidi Cœlum novum,*
Apoc. 21. Vers. 1. *& terram novam; primum enim Cœlum, & prima terra abijt,*

& mare jam non est. O dia do juizo de cada hum de nòs he qualquer hora prezente; porque em qualquer podemos entrar em juizo com Deos, & depois disso em todas devemos entrar em juizo comnosco. Se no juizo universal se hão de renovar os Elementos do mundo: no juizo particular he bẽ que se reformem os Elementos de cada hum: *Reformamini.* Ad Rom. 12 Vers. 2.
He necessario reformar os vicios desta *Agoa* cõ outra *Agoa*: he justo dar entrada em nossos coraçoens aos rios da Divina graça, cuja fonte he o Paraizo: he conveniente adoçar o salgado de nossas ondas com as *Agoas* da *Penitencia.*

87 Fazer distinçaõ entre as *Agoas*, que estaõ sobre os Ceos, & aquellas que ficáraõ sobre a terra: tendo entendido, que nas que estão sobre os Ceos se simbolizão os espiritos puros, que nelles habitão; & nas que ficáraõ sobre a terra, os abysmos com que se confunde. He precizo dar entrada à suavidade da vos de Deos: *Sonet vox tua in auribus meis*; & Cant. 2. V. 14
dar sahida ao amargozo das culpas pella fonte das lagrimas. E assy como do mar sahem os rios, mas não sahe o mar; em nòs ha de ser pello contrario; porque ha de sahir o mar, para que entrem os rios: entrem os rios dos auxilios, & saya o mal salgado nas lagrymas; que esse salgado que as lagrymas tem, o mar dos peccados he lho comunica. O mar he no coração; as ondas saõ as lagrymas; as prayas, onde quebrão a furia, saõ os olhos.

88 De dous peccadores (entre outros) lemos na Escritura que chorárão: da Magdalena, & de Pedro. Das lagrymas de Pedro, diz Saõ Mattheus, que foraõ amargozas: *Flevit amare.* Das lagrymas da Magdalena, sendo tão perennes, não se explica esta circunstancia. A razão da differença he a meu ver; porque as lagrymas de Pedro forão lagrymas, que fez chorar o peccado da sua negação: as da Magdalena forão lagrimas, que nascerão da fonte do amor. *Dilexit multum.* E quanto as lagrymas do peccado tem de amargozas: *Flevit amare*: tanto tem de doces as lagrymas do amor.

Matth. 26. Vers. 75.

Luc. 7. V. 38.

Cæpit rigare: dilexit multum. Mas ſe primeyro não ſahirem huás; não pòdem ao depois brotar as outras. He neceſſario que ſayaõ primeyro as lagrymas ſalgadas; para haverem de ſahir as doçes; porque depois que o coração ſe purificou do amargozo do peccado; jà a *Agoa* da Divina graça pòde entrar ao coração pellos ouvidos, & do coração tornar a ſàhir pellos olhos, ſem o diſſabòr deſſe amargozo.

89 Eſtas *Agoas*, por mais que creſção, nunca paſſaõ os ſeus fins; porque ainda quando ſaõ muitas, parece que eſtão no principio: *Cæpit rigare.* Eſtas *Agoas*, quanto mais innundão a terra da noſſa humanidade, mais a fertelizão. *Qui ſeminant in lacrymis in exultatione metent.* E ſe he digno de reparo, que o mar com a enchente dos rios não creſça: *Omnia flumina intrant in mare, & mare non redundat*: Mais digno de admiração he, que o noſſo coração, por mais que vazè neſtes rios; nunca diminue; porque quanto lugar lhe ſobra na vazante das lagrymas, tanto ſe enche com o preamar da graça, em que fazemos ſegura a viagem para a glória. *Ad quam nos perducat: &c.*

Pſal. 125. Verſ. 5.



DIS-

DISCURSO III.

Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.
Ex Psalmo 38. Vers. 6.

90 OMOS chegados à região da vaidade. Cavâmos no centro da *Terra* a origem, & fundamento de muitas vaidades: descobrimos outras, não menòres, entre os abysmos da *Agoa*: quanto mais formos sobindo aos Elementos de esphera mais alta; tanto acharemos mais nôva, & dilatada materia de vaidades. Esta he a natureza das couzas vaãs; sempre buscaõ o mais alto, & no mesmo caminho que levão, descobrem a natureza que tem. Aquella Torre de Babel, que antigamente se fabricou, foy a vaidade das vaidades: prezumirão os que a fabricarão, que lhe havião profundar os aliceces atè o centro da terra, & que lhe havião levantar a maquina do edeficio, de maneyra, que chegasse a tocar no mesmo Ceo: *Cujus culmen pertingat ad cælum.* Como o intento era vão, o dezenho da fabrica não havia ter menos altura, que a que vay da terra ao Ceo. As mais circunstancias que esta Torre tinha de vã explicarey depois: agora continuemos o vo-o pela região do *Ar*. Gen. 11. V. 4

91 He o *Ar* hum dos Elementos que compoem aos homens por natureza; & he a vaidade aerea a que mais descompoem a natureza dos homẽs. De todos os Elementos

juntos se faz a composição do homem; qualquer delles, que exceda com demazia, se arruina, & se desvanece; mas de nenhum tão comũmente, como do excesso do *Ar*; porque ordinariamente os homẽs mais vaõs saõ aereos: *Ocos*, que todos se desvanecem em vapor, & em fumos. Parece que ficou vinculada aos homẽs esta desgraça, quando se lhe pos a vida tão dependente da respiração. Em tanto vive hum homem (diz Aristoteles) em quanto respira; & a respiração, que outra couza he, senão hum pouco de *Ar*, que continuamente bebemos? Se pois a vida do homem depẽde tanto do *Ar*, que respira; que muito que por esta parte, mais que por outra qualquer; seja vaidade aerea a vida de hum homem: *Universa vanitas omnis homo vivens.*

92 Porem naõ só tem a vida de hum homem tanta dependencia do *Ar*; senão que he o mesmo *Ar*; & *Ar* inconstante, sempre movel, sempre vão. Assy o disse Iob, quando ponderou a vaidade da vida humana: *Ventus est vita mea.* Iob 7. V. 7.
A minha vida he hum vento; & vento porque? Porque o vento não he mais que o *Ar* movido, & inquieto com os vapores, & fumos que se levantão da terra; & esta he a nossa vida: hum pouco de *Ar* continuadamente movido, inconstante, & perturbado com os fumos da nossa vil, & mizeravel terra. Ainda que nisto com differença; assy como tambem saõ os ventos muito differentes; porque ha huns, cuja vida he *Ar* de vento *Nordeste*, agudo, & sutil, que penetra, & corta: esta he a vida de hum murmurador, de cuja bocca o *Ar*, que sahe, & lhe articula as pallavras, fere, & penetra o mais intimo da alma. Outros saõ *Ar* de vento *Soão*, que cresta as cearas, & não deyxa medrar os fruttos; & esta he a vida de hum escandalozo; vento abrazador das boas obras, & que só serve, como aquelle do Egypto, para produzir pragas, & vicios significados nos gafanhótos. A vida de outros he hum vento, a que chamais *Rodomoinho*, que tudo confundem, revolvem, & andão perpetuamente em hum circulo cõ todos,

todos, & comsigo mesmos; sem quietação propria, & com inquietação alhea: dos quaes disse David, que erão impios: *In circuitu impij ambulant.* A vida de outros he hum pee de vento, que mal começa, jà acaba, & com tanta brevidade, q parece que não he, nem tem ser: *Fuissem quasi non essem, de utero translatus ad tumulum.* Outros saõ *Ar* de vento *Sul*; nem muito quente, nem muito frio; tèpidos; ou como vòs dizeys, mòrnos: a quem Saõ Ioaõ aborreceu sempre: *Utinam calidus, aut frigidus esses, sed quia tepidus es, incipiam te evomere.* Outros finalmente saõ ventos destes, que em certo tempo estão socegados (chamaõlhes os Filozofos Anniversarios), & a certo tempo ventão. Muita quietação, muito socego, quando muito na Quaresma; porem no mais tempo, tòrna o vento a soprar como de antes. Em fim que a vida do homem he *Ar* por natureza; depende delle para a conservação, & simbolizasse no *Ar* pella semelhança; & muito mais pella semelhança das vaidades. *Universa vanitas omnis homo vivens.* Esta semelhança tão grande (seguindo a ordem dos outros Sermoẽs) descobriremos em alguãs propriedades, q concorrem neste Elemento; que o ponderar todas excede os termos, & limite de hum breve discurso.

Psal. 11. V. 9.

Iob 10. V. 19.

Apoc. 3. V. 15

§. I.

93 HE o *Ar* hum Elemento por natureza facil, brando, & accommodado: perpetuamente nos acompanha, para toda a parte nos segue; para nenhuã nos estòrva; & a qualquer forma se accommoda, sem repugnancia. Se ha de levantarse hum edificio, o *Ar* não impede a altura da fabrica; se ha de arruinarse, tambem lhe não estòrva o precipicio: se ha de remontarse huã ave com os voos, o *Ar* a sustenta; se ha de abrirse na terra huã caverna profunda; là se acha tambem este invizivel Elemento. Sobre estas propoziçoens, que saõ verdades naturaes, me parece, que està natural-

ralmente fundada a ſemelhança da vaidade da *Adulação.*

94 Que genio tão facil tem a *Adulação?* A que fórmas ſe não accomoda? Que caminhos não facilita? Se ſois grande; aſſy como o *Ar* nos lugares altos he mais livre, & mais ſutil; aſſy a *Adulação*, entre os grandes, tem mayor liberdade, & ſe introduz com mais ſubtileza: aos grãdes faz mayores; aos pequenos quer fazer grandes; a todos cerca, com todos os genios ſe conforma; & quando nos faltaõ os aduladores do mundo; nunca deyxa de cercarnos o adulador do inferno: *Circuit quærens quem devoret*: vejamos todas eſtas circunſtancias em dous lugares.

1. Pet. 5. V. 8.

95 Ponderemos duas *Adulaçoens* deſte infernal Eſpirito. Huã feyta ao primeyro homem, Adam; outra feyta ao ſegundo Adam verdadeyro Deos, & homem. Na primeyra lizongeou ao primeyro homem, facilitandolhe a ſoberania da Divindade: na ſegunda tentou ao ſegundo Adam, querendo perſuadillo ao dominio do mundo todo, que elle duvidava; & naõ ſabia ſe Chriſto tinha: em huã, & outra ocaziaõ ha muitas circunſtancias dignas de reparo. Duvída Ruperto ſe a Serpente [de cuja forma ſe reveſtio o Diabo] eſtava verdadeyramente no Paraizo; porque ſendo eſte hum lugar de deleytes, & ſuavidades, naõ parece veroſſimil q̃ foſſe habitaçaõ de animal taõ manhozo, & peçonhento. A Ruperto lhe pareceu eſta razaõ taõ forçoza, que entende eſtava a Serpente fora do Paraizo. *Nunc autem cum ita dicat, ſed & ſerpens erat callidior cunctis animantibus terræ, quæ fecit Dominus Deus, & deinde ſubjungit, qui dixit ad mulierem, &c; libera nobis relinquitur facultas aſſerendi, quòd non ſerpens, præſertim à diabolo corporaliter invadente poſſeſſus, in paradiſo fuerit.* Eu com licença do doutiſſimo Abbade, diſſera, que ſe a Serpente era hum animal ſimulado; & ſe o eſpirito, que nella ſe introduzio, intentava por meyo da *lizonja* arruinar ao primeyro homem; naõ era muito que penetraſſe hum lugar taõ ſagrado. Se Adam no Paraizo eſtava feyto Rey:

Rupert. relat. in Caten. Lippoman, in c. 3. Gen. pag. mihi 78. propè fin.

De-

Dominamini: tanto mais soberana era a sua Dignidade; quã- Gen 1.V.28.
to mais naturalmente o havia seguir ahy a *lizonja*. Nem he
muito que pudesse entrar no Paraizo, a que teve ouzadia,
para se chegar à arvore da vida; porque em outra tentaçaõ q
o Diabo fez a Christo; a ultima reposta que teve, foy dizer-
selhe: *Vade retro*: Se Christo diz ao tentador, que se và, he
argumento de que o tentador se chega: nem he necessario
argumento: o mesmo Texto o diz: *Accedens tentator*: che- Matt. 4. V.3.
gou se o tentador. E notay que a força daquella pallavra: *Ac-
cedens*: parece que significa chegarse mansamente. Como a
tentassaõ, para com Adam, era lizongealo com a Divinda-
de: *Eritis sicut Dij*; & para com Christo, que lhe havia dar o
dominio do mundo: *Hæc omnia tibi dabo*. Tentaçaõ de *li-* Genes. 3. Vers. 5.
zonja, lá penetra dentro ao Paraizo: lá se quer chegar à mes-
ma Arvore da vida: com brandura, sy; mas com sagacida-
de, & dissimulaçaõ: *Accedens*.

96 Esta he a natureza da *lizonja*; seguir em toda a parte
a todos, principalmente aos grandes: & assy como o *Ar*, ain-
da quando o afastays de vòs, elle se chega para vòs; assy a
lizonja, ainda quando a rezeitis, sempre vos segue; & muitas
vezes vos senhorea. *Blanditiæ etiam cum rejiciuntur capiunt*; Senec. lib. 4. nat. quæst. in præfat. pag. mihi 446.
& senhorea; porque se accomoda à vossa forma, à vossa na-
tureza, ao vosso genio.

97 Diz o mesmo Ruperto, que quando o Diabo tentou
a Eva com o pomo; jà havia começado a tentar a Adam cõ
a suggestaõ: reprezentandolhe que aspirasse à Divindade;
& dà Ruperto a razaõ; porque como Adam era hum com-
posto de espirito, & corpo; accommodouse o Diabo com a
natureza destas duas partes: ao Espirito com a suggestaõ, ao
corpo com o bòcado. *Ut ego duplicis substantiæ creatura, sci-* Rupert. ubi sup. pag. 77. ad fin.
*licet homo, qui ex corpore constat, & anima, duplicem corporis,
& animæ pertraheretur ad mortem, prius in anima spirituali
corruptus est superbiæ vitio, deinde & corporeo contra Dei mã-
datum infectus est cibo*. Ora reparay. Tentou o Diabo a Eva
com

com vòs humana,articulada por huá Serpente: por meyo de Eva tentou a Adam; & a Adam cõ a ſuggeſtaõ; & cõ o boccado. Vede o que buſcou de formas para ſe accomodar a *lizonja.* A Eva accommodouſe na ſemelhança do fallar; a Adam tentou-o com ſua ſemelhante Eva; & porque o conheceu composto de eſpirito, & de corpo; accommodouſe ao eſpirito com a ſuggeſtaõ, & ao corporeo com o boccado: isto foy em Adam; & em Christo, pelo que lhe conhecia de homem, lizongeou-o na fome com o comer, para provar ſe era Deos: pello que prezumia de Divindade, adulou-o com a ocaziaõ de fazer milagres, & pello que lhe via de homem grande, mas pobre; offereceulhe o dominio do mundo. Aſſy ſe ſabe amoldar a *lizonja*, & accommodarſe a tantas formas, quantas lhe parece, que tem o ſugeyto adulado.

98 E ſe a *lizonja* he ligeyra em ſeguir, facil em ſe accõmodar; muito mais branda he no facilitar os caminhos, que perſuade. *Mitte te deorſum:* diſſe o Demonio a Christo: lançayvos deſte precipicio abayxo: naõ ſe vos reprezente difficultozo; que para a voſſa grandeza todo o caminho he lhano, & facil. As pedras ſe vos haõ de afaſtar; os Anjos vos levaràõ nas palmas. *In manibus portabunt te, ne offendas ad lapidem pedem tuum.* E a Adam perſuadiolhe, que era taõ facil o ſer Deos, como goſtar o pomo vedado: *In quocumque die comederitis, eritis ſicut Dij.* Demaneyra que ſe aſpirays a ſobir; a *Adulaçaõ* vos abre o caminho, & vos facilita os paſſos, & ſe vos quizerdes precipitar, a meſma *Adulação* vos tira os tropeços; & vos afaſta as pedrinhas. No ſubir vos tira o impedimento; no cahir vos perſuade, que não ha riſco: para onde o voſſo deſvario vos inclina; para ahi meſmo [como *Ar*] vos abre caminho, taõ facil, como enganozo; & enganozo para o que lizongea, & para o lizongeado.

Pſal. 90. Verſ. 11.

§. II.

§. II.

99 E Que vaidades naõ ocaziona nos homẽs a *lizonja*? A que perigos os naõ expoem? A que ruinas os naõ facilita? Como os homẽs saõ pò, & saõ terra, & a *lizonja* he *Ar*: tantos perigos correm os homẽs entre a *lizonja*, quantos o pó soprado dos ventos, & levado pellos ares. *Comminuam eos* (diz Deos por David) *ut pulverem ante faciem venti.* Hey de desfazer estes homẽs vaõs, como o pò, q̃ leva o vento; & que castigo, tão grande, he desfazer os homẽs em pò; se em pò se hão de desfazer por ley, & por natureza? *Pulvis es, & in pulverem reverteris.* Reparay; que não diz Deos sómente, que os ha de fazer em pò, senão em pò, que leva o vento; porque o pò tem por lugar a superficie da terra, & levallo o vento pellos ares, he estar o pó em outro elemento, que lhe não pertense. Pò metido entre os ventos; pô tirado da terra: oh que perigo tão grande! Cada Elemento tem a sua esfera, fora da qual, não està bem; porque està contra a natureza, & se o homem he pò da terra, como póde deyxar de lhe servir de castigo viver na região do *Ar*? Que constancia pôde ter o pò, a quem o vento da vaidade arrebata pellos ares da *lizonja*?

Psal. 17. Vers. 43.

Genes. 3. V. 19.

100 Disse o Apostolo Sant-Hiago que à natureza humana se sogeytàrão as feras, os peyxes, & as aves; porem que a lingoa mà, & falsa não tinha sogeysaõ alguã. *Omnis enim natura bestiarum, & volucrum, & serpentium, & cæterorum domantur, & domita sunt à natura humana: linguam autem nullus hominum domare potest.* E preguntando os Expozitores, que se entende debayxo da significação de aves; respóde Vitriaco, que pellas aves se entendem os homẽs vaõs, leves, & aereos, que se deyxão desvanecer da *lizonja*. Porem em que pôdem estes homẽs ter semelhança com as aves? O

S. Iacob. Ap. c. 3. V. 7.

Ibid. V. 8.

Vitriacus relat. à Zulet in cap. 3. §. 11. n. 4.

Dou-

Zuleta cõment. in Epist. Catholic. S. Iacobi Apost. c.3. §.11. n.9. pag. mihi 236.

Doutissimo Padre Ignacio de Zuleta disse, que assy como as aves, com o canto semelhante de outras aves, se cassavão facilmente: assy os vaõs, com os louvores dos lizongeyros, q̃ mais se accommodavão aos seus genios. Eu quizera descobrir a origem desta semelhança na origem das mesmas aves.

101 Se bem reparays na creação do mundo; a terra, & agoa forão a origem de todos os viventes. Da terra nascerão as plantas, & os animaes terrestes. *Protulit terra herbam virentem, lignumque faciens fructum. Producat terra animam viventem in genere suo, jumenta, &c.* & se formou tambem o mesmo homem. *Formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terræ.* Da agoa tiverão a origem todos os peyxes; & todo o genero de aves. *Producant aquæ reptile animæ vivẽtis, & volatile super terram.* Porem com huã differença, que as plantas nascerão da terra, & na terra fruttificárão: os animaes nascerão da terra, & nella fizerão habitação: os peyxes nascerão da agoa; & entre as mesmas agoas môrão: em fim q̃ todos vivẽ no elemento onde nascerão: só as aves, nascendo da agoa, vivem no *Ar*, sobre elle voão, & quando muito descansaõ hum pouco sobre a terra. Pois eys ahi a semelhança dos homẽs, a quem desvanece a falsidade aerea da *lizonja.* Saõ nascidos em hũ elemento, & querem viver em outro: saõ terra, & querem habitar nos ares: a origem he bayxa, o desvanecimento muito alto; saõ em fim aves da terra; pois que nascendo della, aspirão a viver (como aves) voando sempre em elemento mais alto; porem as aves voão com as suas azas, & o *Ar* as sustenta: os adulados voão sobre a mentira falsa, & aerea; & esse mesmo *Ar* os derrúba; porque quanto tem de *Ar* brando a *lizonja* para desvanecer falsamente; tanto tem de vento impetuozo para derrubar muito de veras.

Gen. 1. V. 12 & 24.

Gen. 2. V. 7.

Ibid. 1. V. 20.

102 Tornemos âs adulações do Diabo. Adulou o Diabo a Christo com o offerecimento do mũdo todo: para isso o levou a hum lugar altissimo (vede como o leva proximo à região dos ares) & ahi lhe mostrou todos os Reynos do mũdo:

do: *Ostendit ei omnia regna mundi*; mas com clauzula de que lhos daria todos, se cahindo o adorasse. *Hæc omnia tibi dabo si cadens adoraveris me.* Ora reparay. A promessa era falsa, & enganoza; assy porque lhe quiz reprezentar, que lhe daria, o que o Diabo não podia dar; como porque elle não podia mostrar o mundo todo de nenhum lugar, senão fantasticamente. E sendo a promessa com que o Diabo queria provar se Christo se desvanecia, tão falsa; a quèda queria que fosse certa. A promessa falsa, & de futuro: *Omnia dabo*: a quèda certa, & de prezente: *Cadens. Hæc omnia tibi dabo*: eys ahi o *Ar* brando da *lizonja*, que parece vos levanta. *Si cadens*: eys ahi o vento impetuozo, que vos precipita.

103 Atè nisto tem a *lizonja* semelhança com o *Ar*; porque se preguntardes aos Filozofos, qual he a razão da velocidade com que huã pedra, que cahe do alto, quanto mais desce; tanto mais impeto leva: respondem muitos; q̃ quando a pedra cahe, rompendo o *Ar*; o mesmo *Ar* (afastandosse para os lados) lhe abre caminho facil para descer; mas que esse proprio *Ar*, que para o caminho se lhe desvia facil; se une outra ves pellos mesmos lados, & dà mayor impulso ao movimento. Facilità o caminho, & apressa a quèda: desviasse brando, & derruba com impeto.

104 Porem naõ succede ser huã sò a quéda da *lizonja*: he quèda de ambos: cahe quem se leva da *lizonja*; & cahe tambem quem lizongea. Se bem advertirdes de dous modos tentou o Diabo a Christo nesta ocazião; lizongeando-o, & querendo que Christo o lizongeasse a elle. Lizongeou a Christo no offerecimento, que lhe fez; & quiz que Christo o lizongeasse na adoração, que lhe pedia [que não ha mayor *lizonja* para o Diabo, que as adoraçoens, que muitas vezes lhe damos). E que he o que lhe pedia? Que caindo o adorasse. *Si cadens adoraveris.* Muitos ha que quanto mais cahem, mais adorão; porem ainda que he comum em quem tem este vicio, cahir, & lizongèar: he mais commum li-

zon-

zongear, & cahir: *Si cadens adoraveris.* Nem era necessaria mayor quèda, que cahir na tentação da *lizonja*: *Si cadens adoraveris.* E na tentação cõ que a Serpente adulou a Adam, com as esperanças da Divindade. *Eritis sicut Dij.* Deyxandosse Adam levar da *lizonja*; cahio do alto cume do estado da innoscencia, em que Deos o havia posto: a Serpente ficou cahida sobre a terra; & por castigo, que andasse de rastos: *Super pectus tuum gradieris.*

Gen. 3. V.

§. III.

105 SAõ tão perigozos os desvanecimentos aereos, que ocaziona a *lizonja*; que se não se acautelão de antes; não se evitão depois. David, quazi que não achou cautela para estas linguas enganadoras. *Quid detur tibi, aut quid apponatur tibi ad linguam dolosam?* Que remedio, ou que defensivo poderà haver para estas linguas, que sempre vos enganão? Remedio, parece que o não póde haver; porque a estas comparou o mesmo David a huã sepultura aberta: *Sepulchrum patens guttur eorum.* E que mysterio tem, ser sepultura, & ser aberta? Reparay. A sepultura he para os mortos; & della ninguem se levanta, senão por milagre: & sepultura aberta he huã cova, em q̃ he muito facil o cahir, se os passos não forem bem seguros sobre a terra. São pois estas linguas sepultura, & aberta; porque nella he tão facil o cahir, como difficultozo o levantar. Para a facilidade da quèda, cóva aberta: *Patens*: para a difficuldade do levantar, sepulchro: *Sepulchrum.* Se pois o remedio he difficil, a cautella qual póde ser? A meu entender, o mesmo sepulchro. O remedio de nos não sepultarem na quèda estas linguas, que nos desvanessem, & nos emganão, he o enterrarmonos primeyro a nós; porque se o nosso perigo està no voo, com que tirandonos da terra que somos, voamos como aves à região aerea: a cautella ha de ser não voar; nem nos apartar da terra, que nos dezenganna.

Psal. 119. V. 3

Psal. 5. V. 11. & Psal. 13. Vers. 3.

De-

105 Dezejava Iob o seguro descanso cõ os Reys, que fabricárão sepulturas para sy. *Nunc enim dormiens silerem, & somno meo requiescerem cum Regibus, & Consulibus terræ, qui ædificant sibi solitudines.* Adiante ponderarey este Texto a outro intento: agora duvìdo; porque razão dezeja Iob mais o descanso dos Reys, que o dos outros homẽs? E porque o dos Reys, que fazem sepulturas? Oh! que os Reys saõ os que a fortuna pos em lugares mais altos; & em Região mais supperior: saõ os que nessa altura solicita mais a *lizonja*: saõ os que tendo sobra de tudo, tãbem a tem dos engannos aduladores: tudo possuem, faltalhes quem os não lizongee. *Monstrabo tibi* (diz o Seneca) *cujus rei inopia laborant magna fastigia; quid omnia possidentibus, desit, scilicet ille, qui verum dicat, sed adulandi certamen est, & unum amicorum officium, una contentio, quis blandissimè fallat?* E contra estes perigos, a cautella segura para não cahir, he o cuidado fixo na sepultura; a memoria da terra, contra o desvanecimento do *Ar*. E isto he o que se póde dezejar; & envejar: o meyo de achar entre as regiões, em que a *lizonja* reyna, o seguro com que a quèda se acautella. Iob 3 V.14. Senec. de Benef. lib.6. c.30. pag. mihi 61.

106 Naquelles gafanhôtos, que cobrirão todo o Egypto, disse Saõ Gregorio Magno, que se significavão as linguas dos lizongeyros: & quem livrou o Egypto de taõ grande prága? Hum vento, que soprou da parte do Occidente. *Oravit Dominum, qui flare fecit ventum ab occidente vehementissimũ, & arreptam locustam projecit in mare rubrum.* E porque mais houve de soprar o vento do Occidente? Porque o *Ar*, que sahe das cóvas das sepulturas, que saõ o nosso Occidente, he o remedio, & o defensivo unico contra a *lizonja*. E reparay, que este vento foy mandado por Deos: *Oravit Dominum, qui flare fecit ventum.* Hum vento levantou a prága; outro a consumio. *Ventus urens levavit locustas: Qui flare fecit ventum.* Hum *Ar* turbulento, & contagiozo da *lizonja* nos desvanece: outro vento vehemente nos remedea. O primeyro Exod. 10. Verf 19. Ibid. V.13.

he *Ar* da vaidade; o ſegundo *Ar* da inſpiraçaõ. Hum he dos homẽs, que vivem, outro dos homẽs, que morrem: eſte do Occidente, que nos remedea; aquelle da vida que nos enganna, & nos deſvanece. *Univerſa vanitas omnis homo vivens.*

§. IV.

107 A Eſtas propriedades, que conſideramos no *Ar*, anda junta outra, que como effeyto naſce deſta meſma cauza; & na qual, com grande Allegoria, ſe deſcobrem muitos defeytos da vaidade dos homens. Conſiderada pois a natureza do *Ar*: vejamoslhe agora os *caminhos*. Preguntou Ariſtoteles qual era a razaõ porque em qualquer lugar naõ entrava taõ facilmente a luz, como o *Ar*; ſendo que a luz he de natureza muito mais ſubida, & delicada, & que quazi chega a vizinhar com a natureza dos Eſpiritos; & penetra com tanta facilidade o proprio *Ar*; que no meſmo inſtante em que eſſe fermozo Planeta, mineral de luzes, comèça a repontar no Oriente, neſſe meſmo illuſtra fermozamente a terra: penetrando a celeridade da luz diſtancia taõ larga, & a regiaõ do *Ar* taõ dillatada. Comtudo para impedir que a luz entre em huã caza, baſta o pequeno eſtorvo de fechardes a genella; porem ao *Ar*, naõ ha impedimento, que lhe baſte; tudo penètra, em qualquer leve, & invizivel pôro ſe introduz; ſem que ſeja poſſivel acharſe lugar vazio de outro corpo, que naõ entre o *Ar* a ocupallo; ainda que ſeja ſahindo fora da ſua esfera, & humilhãdoſſe atè as cavernas mais profundas do centro da terra.

108 Dà o Filozofo a razão, & qualquer de nòs a dera, ſem ſer Filozofo. A luz não anda ſenão por caminho direyto; o *Ar* penètra, ainda que o caminho ſeja torſido. A luz, ſe algum dia ſe deſvia da linha recta de ſeus rayos, ſeguindo o caminho reflexo; atè neſſa reflexão obſerva direytura; o *Ar* turbulentamente, ſem obſervar regra, nem direytura

alguã,

alguã, entra por toda a parte, penètra por todo o *caminho*, accommodandose aos lugares, & quazi revestindose da sua natureza.

109 Não sey eu que couza mais commua haja nos *caminhos* dos homẽs, do que o serem torsidos, que he o mesmo, que dezemcaminhados; quando o *caminho*, que Deos lhes abrio para a carreyra, he o *caminho* recto da luz. O *caminho* que christo mostra aos homẽs he elle mesmo: *Ego sum via*; & de sy diz o proprio Christo, que he luz: *Ego sum lux mundi.* Claro està, que he o *caminho* direyto, se he o *caminho* da luz. Mas o *caminho*, que os homens ordinariamente seguem, tanto lhe falta de recto, quanto se apartão da luz, & seguem as trèvas. São estes *caminhos* tão torsidos, que não sey eu como lhes poderemos dar alcance com os passos; mas não he muito que não saybamos nòs esquadrinhalos; quando a sabedoria de Salamão, não pode comprehendelos. Dayme atensaõ. Ioan. 8. V. 12.

110 Quatro *caminhos* aponta Salamão; trez delles difficultôzos ao seu juizo, & hum totalmente inintelligivel. Os trez difficultôzos saõ, o *caminho* da *Aguia* no meyo do *Ar*; o *caminho* da *Nào* entre as ondas do Oceano; & o *caminho* da *Côbra*, que se arrasta sobre a pedra. O inintelligivel he o *caminho* de hum homem na sua mocidade. *Tria sunt difficilia mihi, & quartum penitus ignoro: Viam aquilæ in Cælo, viam colubri super petram, viam navis in medio maris, & viam viri in adolescentia.* Ponderemos em que està a difficuldade dos trez primeyros *caminhos*, & logo avultarà melhor a inintelligibilidade do ultimo. Proverb. 30. V. 18. & 19.

111 O lugar natural das aves he o *Ar*, & entre ellas se uzurpou este dominio, mais que todas, a *Aguia*; porque escalando os ares com a ligeyreza de seu vo-o; como se fora rayo de pluma, ou exalação com azas, se remonta tão alta a nossos olhos, que nos tira a admiração, com que respeytamos o elevado dessas nuvens. Se às aves deu Deos o vo-o por na-

tureza, que tem que lhes estranhar Salamão? A agoa, ainda que he lugar natural para os peyxes; tem comtudo, tambem por natureza, poder sustentar em sy as couzas menos pezadas. Que admiração he, que se sustente huã *Não* sobre as ondas, se para o *caminho* se lhe apartão, & parâ não sumergirse se unem? Na *Côbra* o atrastrarse sobre a terra; não só he na-
Gen.3.v.14. tureza; mas castigo: *Super pectus tuum gradieris*; & tambem ha naturezas, que servem muitas vezes de castigo. Que he logo o que Salamão acha difficultozo nestes *caminhos*?

112 A difficuldade a meu entender, està, em q̃ a *Aguia* voa no meyo do Ceo; sôbe a especular os segredos della região supperior; vemola em hum lugar tão eminente, que quazi a não vemos; mas se lhe buscardes o *caminho*; não lhe haveys achar rasto. Demaneyra, que sabemos que voou; vemos que tem voado; mas o *caminho* por onde, não o sabemos. Pouco mayores vestigios se achão no *caminho* da *Não* entre as ondas; mas cauza admiração; que ao sopro de hum leve vento, recolhido em huã pequena vella, navêgue com tanta ligeyreza huã *Não*, a quem não poderão abalar as mayores forças. A *Côbra* destituio de pees a natureza para o movimento progressivo; & não obstante este defeyto com que nasceu; he a sua carreyra tão velos; como se toda ella não constara mais, que de pees para a carreyra.

113 Todas as difficuldades, que divididas fazem estes *caminhos* embaraçados ao entender de Salamão, vemos nòs juntas nos *caminhos* dos homẽs. A quantos vedes, que voarão; mas não lhes sabeys o *caminho*? vedelos sobidos ao lugar mais alto; mas não sabeys o por onde sobirão; & muitas vezes, nem saõ *Aguias*; nem tem azas. E se he de admirar, que a *Côbra* ande de rastos sobre a terra: quanto mais he para pasmar, ver a muitos, que não podendo andar de rastos, voão. Que voe quem tem azas, como *Aguia*, difficultozo he, mas não impossivel; mas que voe quem não podia andar de rastos, como *Côbra*; como póde este *caminho* deyxar de ser

diffi-

difficultozo. *Tria sunt difficilia mihi: viam aquilæ in cælo.* Que se sustente, & navegue sobre as agoas huã *Náo*, governa o leme; môvea o vento, facilitãolhe as mesmas ondas o *caminho*; mas que ande sobre as ondas, que rompa por entre as tormentas, quẽ não tem bojo, para se sustentar sobre ellas; nẽ lème, que lhe indireyte o *caminho*: fiado sómente em hum pouco de *Ar*, que lhe sópra a sua vaidade: claro està que deve cauzar admiração. *Viam navis in medio maris.* E quantos ha, que o seu *caminho* he como o da *Cobra*? O modo natural com que a *Cobra* se mòve; he emcolhendo primeyro parte do corpo; & depois estendendo a outra parte: demaneyra, que primeyro se emcólhe; para estenderse depois. Oh quantos por este *caminho* (ainda que difficultozo) vemos, que não só correm, mas voão! Huns voão; porque estendem as azas como *Aguia*; outros correm; porque largão o panno todo, como *Náo*; outros dezaparecem velozes; porque se emcolhem, como *Cobra*. Emcurtaõse, como se quizessem ocupar menor lugar; acanhãose, como emcobrindo a sua ligeyreza; & quando menos o cuidays: correm como *Cobra*, de maneyra que parece voão, como *Aguia*. *Viam colubri super terram.*

§. V.

114 MAs não são ainda estes os *caminhos* torsidos, q̃ fazem inintelligivel a hum homem na sua mocidade; tebem tem grande semelhansa com os da *Cobra*; porque o mayor castigo de quem os segue, he seguillos. Que esse he o castigo, que eu dizia dera Deos à Serpente; pois tendo por natureza o andar de rastos, lhe foy dado por castigo o arrastarse. *Super pectus tuum gradieris.* Porque o mesmo *caminho* por onde a vossa natureza vos leva, he o castigo que vos arrasta. Porem (como eu dizia) os *caminhos* inintelligiveys da mocidade saõ aquelles por onde totalmente

vos apartays da luz; porque como fogiz do *caminho* direyto, & vos meteys no laberintho dos *caminhos* torsidos; nem hum Salamaõ vos pòde entender o *caminho. Quartum penitus ignoro: viam viri in adolescentia.* Sois verdadeyramente laberintho, em que só se conhece a entrada, & a sahida; porem os *caminhos* a ninguem emganão mais, do que a quem anda nelles: só Deos os póde descobrir, & jà antigamente parece o descobrio a Ezechiel. Estay comigo.

115 Levou Deos em Espirito a Ezechiel para ver o interior da Cidade de Ieruzalem; & mandoulhe, que olhàsse para o *caminho*, que guiava para a parte do *Norte. Adduxit me in Ierusalem in visione Dei, juxta ostium interius, quod respiciebat ad Aquilonem.* (Ezech. 8. V. 3.) Como lhe queria mostrar as abominaçoens, & vaidades do povo; o *caminho* para onde o mãda olhar he o do *Norte*; porque desse *caminho* começou em Lucifer a abominação, & a vaidade. (Isai. 14. V. 13) *Sedebo in monte testamenti, in lateribus Aquilonis.* E ainda mal que tanto continuão ainda hoje as abominaçoẽs da parte do *Norte*; como se ficara inficionado o lugar, só com o intento que Lucifer teve de ocupallo. A primeyra couza, que Deos mostrou a Ezechiel foy o Idolo do Zelo: *Ubi erat statutum Idôlum Zeli:* collocado no frontespicio da porta; & as abominaçoens, & idolatrias, que o povo fazia diante deste Idolo. Vedes ahi começado a torser o *caminho.* O *caminho* direyto da adoração terminace a Deos, como a seu proprio fim; & os homẽs torsem a adoraçaõ para os Idolos. Adoração por adoração, naõ he mais facil, naõ he mais bem emcaminhada a Deos, que a hum Idolo? Este Idolo diz o Propheta, que era do *zelo*: eys ahi o *caminho* ainda mais torsido. O verdadeyro *zelo* ha de ser da honra, & gloria de Deos, como o de David. *Zelus domus tuæ comedit me.* (Psal. 68. V 10) O *caminho* direyto he zelar, que não haja Idolos: o *caminho* torsido he idolatrar nos Idolos do *zelo.* Quantos com a cappa do *zelo* idolatraes? Vem muitos pello *caminho* direyto dar culto, & adoração a Deos

na

na Oraçaõ, nos Sacramentos, nos exercicios do espirito, & o vosso *zelo* todo he murmurar estas adoraçoẽs, estranhar estes *caminhos*, perseguindo, com cappa de *zelo*, pello mesmo *caminho* por onde os outros, com *zelo* verdadeyro, largaõ os Idolos, & buscaõ a Deos; & he grande lastima, que pello mesmo *caminho* por onde huns adoraõ, outros idolatrem. Justamente he esta a primeyra couza, que Deos estranhou entre as abominaçoens de Ieruzalem, & he, a meu ver, a razaõ do castigo que deu a Faraò.

116 Quando Faraò perseguio o povo na passagem do mar vermelho; no mesmo *caminho* que as ondas abriraõ para a passagem do povo; fabricáraõ soberbas sepulturas para ruina do exercito. *Reversæque sunt aquæ, & operuerũt currus, & equites cuncti exercitus Pharaonis, &c.* E naõ podera Deos castigar a Faraò, & ao seu exercito com outro genero de castigo? Sy pudera, mas naõ quiz; porque como o delicto de Faraò era perseguir o povo de Deos pello mesmo *caminho* por onde Deos guiava ao povo; era justo que nesse mesmo lugar perecesse: a lastima foy grande; porem merecida. Este exemplo viraõ entaõ os olhos em Faraò; & este mesmo póde ver agora a nossa consideraçaõ repetidas vezes; & he couza lastimoza, que o mesmo *caminho*, que he direyto para os zelozos da adoraçaõ; seja *caminho* torsido para os adoradores do *zelo*. Exod. 14. V. 27.

117 Passada a porta, vio Ezechiel por hum pequeno buraco, que se rompeu na parede, toda a semelhança de animaes, que andaõ de rastos. *Et introduxit me ad ostium atrij: & vidi, & ecce foramen unum in pariete: & ingressus vidi, & ecce omnis similitudo reptilium.* Vio tambem todos os Idolos pintados na parede: *Universa idola domus Israel depicta erant in pariete*; & hum grande numero dos mais velhos de Israel idolatrando nestes Idolos. *Et septuaginta viri de senioribus domus Israel.* Iá a minha difficuldade parece mayor que a de Salamaõ! A Salamaõ foy difficil o *caminho* da Cobra; & foy Ibid. V. 10.

incomprehensivel o *caminho* da mocidade. *Quartum penitus ignoro: viam viri in adolescentia.* E que sera o *caminho* do homem, que não he como de moço; senão como de *Cobra? Omnis similitudo reptilium.* E que será, ainda mais, o *caminho* do homem, não moço, como na adolescencia; mas velho, como não devéra na velhice? *Septuaginta viri de Senioribus Israel.* Que dezem caminhem os Idolos aos moços; muito he contra a natureza de homẽs; mas que tambem idolatrem os velhos; ainda he mayor a difficuldade da que se reprezentou a Salamão.

118 Antigamente se queyxava, & chorava ElRey Ezechias de que se lhe cortassem os fios da vida no meyo de seus
Isai.38.V.10 dias. *Ego dixi in dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi.* E he digno de reparo, que os annos conta como dias, os dias como seus, & que poem termo ao dia da morte; como se para a vida houvera principio, ou meyo, que não pudesse ser juntamente fim. E que mais importa a Ezechias, que se lhe dilate a vida, do que se lhe aprẽse a morte? Mas appella Ezechias dos annos da mocidade para os annos da velhice: entendendo que nos caminhos, que devemos seguir, vão mais seguros os muitos annos que os poucos. E se isto diz Ezechias, que andava pello caminho da verdade, como elle mesmo repetia a Deos: *Obsecro Domine, memento quæso,*
Ibid. V.3. *quomodò ambulaverim coram te in veritate.* Que hão de dizer os velhos sempre idolatrando? Ezechias fez distinção de que os dias erão seus, para differença dos dias, q̃ saõ de Deos; como dando a entender, que se os primeyros dias da nossa adolescencia os uzurpamos, como nossos; ao menos os ultimos annos da nossa velhice; por direyto se devem a Deos.

§. VI.

119 E Que quando os muitos annos vaõ *caminho* direyto para Deos, queyrão ter semelhansa cõ os pou-

cos,

cos, que vaõ *caminho* torsido para os Idolos; este he o *caminho* mais inintelligivel. E eu acrescento jà à sentensa de Salamaõ: que o *caminho* da adolescencia, naõ se entende; mas que o quinto *caminho* da velhice; nem se entende; nem he possivel entenderse; porque he verdadeyramente *caminho* torsido: *caminho* de trévas, totalmente afastado da luz: primeyramente da luz de Deos; depois da luz da razaõ, & vltimamente da luz dos annos. Muitas vezes se vos faltou a luz da graça (que he a que emdireyta o *caminho*) ficou ao menos a da razaõ, que emdireytou a muitos entre a cegueyra da gentilidade. Se a luz da razaõ avultou pouco entre as nuvens dos affectos da adolescencia; aclarou ao depois com o discurso dos annos; & se nem com os annos apareceu esta luz, saõ trèvas densas, em que se naõ pòde acertar com o *caminho*; saõ *caminhos* vaõs; em que os passos saõ a mesma vaidade: *caminhos*, naõ de luz, mas de *Ar* todos torsidos: *Vides quæ senioribus Israel faciunt in tenebris?*

120 Ainda vio Ezechiel *caminhos* de mayor abominaçaõ. Rompeuse outra parede, & o que se via là dentro, eraõ huãs molheres chorando por Adonis. *Et introduxit me per ostium portæ domus Domini, quod respiciebat ad Aquilonem: & ecce ibi mulieres sedebant plangentes Adonidem.* Ibid. v. 14. Que vos leve por *caminho* torsido a reprezentaçaõ do gosto, he vaidade desgraçada do appetite; mas que no mesmo *caminho* da pena, & das lagrymas acheys vereda para a vossa perdiçaõ; he lastima da vaidade inexplicavel! Que se esconda Adam; porque commeteu o delicto; que entre Pedro em huã cova a chorar o seu peccado; buscaõ a luz atè pello *caminho* da escuridade; mas que se fechem estas molheres a sette paredes; & essa clauzura seja para chorar, & seja por Adonis esse choro; he torser o *caminho* direyto do retiro, & das lagrymas.

121 Quando Deos quiz fallar ao coraçaõ daquella Alma; que introduz o Propheta Ozeas no Cap. 2. levou a para o retiro de hum dezerto: *Ducam eam in solitudinem, &* Osea 2. v. 14

ibi loquar ad cor ejus. Porq̃ o *caminho* direyto de ſeguir a Deos, he o retiro do mũdo. Quãdo a Magdalena começou a ſer illuſtrada com a luz do verdadeyro *caminho*, que he Chriſto:
Ioan. 8. V. 12. *Ego ſum via*: os primeyros paſſos, que deu, foraõ as lagrimas,
Luc. 7. V. 38. que chorou. *Ut cognovit: Cæpit rigare*; mas he porque ſeguia o *caminho* direyto; porém no retiro, & nas lagrymas achar *caminho* para idolatrar em Adonis? Quem havia de imaginar, que em paredes tão fechadas achâſſe tal *caminho* a idolatria? Mas achou *caminho*; porque não entrou como luz, & entrou como *Ar*; que em toda a parte acha *caminho* a vaidade aerea.

122 Entrou Ezechiel mais dentro ao páteo da Caza de Deos, & vio vinte & quatro Varoẽs, que tinhão as côſtas cõtra o Templo de Deos; & o roſto para o Oriente, adorando
Ibid. V. 16. o Sol. *Et introduxit me in atrium domus Domini interius: & ecce in oſtio templi Domini inter veſtibulum, & altare, quaſi viginti quinque viri, dorſa habentes contra templum Domini, & facies ad Orientem: & adorabant ad ortum ſolis.* Eſta he tambem a vaidade das vaidades: *Vanitas vanitatum*: pello *caminho* da luz idolatrar a cegueyra; porem na minha eſtimaçáõ ſe aſſy como eſtes homẽs olhaváõ para o Oriente do Sol, repararaõ bem no ſeu Occidente; mais facil lhes era achar entre as trêvas, a luz, & entre a noyte, o dia. O melhor *caminho* de nos amanhecer o Oriente da graça; he emcaminhar os paſſos do diſcurſo ao Occidente da morte; porque de entre eſtas trêvas ſahe a luz da graça mais fermoza. A luz material no principio do mundo foy dividida das trêvas: *Diviſit lucem à tenebris*: A luz da graça he mais viguroza entre eſtas ſombras. Importa voltar as coſtas à luz do mundo, & o roſto ao Tempo de Deos; ou para melhor dizer, a Deos no ſeu Templo; porque como he poſſivel, que nos emcontremos com Deos; ſenão buſcamos a Deos pello meſmo *caminho*, por onde elle nos buſca.

123 Lembrame que diz o Propheta Rey, que a *Mize-*

ricordia, & a *Verdade* se encontrarão no *caminho*. *Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.* A *Mizericordia* he o *caminho* por onde Deos nos busca ; a *Verdade* he o *caminho* por onde nôs buscamos a Deos : se os nossos passos naõ forem pello *caminho* direyto da *Verdade* ; como podem encontrarse pello *caminho* direyto da *Mizericordia*. Psal. 84.

124 Aquella Escada, que Iacob vio em sonho nos campos de Mozopotamia: diz o Santo Patriarcha, que vira sobir, & descer por ella aos Anjos. *Viditque in somnis scalam stantem super terram, & cacumen illius tangens cælum : Angelos quoque Dei ascendentes, & descendentes per eam.* No alto da Escada estava Deos: *Dominum innixum scalæ*: ao pee Iacob. E não poderaõ ser duas as escadas; huã por onde os Anjos sobissem, outra por onde descessem? Naõ; que nesse sobir, & descer dos Anjos, & nessa continuaçaõ da Escada do Ceo atè a terra, se significa a communicaçaõ de Deos com os homẽs; & he impossivel, que bayxe Deos por outro *caminho* a communicar aos homẽs, senaõ por aquelle mesmo por onde os homens sobem a buscar a Deos. E posto que Deos he sempre o primeyro que desce a buscarnos: o *caminho* de nòs sobirmos a buscar a Deos, ha de ser tambem descendo. Havemos descer de nòs, para sobirmos a Deos ; assy como Deos desceu de sy, para nos sobir a nòs. *Minuisti eum paulò minus ab Angelis: Constituisti eum super opera manuum tuarum.* Genes. 28. Vers. 12. Psal. 8. V. 6.

125 Deos abateuse a sy descendõ. *Humiliavit semetipsum*; para nos sobir a nòs; & nós havemonos de abater, para sobir a Deos. A pedra, que depois de derrubar a Estatua, cresceu à grandeza de monte : *Factus est mons magnus.* Primeyro desceu de outro monte. *Abscissus est lapis de monte*; & arruinou a estatua da vaidade: *Percussit statuam in pedibus: redacta: &c.* A agoa, que ha de sobir de hum lugar bayxo, para brotar em huã alta fonte; he necessario que desça primeyro de outro lugar mais alto; & abatendosse, côbra vigor para sobir. O Cypreste, que se levanta a mayores com as outras plan- Philip. 2. Vers. 8. Dan. 2. V. 35.

plantas, & qual agulha de esmeralda parecè que quer cozer a terra com o Ceo; primeyro profunda as raizes nas entranhas da terra, & por isso sóbe mais alto; porque sobe mais direyto. Porem he tal a *Mizericordia* de Deos, que naõ sò nos busca pello *caminho* recto; mas tambem pellos atalhos; porque nos busca pello *caminho* por onde nòs andamos; & naõ quer que nesses atalhos torsidos, & escuros nos falte alguã luz.

126 Quando Deos na infancia do mundo dividio a luz das trevas; fez dous grandes, & luminozos Astros: *Fecitque* Gen.1.V.16. *Deus duo luminaria magna*: separandolhes a jurisdiçaõ, & dividindolhes as prezidencias: *Luminare maius, ut praeesset diei: & luminare minus, ut praeesset nocti.* Pregunto. Se Deos sepára a luz das trèvas; para que torna a misturar com as trèvas a luz? Se dividio o dia, com a luz do Sol, das trèvas da noyte: *Divisit lucem à tenebris. Appellavitque lucem diem, & tenebras noctem*: para que alumeya a noyte com a luz da Lua, participada do mesmo Sol? A razaõ he; porque nunca a *Misericordia* de Deos divide tanto a luz do seu dia das trèvas da nossa noyte, que, ao menos, entre essas obscuras trèvas, naõ apareça a luz da Lua; ainda que menor, & participada do mesmo Sol. Se nos naõ illustra com rayos direytos no *caminho* do dia; não nos dezempara com os rayos reflexos nos atâlhos da noyte; porèm como a natureza da luz atè nos reflexos observa rectidão; por isso nos diz Izaias; que façamos os atalhos direytos. *Rectas facite semitas Dei* Isai.40.V.3. *nostri.* Porque jà que a desgraça da nossa vaidade nos desvia do *caminho* da luz do Sol; não seja o *caminho* taõ torsido, q̃ totalmente fuja da rectidaõ da luz; porque será vaidade das vaidades, quem pòde achar atè nos atalhos *caminho*, torselo de sorte, que esses mesmos atalhos lhe faltem.

127 Melhor he seguir tal *caminho*, que ainda depois de cortado o passo, se continuem os passos pello *caminho*: quero dizer, que sigamos em vida hum *caminho* taõ direyto; taõ

livre

livre da vaidade; que quando a morte o atalhar, pareça que o vamos ainda seguindo. No *caminho*, que guiava para Bellem morreu a fermoza Rachel; que he muito costumado uzo da morte, cortar os passos ao *caminho* das Racheis. *Mortua est ergo Rachel.* Sepultaraõ a Rachel no mesmo *caminho*: *Sepulta est in via, quæ ducit Ephratam, hæc est Bethlehem.* E não podera a Sepultura ser em outro lugar? Bem podera; mas não com tanto mysterio. Sepultesse Rachel no *caminho*, para que o mesmo *caminho*, que seguio em vida direytamente; pareça que o prosségue ainda depois da morte: em vida com os passos, em morte com o dezengano: sempre rectamente, sempre longe dos *caminhos* da vaidade; que se pòdem divertir aos homẽs, em quanto vivos: *Universa vanitas omnis homo vivens*: os dezenganem com o lugar de sepultados. *Sepulta est in via.* Gen. 35. V. 19.

§. VII.

128 TEndes visto os *caminhos* que segue o *Ar*: reparay agora no *lugar*, que occupa; & seja esta, entre muitas a ultima circunstancia do nosso discurso. Occupa o *Ar* aquelle dillatado espasso, que da superficie das agoas, & da terra se estende atè a Região do fogo; & se consultarmos aos Mathematicos, acharemos, que he esta esphera sem comparação mayor, que aquella que o occupa a *Terra*, & a *Agoa* juntamente. A *Agoa* achou bastante *lugar* na capacidade das cavernas da *Terra*; à *Terra* bastoulhe por *lugar* a pequena esphera em que se comprehendia debayxo da *Agoa*; sendo que a *Terra* foy destinada para habitaçam de todo o genero humano; para a producção de innumeraveis brutos na especie, & em numero; para a vegetação das plantas; para as minas dos metaes; & para outros uzos infinitos. A *Agoa* houve de fecundar a *Terra*, houve de produzir tanta, & tão grande variedade de peyxes, & todo o gene-

ro de Aves, que continuamente povoão os ares ; & comtudo não tendo o *Ar* nenhuã deftas prerògativas , occupou huã tam dillatada efphera, & tão eminente a eftes dous Elementos.

129 Efta he a ultima, mas principal femelhança, que eu confidero no *Ar* com a vaidade dos homens ; porque vemos muitos (& por certo os que fervem para menos) a quem todo o *lugar* he pequeno : querendo occupar mayor efphera do que pódem ; & parecendolhes, que quanto mayor for o *lugar* da fua habitaçaõ ; tanto mais crefcerà a grandeza da fua peçoa. Que outra couza faõ os foberbos edificios , os mageftôzos Palacios, as Pyramides competidoras de Babel ; fenão huã vaidade aerea com que os homẽs intentão occupar mayor *lugar* ? Commummente dizeys, que huã caza he grande ; porque tem grande vão ; & o vão he grande ; porque recebe muito *Ar* : de maneyra que quanto o *Ar* he mais, tanto o vão he mayor ; & quanto o vão he mayor, tânto vos parece mais foberano, & magnifico o *lugar* da voffa habitação : feguefse logo, que a grandeza do voflo *lugar* he aerea ; & affy he, que fe os homẽs fe fizeraõ affy o *lugar* , como terra que faõ, pouco *lugar* lhes baftava ; porem os que o medem pello aerio da fua imaginaçaõ, toda a efphera lhes he curta.

130 Dizia o paciente, & Santo Job, que dezejava defcanfar com aquelles Reys, & Princepes , que edificaõ folidoẽs ; entendendo por folidoẽs as fupulturas. *Nunc enim dormiens filerem, & fomno meo requiefcerem : cum Regibus , & Confulibus terræ , qui ædificant fibi folitudines.* Tornemos a ponderar eftas pallavras a diverfo intento (que do *lugar* das fepulturas, não he fó huã a ponderação , que fe tira contra a vaidade). Se differa Iob que defcanfaria com os Reys, que edificaõ Palacios magnificos, edificios foberbos ; habitaçoẽs mageftozas iguaes à fua dignidade, & foberania ; fe ifto differa Iob ? differa o que os Reys , & Princepes commummente fazem, & aquillo em que entendem tem o feu defcanfo :

Iob 3. v. 13. & 14.

po-

porem querer descansar com os Reys, que edificão sepulturas solitarias. *Qui ædificant solitudines ?* Que achou Iob neste edificio, mais que nos outros, em que os Reys se emprégão ? Que mais tem o *lugar* pequeno da sepultura, q̃ o grãde *lugar* de hum Palacio sumptuozo ? Tem de mais o que tem de menos; quanto este lugar tem de menos, tanto he mais ajustado ao que se deve ao homem O homem, em quãto terra, bastalhe por *lugar* quatro palmos de terra da sepultura: o homem, em quanto *Ar*, nào cabe no dillatado *lugar* de hum, & muitos Palacios. Estes saõ fabrica do desvanecimento aereo; aquella he medida ajustada do abatimento terreno.

131 Dirmeheys. E nas sepulturas dos Reys não tem tãbem grande parte a vaidade ? Digaõ-no quantos Mauzoleos levantou antigamente a Gentilidade, & edifica ainda hoje, a soberba desvanecida; querendo a vaidade, do mesmo abatimento da morte, levantar Obeliscos ao desvanecimento; & dando ás poucas cinzas de hum cadaver, que jà não he, hũ *lugar* tão grande, como a vaidade, que o fabrica. Assy he, & assy o confesso: porem se bem reparays no Texto; nam falla Iob sómente, nas sepulturas, que os Reys edificaõ; senão naquellas que edificão para sy. *Qui ædificant sibi.* Reparay na energia daquelle *Sibi.* Para hum homem, ainda q̃ seja Rey, pouca sepultura basta; *Sibi.* Para quatro cinzas, basta huã pequena cova. *Sibi.* Para o que brevemente ha de ser nada, ainda a sepultura he *lugar* que sobeja: *Sibi.* Para a peçoa o *lugar* pequeno he o mais proprio; a mais grandeza, que vedes, não he para elle: *Sibi*: he para os vindouros. Essa sumptuozidade he hum engano dos que hão de vir: aquella pequenhez, he o dezengano de quem a edifica. *Qui ædificant sibi.*

132 Mas se saõ vaõs os *lugares*, que a vaidade dos homens aereamente se fabríca; muito mais vaõs, & aereos saõ os pensamentos com que intentão essa fabrica. Antigamẽte qui-

quizerão os Babilonicos edificar aquella celebrada Torre, tão portentoza na altura; que as ameyas chegassem a emtestar com o Ceo: *Cujus culmen pertingat ad cælum.* Se bem
Gen.11.V.3.
proporcionarmos esta altura, dependia de mayores aliceces, do que se podião fundar sobre a terra, & consequentemẽte o circuito, & a capacidade mayor da que póde caber em planicie alguã. Conseguir esta obra, era impossivel; porque nem o trabalho humano poderia abrãnger a grandeza tam desmedida; nem as vidas dos homẽs poderião conservarse, depois que a Torre chegasse às Regioẽs supperiores, & vizinhança dos Astros. Quiz Deos desvanecer os intentos destes mundanos; & o expediente que tomou, foy o de confundirlhes as lingoas: *Confundamus linguam eorum.* E nam podera Deos desbaratar em hum instante todo este edificio, assy como fez aos muros de Ierico? Naõ podera tirar a vida aos mesmos que edificavão, assy como a tirou aos Primogenitos do Egypto? Bem podera; pois para que lhes confunde as linguas? A razão, a meu ver, he; porque ainda q̃ a obra em sy era vã; o pensamento, com que se edificava, era mais vão; & quiz Deos destrohir antes a vaidade do pensamẽto, do q̃ a vaidade da obra. Se destrohira a fabrica, poderião ficar aos Artifices novos intentos de reedificalla; se matara aos Artifices; naõ lhes ficara o dezẽgano da sua vaidade; pois permaneça o principio da obra, para testemunha da vaidade, que se intentou; & vivão os Artifices, para dezengano do impossivel, que começarão: confundaõselhes somente as lingoas. *Confundamus linguam eorum:* para a [illegible]timento, & confuzaõ de pensamentos tão aerios; que intentaõ fabrica, que occupasse mayor *lugar*, do que todos os Elementos. *Cujus culmen pertingat ad cælum.*

133 Naõ he outro o castigo, que David rôga, como prâga, aos mâos, & aos vaõs. *Decidant à cogitationibus suis.*
Psal.5.V.11.
Cayaõ, Senhor, de seus pensamentos; não lhes dezeja, que cayaõ de suas obras, que isso he o menos; pêde que cayaõ

dos

dos seus pensamentos; *A cogitationibus*; porque como estes aspirão sempre a *lugar* mayor; tanto mais alta, & perigoza será a quèda. Vedes aqui o que de ordinario costuma succeder aos vaidozos do *lugar*; que não só cahem nos pensamentos; mas cahem dos mesmos pensamentos. Quando a vaidade de hum homem lhe faz appetecer *lugar* grande, cahe no pensamento; porque regularmente, appetecendo o mais, fica no menos; porèm quando Deos lhe abâte a vaidade; ainda cahe desse menos, em que o pos o seu pensamento; & isso he cahir do pensamento: *Decidant à cogitationibus suis.*

134 A Lucifer propos Deos por *lugar* a grandeza do Ceo, & elle appetecendo *lugar* mayor; disse que havia por o seu assento sobre as nuvens. *Ascendam super altitudinem nubium.* Eys ahi Lucifer cahindo no pensamento; pois cuidando, vaidozamente em conseguir mayor *lugar*, appetecia o inferior. Castigou Deos a Lucifer, & deulhe por *lugar* o inferno no centro da terra. *Verumtamen ad infernum detraheris in profundum laci.* Eys ahi Lucifer cahindo do pensamento; porque querendo sentarse sobre as nuvẽs, se sepultou nos infernos. *Decidant à cogitationibus suis. Verumtamen ad ad infernum detraheris in profundum laci.*

Isaiæ 14. V. 14.

Ibid. V. 15.

§. VIII.

135 Porem que muito que assy caya, quem assy sóbe, & q̃ se reduza a *lugar* tão pequeno, quem quer occupar espheras tão dillatadas? Mas nisto excede a vaidade dos homẽs ao *Ar*; que o *Ar* tem *lugar* grande, mas occupa o, & os homẽs querem occupar mayor *lugar* daquelle, que podem emcher. *O Ar* emche huã esphera grande; porque em sy he grande; & os homens querem ser grandes; porque occupão *lugares* grandes. O *Ar* tem grandeza propria, & por isso ha mister esphera larga; os homens, sendo em sy

F pe-

pequenos, querem que o *lugar* os faça grandes. Notay.

136 Aquella Arvore de Nabuco: sonhava o Rey, que estendia a grandeza de seus ramos por toda a circumferencia da terra; & que na altura, chegava a fazer duvida, se o vulto das suas folhas erão nuvens, ou se tinha por flores as
Dan.4.V.8. Estrellas. *Magna arbor, & fortis: & proceritas ejus contingens cælum: aspectus illius erat usque ad terminos universæ terræ*; sem duvida que as raizes havião senhorear a profundeza da terra. Servia esta Arvore de amparo, & sustento a ho-
Ibid. V.9. mẽs, & animaes. *Ex ea vescebatur omnis caro.* Era caza de conversasaõ das aves. *In ramis ejus conversabantur volucres cæli.* E enfim galharda, & pompoza occupação dos ares. Parecevos, que pode haver mayor grandeza de huã Arvore, a quem era pequeno *lugar* a redondeza do mundo? Ora vede como tudo isto se desvaneceu. Cortace o trôco à Arvore, & dezaparecem ramos, folhas, flor, frutto, & nem huã leve sombra ficou de Arvore tão crescida. *Succidite arborem,*
Ibid. V.11. *& præcidite ramos ejus, excutite folia ejus, & dispergite fructus ejus.* Que cortado o tronco, sẽque a Arvore; razão he natural; mas que dezapareça a Arvore toda; que se desvaneça huã grandeza tão excessiva; como pòde ser? Pôde ser; porque a Arvore não tinha outra grandeza mais, que a que lhe dava o *lugar*. Na realidade o seu ser, era huã vaidade sonhada. *Videbam, & ecce arbor in medio terræ, & altitudo ejus nimia.* O que tinha de grande, era só o *lugar* por onde se estẽdia na phantezia de Nabuco. *Visio capitis mei in cubili meo*; & as grandezas que hum homem não tem, não lhas pòde dar o *lugar* em que sonha. Pòr mais que a vossa phantezia vos reprezente que sois grande; porque occupays *lugares* grandes; se na realidade sois pequeno, o *lugar* não vos ha de dar grandeza: tanto que se vos cortarem as raizes à vossa phantezia vã; não só dezaparecem os fumos dessa vossa grãdeza; mas nem se conhece o *lugar*, que occupava: *Succidite arborem, & præcidite ramos ejus: &c.*

137 E

137 E assy como o *lugar*; que busca a vaidade, nam só naõ dà grandeza; mas antes a desvanece , & faz com que dezapareça o *lugar*; assy o *lugar*, que busca a humildade, parecendo que abate, levanta. A Estatua com que sonhou o mesmo Nabuco, constava de cabeça de ouro, peyto, & braços de prata, ventre de bronze, pernas de ferro , & pees de barro. *Hujus statuæ caput ex auro optimo erat, pectus autem, & brachia de argento, porrò venter, & femora ex ære, tibiæ autem ferreæ, pedum quædam pars erat ferrea, quædam autem fictilis.* Na phantezia do Rey tinha huã desmedida grandeza. *Statua illa magna, & statura sublimis*; porem tanto que lhe tocou nos pees de barro, aquella pedra, que se despenhou do monte: desvaneceuse a Estatua de maneyra , que nem *lugar* se lhe achou. *Abscisus est lapis de monte: percussit statuam in pedibus, & comminuit eos: nullusque locus inventus est eis.* A Estatua era sonhada. *Hoc est somnium.* O em que se converteu, foy ainda menos que em cinza. *Redacta quasi in favillam.* E nem dessa cinza se lhe achou *lugar*. *Quæ rapta sunt vento.* Isto propriamente he vaidade de vaidades; *Vanitas vanitatum*; porque a Estatua em sy era vã, & atè essa mesma vaidade se desfez em cinza ; & ainda a essa cinza se não achou *lugar*. *Redacta quasi in favillam æstivæ areæ: nullusque locus inventus est eis.* Que nenhuã couza he mais bem merecida do desvanecimento da grandeza, que faltarlhe atè o *lugar* que occupa. Tão longe està de que o *lugar* faça grande, a quem o occupa vãmente; que antes a vaidade, de quem o occupa, tira o ser ao *lugar*. *Nullusque locus inventus est eis.* Porem a pedra, que derrubou a Estatua, cresceu a hum dilatado monte. *Lapis autem, qui percusserat statuam, factus est mons magnus.* Porque dos nadas, a que a vaidade se reduz; he que começão as grandezas a que os montes crescem. A vaidade sonhada, faltalhe o *lugar*. *Nullusque locus inventus est eis.* A vaidade abatida; crescelhe o *lugar* a montes. *Factus est mons magnus.*

Dan.2.V.32.

Ibid.V.39.

138 Sobre eſta pedra levantada à grandeza de monte edifica a ſua caſa, ou o ſeu *lugar*, a verdadeyra Sabedoria. A Eſtatua em pees de barro, he caza grãde fundada ſobre area, edificio proprio da eſtulticia, & da vaidade. O monte levantado ſobre huã pedra he fundamento de Ieruzalem ce-
Pſal.86.V.1. leſte. *Fundamenta ejus in montibus ſanctis.* Se a caza do Iuſto,
Pſal.121.V.1. & o *lugar*, a que aſpira he a caza de Deos. *In domum Domini ibimus.* Se a caza de Deos he fundada ſobre os montes da Santidade; ſe'eſtes montes ſe ſuſtentão ſobre huã pequena
Matt. 7. V. 24. pedra. *Hæc eſt domus Domini firmiter ædificata, bene fundata, eſt ſuper firmam petram.* E ſe eſta pedra he a que derrubou a Eſtatua: bem ſe ſegue que o *lugar* proprio ao homem he o ſolido; fundado ſobre huã pedra; & pedra, que não ſó arruina a Eſtatua da vaidade; mas atè o *lugar* lhe faz perder de viſta. *Nullusque locus inventus eſt eis.*

139 Eſta differença vay do *lugar* das couzas ſolidas, ao *lugar* das couzas aereas; que as couzas ſolidas, não occupão mais *lugar*, que aquelle divido à ſua grandeza: as aereas, quanto menos tem do ſer, tanto mayor *lugar* occupaõ. Se hum pouco de *Ar*, ſe adelgaçar com o fogo; creſce em grandeza dillatada; & occupa mayor *lugar*. Quantos homẽs ha, a quem o fogo da ambição adelgaça, como *Ar*; & quanto menos ſolidos, mayor *lugar* lhes he neceſſario; mas o *Ar* adelgaſſandoſſe, dillataſſe a mayor eſphera, por nam haver vàcuo em a natureza (como dizem os Filozofos); porem os homẽs; quanto mais querem abranger de *lugar*; tanto mais vàcuo admittem dentro de ſy meſmos: *Univerſa vanitas omnis homo vivens.*

§. IX.

140 PORem porque não pareçamos como os màos Medicos, que deſcobrem a enfermidade, & não lhe aplicão o remedio, ſerà precizo dar algum a tanta vaidade;

dade; & mostrar, como não he o vicio culpa do Elemento do *Ar*, que nos compoem; porque nelle mesmo temos o exemplo para a nossa reforma. *Reformamini.* Rom. 12. Verſ. 12.

141 O Apostolo Saõ Paulo dizia, que emchia, & aperfeyçoava em sua carne o que faltava na Payxão de Christo. *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.* Nòs havemos de suprir tudo aquillo, que ha de faltas em o nosso corpo com o nosso espirito. Aquelles defeytos, que nos vem pella formaçaõ corporea, & carnal, hão de reformarse no Espirito. Não nos conformemos com o mundo. *Nolite conformari huic sæculo.* Não o imitemos no que tem de mào; mas reformemolo em nôs mesmos; *Sed reformamini.* Colossens. 1. V. 24. Rom. 12. Verſ. 12.

142 Não falta que imitar nesse mesmo *Ar*, que parece nos inspirou tanta vaidade. Esse proprio *Ar*, que nos parece ambicioso no sobir, o *lugar* que busca he vizinho do mesmo Ceo. Esse *Ar*, que ou nos ensina a torser o *caminho*; ou nos facilita a quêda; tambem nos dá passagem livre aos olhos, para ver o mesmo Ceo; & nos franquea o *caminho* para os suspiros, para as vistas, & para os dezejos. A terra por escura devemos o encobrirnos esse centro de mizerias, & horrores, o Inferno; ao *Ar* por transparente devemos não nos por impedimento algum para ver aquella morada de Deos, & publico pregão da sua Gloria; & posto que tanto conserva os homẽs o temor do castigo; como a vista do premio: com tudo Deos nos quer filhos do amor, & não do medo: ao inferno, basta que chegue a consideração; mas prohibe que chegue a vista; interpondo o denso da terra: ao Ceo quer q̃ cheguem as vozes, & que cheguem tambem as vistas, para incentivo dos nossos dezejos.

143 Notavel he a ancia com que David pede a Deos lhe desvie os olhos; para que não vejão a vaidade. *Averte oculos meos ne videant vanitatem.* E se tudo he vaidade no mundo; para onde quer David voltar os olhos, que não encontre com vaidade? *Vidi cuncta, quæ fiunt sub sole, & ecce* Psal. 118. V. 37. Eclez. 1. V. 14

universa vanitas. Se para os Elementos, tudo he vaidade, se para os homẽs, & para sy mesmo : *Universa vanitas omnis homo vivens.* O remedio he apartar os olhos da terra, & empregalos no *Ar*; que posto que no *Ar* se simbolize a vaidade, he o *Ar* hum Elemento que se não ve. Tudo vemos pello *Ar*; porem o mesmo *Ar* não o vemos : vemos pello *Ar* esse fermozo Ceo, esses brilhantes Planetas, que com serem tão luzidos; não saõ mais que huãs sombras das refulgentes luzes dessa morada Empyrea, em que a luz he o mesmo
Apoc. 21 V. 23. Christo. *Lucerna ejus est Agnus.* E que mayor lizonja nos póde fazer o *Ar*, que ser instrumento para ver; & não meyo para ser visto : dar liberdade à vista, & não lhe servir de estorvo.

144 Assy havemos uzar das creaturas todas: fazer dellas caminho para Deos; mas não deter nellas como em termo. Ver pellas creaturas a Deos; mas não ver as creaturas. Haõ de servir, como de espelho; em que pello vidro se ve a imagem; mas não pâra a vista no mesmo vidro. Deste modo
Corint. 23. V. 12. se dá a conhecer Deos neste mundo. *Per speculum in aenigmate.* O espelho saõ as creaturas; mas por ellas ha de passar a vista, & o dezejo ao conhecimento de Deos, cuja imagem todas ellas reprezentão : não pâre a vista nas creaturas; que isso seria não caminhar a Deos.

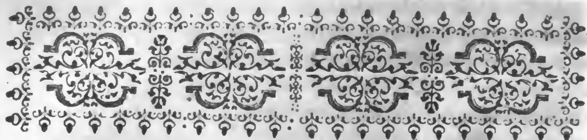
145 Por isso o Apostolo São Paulo affirmava, que nem os Anjos, nem os homẽs, nem outra alguã creatura o poderia apartar de Deos. *Certus sum enim, quia neque mors, neque*
Ad Rom. 8. V. 38. & 39. *vita, neque Angeli, neque Principatus, neque virtutes, neque instantia, neque futura, neque fortitudo, neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare à charitate Dei.* Porque não buscava Saõ Paulo as creaturas, pello que erão; buscavas, pello que reprezentavão: não as pertendia, pello ser que tinhão; procurava nellas a imagem de Deos.

146 As creaturas, como taes, divertem o amor, & o conhecimento de Deos; as creaturas, como espelho, declarão,

&

& reprezentão melhor a Imagem do mesmo Deos. Não vejamos o espelho, mas vejamos no espelho a Imagem: não vejamos o *Ar*, que he nada; mas vejamos pello *Ar*, como por espelho transparente, essa patria, aonde se ha de achar o homem com vida, & sem vaidade; que se neste centro das mizerias, & calamidades: *Calamitatis, & miseriæ*; he o mesmo viver; que ser vaõ; porque a mesma vida he vaidade: *Universa vanitas omnis homo vivens.* Na outra a mesma Eternidade de viver, tira o defeyto da vida; porque tudo he huã bemaventurança; aonde ha gloria, & mais gloria. *Ad quam nos perducat Dominus Omnipotens. Amen.*





DISCURSO IV.

Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.
Ex Psalmo 38. Vers. 6.

147 RDE o mundo todo em vaidade. Por tantas partes se ateya o *Fogo*, quantos saõ os homẽs, que nelle vivem: *Universa vanitas omnis homo vivens.* Porem ainda que tudo he *Fogo*, & tudo *Fogo* de vaidade; não he tudo *Fogo* do mesmo modo; porque tambem as vaidades saõ differentes, quantos saõ os vicios, que atropellão ao homem. Huns ardem, como *Fogo* de chama; outros abrazaõse, como *Fogo* de braza; outros queymãose, como cinza. A huns ateasse o *Fogo* em lavareda: esta he a vaidade da *Ira*; a outros penetraos o *Fogo*, como braza: esta a vaidade da *Lascivia*; em outros occultasse o *Fogo*, como em cinza: esta he a vaidade da *Enveja.*

148 Ainda ha mais differenças de *Fogo*. *Fogo* de *Relampago* he o appetite da *Honra*, que com o resplendor subito vos cêga; & com ligeyreza, mais que repentina, se desvanesce. A esta imitação costumavão os Romanos no dia da coroação dos seus Imperadores (entre as demonstraçoens de aplauzo tão honorifico) queymarlhe diante dos olhos hum armeo de estopa; para que se entenda, que a vaidade da *Honra* he *Fogo*, que deslumbra, & dezaparece. *Fogo* de *Rayo*
he

he a *Soberba*: com tanto mais impeto fere, & queyma, quanto mais no alto se ateya. Inquirindo os Filozofos naturaes a geração de hum *Rayo*: dizem, que se forma, sobindo as exhalaçoens seccas da terra; entranhandosse dentro das nuvens; & ahi concebendo *Fogo* em sy mesmas; rompem a propria nuvem com o estrondo, a que chamays *Trovão*; & com impeto, & velocidade incrivel, descem contra a natureza de *Fogo*, abrazão com violencia mayor, da que parece se deve à sua natureza: o movimento he sempre em gyros; porque quanto a natureza do *Fogo* o inclina para sobir; tanto a exhalação da terra (de que se formou o *Rayo*) lhe dà impeto para descer. Eys ahi o *Fogo* da vaidade de hum *Soberbo*. Ao principio exhalação humilde da terra: lògo sobindo desvanescido à região mais alta, & fechado ahi entre nuvens da ambição, do respeyto, & das adoraçoens, que se lhe tributão: concebe *Fogo*; já não càbe dentro da sua esphera; jà veste a natureza de *Rayo*; jà queyma, & abraza tudo, sem reconhecer, que entre essas lavaredas de *Fogo*, vão de mistura as exhalaçoẽs da terra, de que teve seu principio; que como o *Rayo* (posto que abrazado) era bem que lhe retardasse, de algum modo, os movimentos.

149 Outro *Fogo* ha tambem, que he como o da pedra, a que chamays de ferir; nelle me parece, que vejo a vaidade de huã *Simulação* enganoza. Huã *Pedreneyra* à vista he pedra, como as outras; palpada he fria como pedra; tocada cõ o fuzil, rebenta em faiscas de *Fogo*; que reconcentrava dentro de sy mesma. Quantos homẽs ha, que tem a natureza destas pedras: à vista parecem homens; communicados, ainda parecem mais homẽs: tocaylhes com o fuzil, com o aggravo (posto que leve) com a perda, com a impaciencia; & enfim não mais que tocaylhe: Oh como a frialdade de pedra rompe em faizcas de *Fogo*? Porem ainda que toda a vaidade dos homẽs he *Fogo*, & todo o *Fogo* luz de maneyra; que parece não pòde esconderse: ordinariamente não vemos

este

este *Fogo*. Como o temos dentro de nòs mesmos, he hum *Fogo* de outra natureza, que queyma, mas não arde: tambem fazem seus milagres os vicios; mas saõ milagres contrapôstos aos milagres de Deos.

150 Aquella Sarsa, que Moyzes vio, foy hum prodigio tão grande, que o obrigou ao reconhecimento de que aquelle lugar era digno de grande veneração. A cauza do prodigio era, arder a Sarsa, & não se queymar. *Videbat quod rubus arderet, & non combureretur.* Porem o nosso *Fogo* faz outro prodigio muito differente: queymanos, sem arder; sentimos os effeytos, naõ vemos a chama; que se viramos a lavareda dos vicios, poderá ser que nos atemorizasse a vista de sórte, que perdessemos a vida.

Exod. 3. V. 2.

151 Quando do Ceo bayxou aquelle *Fogo*, que queymou a Sodoma; pos Deos preceyto a Lot, que não olhasse para traz. *Noli respicere post tergum.* E porque a molher olhou contra o preceyto de Deos, ficou convertida em Estatua. *Respiciensque uxor ejus post se, versa est in statuam.* Notavel preceyto; & notavel castigo! Se Lot foge dos vicios, em que Sodoma se abraza, o que tem que ver nella, he o castigo desses mesmos vicios; pois porque não ha de ver castigado aquillo, que tão justamente abominou? E se Deos livra a molher de Lot do incendio, como a converte em estatua? Para espásso tão breve lhe prezervou a vida? Ainda agora sahe da Cidade, para que não pereça, & já perece, porque olha para a Cidade? Se ha de morrer logo convertida em estatua, que importa que morra antes convertida em cinza? Que mais importa que a mate o *Fogo*, ou que a vista delle lhe tire a vida? Senhores: Sodoma ardia em vicios; mas a este *Fogo* não se via levantar chama: depois que o *Fogo* (bayxádo do Ceo) lhe excitou lavàredas, he tão formidavel a sua vista, que para conservar a vida, não basta fogir do incendio; he necessario tambem desviar os olhos do espectaculo. Saya Lot de Sodoma, & não olhe para Sodoma. Sahir, para não

Genes. 19. Vers. 17.

Ibid. V. 26.

morrer

morrer do incendio; não olhar, para não morrer de pasmo. Se a molher de Lot morreſſe em Sodoma, morria com o caſtigo: fóra de Sodoma morreu de horror para exemplo; porque o *Fogo* dos vicios, em quanto ſe não ve, quando muito abominaſſe; depois de viſto, mâta de pazmo.

152 Ah vicios! Idolos forjados com o fogo da noſſa vaidade! Quem podera reduzirvos à cinzas! Ah *Fogo* abrazador! Quem te podera deſcobrir as chamas! Quem tivera outro *Fogo*; vindo tambem do Ceo; *Ignem veni mittere in terram*; com que podèſſe queymarte a ti, & aos teus Idolos, & reprezentarte medonhos à viſta os incendios, que ſem os vermos, nos abrazão! Se eu podera tanto, não havia o preceyto ſer que não olhaceys: havieys de olhar, havieis de ver, havieys de paſmar com o eſpectaculo, & tambem havieys de beber as cinzas do incendio. Luc.12.V.49

153 Aſſy o fez Moyzes, quando achou o povo idolatrando. Bayxa do monte, ouve os clamores do povo ſolemnizando o Idolo, ve que adoravão hum Bezerro, & que o *Fogo* da idolatria, havia lavrado de maneyra, que chegara ao Summo Sacerdote Aaraõ. Acendeſſe Moyzes em *Fogo* de zelo; queyma à viſta de todos o Idolo, & depois de lhe meter pellos olhos (deyxayme fallar aſſy) as lavaredas; dalhe a beber as cinzas; & levando logo da eſpada, em caſtigo da idolatria, mata mais de vinte, & tres mil homẽs.

154 Qualquer deſtas acçoẽs merece grande reparo. Para que elége Moyzes o *Fogo* por meyo da deſtruição do Idolo? Para q̃ o queyma à viſta de todos? Para q̃ lhes dá a beber nas cinzas a memoria do ſeu dezatino? E o povo, que ſe amotinou contra Aaraõ, para que fizeſſe o Idolo; como ſe não amotina contra Moyzes, porque o desfaz? Como ſófre (ſobre lhe queymarem o ſeu Bezerro) a execução de tão cruel mortandade? Oh! que tudo tem grande coherencia, & myſterio. Aquelle Idolo foy forjado com hum *Fogo* material, q̃ fundio os metaes; pois ſeja desfeyto em outro *Fogo*,

que

que os consuma. Aquelle *Fogo* foy ministrado por outro *Fogo* mais ardente do cêgo appetite daquelle povo; pois cõsumasse com o *Fogo* do zelo, em que arde Moyzes. O vicio da idolátria abrazava o povo todo; mas tão longe estava de o atemorizar; que antes o festejavão cõ solemnidades. Pois queymesse o Idolo: vejaõse entre as suas lavaredas,as do peccado, que o forjou: bebão primeyro pellos olhos o terror das chamas, & depois bebão com a bocca as mesmas cinzas, & nellas o ardor do *Fogo*, que queymou o Idolo; & depois de penetrádos do espectaculo deste incendio, depois de verem arder os seus Idolos, & o seu *Fogo*, com outro *Fogo*; se não morrerem de terror, ao menos ficaràõ tão atemorizados, que se não atrevão a defender a vida: se se amotinarão contra Aaraõ, para que formasse o Idolo; não se hão de atrever cõtra Moyzes; porque o queymou: que as mesmas chamas,que virão com os olhos, apága as que lhes ardião no coração. Eu reconheço, que o meu zelo não tem actividade para consumir o Idolo da vaidade humana, & muito menos a que he forjada com outro *Fogo*: porem ajudado do Divino Espirito, darey algum calor á obra, discursando a natureza do mesmo *Fogo*.

§. I.

155 HE o *Fogo* o mais nobre de todos os Elementos; pella natureza,pella origẽ,pellas acçoẽs,& pello lugar. He pella natureza o mais puro,pois não cõsente mistura de outra qualquer couza, q possa macularlhe a sua pureza; antes todas as outras couzas se purificão cõ o *Fogo*. Pella origem; porque prezume ser procedido do mesmo Sol. Pellas acçoẽs; porque todo he luzido. Pello lugar; porque occupa a quarta esphera dos Elementos; & ainda alguns Filozofos lhe derão por centro ao mesmo Sol. Esta he a primeyra couza, que eu considero em a natureza do *Fogo*, & nella des-

cu-

cubro logo a primeyra vaidade dos homẽs, que pertensem a este Elemento; porque me parece, que nestas circunstancias naturaes ao *Fogo*, vejo naturalmente retratada a vaidade da *Nobreza*, & da *Fidalguia* : vicio que a todos tenta ; a huns, porque forão nobres; a outros, porque o querem ser.

156 Não he assy, que os desvanecidos da *Fidalguia* costumão jactarse de natureza illustre? De sangue puro, a quẽ não manchou a menor mistura de esphera inferior? Que dão pureza, & qualidade a todos os mais ? Que descendem do mesmo Sol, & das Estrellas? Que saõ de esphera alta, & que estão pôstos em lugar sublime, & marcádos com *Titolos*, & nomes, *Indices* de sua altiveza ? Assy he. Pois com razão pondero esta vaidade, entre as que pertensem ao *Fogo*. E atè na phraze vulgar, dos homẽs humildes dizeys que saõ filhos da terra; dos mais nobres repetiz, por zombaria , que a sua nobreza he de agoa doce; a outros lançays em rosto, que tẽ mais de fumo, que de nobres; porq a sua nobreza he aerea; porem os que vos prezays de muito qualificados, sois lá da quarta esphera: dizeys que sois muito illustres; tanto, como o mesmo Sol. Enfim sois homẽs do Elemento do *Fogo*, que na prezunsaõ da vossa *Nobreza*, arde o mayor *Fogo* da vossa vaidade.

157 Atè as fabulas antigas, quando houverão de fingir a Iupiter pello mais nobre de todos os Deozes, lhe puzerão na mão hum *Rayo* por insignia, que sem duvida devia ser forjado do *Fogo* do seu desvanescimento. E com mais razão chamo eu a esta *Nobreza* vaidade ; porque a verdadeyra *Nobreza*, não consiste em o nascimento illustre; senão nas acçoens heroycas; não na antecipada , & successiva *Ascendencia*; senão nas obras proprias ; não na pureza do sangue, senão na do procedimento; não no magnifico dos *Titolos*; senão na dignidade do merecimento. A *Ascendencia* illustre escurece a quem a não imita : as acçoẽs proprias ; por isso mesmo que saõ vossas, saõ as que dão *Nobreza* verdadeyra ; & se a vossa

vir-

virtude vos enobrêsse, escuzaes a do nascimento, que he alheya.

158 Na creação do mundo faz a Escriptura Sagrada
Gen.1.V.12. mensaõ, que as plantas nascerão da terra. *Protulit terra herbam virentem, lignumque faciens fructum*; que as aves, & os
Ibid. V.21. peyxes forão gerâdos da agoa. *Creavitque Deus omnem animam viventem, atque motabilem, quam produxerant aquæ in species suas, & omne volatile secundum genus suum*: o celeste firmamento dà Moyzes a entender, que se formou das agoas. *Fiat firmamentum in medio aquarum: & vocavit Deus firmamentum Cælum.* Do Sol, dizem cõmummente, q̃ foy gerádo da luz do primeyro dia; que ao quarto dia se unio nesse fermozo corpo de taõ resplandescente Astro. Isto supposto, pregunto. Se das mais couzas diz Moyzes o principio, & origem de que nasceraõ; porque se não diz do Sol, que foy produzido da luz? Eu dissera, que o mayor elogio do Sol foy descreverselhe o que era, & não se lhe fallar na origem. Declara a Escriptura, que fez Deos ao Sol o mayor de todos os Astros. *Luminare maius*; que o pos por Prezidente do dia. *Ut præesset diei*; para divizão dos tempos. *In signa, & tempora.* Pois bàsta, que se lhe escrevaõ as acçoẽs, & o luzimento proprio, he escuzado, que se lhe aclare a luz da sua origem. Isso tem de Astro mayor, ser creado com tanta luz, que naõ sò pòde luzir; mas communicar luzes a outrem; & isso tem as mais creaturas de menos illustres, que quanto as suas acçoẽs saõ menores; tanto he mais precizo descreverselhes os principios do seu nascimento; antes por isso mesmo, que se lhes descrevem, ficaõ menos qualificadas.

159 Não foy necessario fallar na origem ao Sol, & se se lhe buscasse, era a primeyra luz. As plantas, as aves, & os peyxes achariaõ, quando muito, por Avòs, Terra, & Agoa; & Terra, & Agoa, que couza eraõ? O Texto o diz. A Terra vã, & vazia: *Terra autem erat inanis, & vacua.* A Agoa abysmo entre trèvas. *Tenebræ erant super faciem abyssi.* E a

quan-

quantos succede, que buscando, como Soes, a origem na luz; ou procurando, como *Fogo*, o nascimento no Sol, se achão, como plantas, nascidas da terra vã, que a quatro enxadadas lhe solta as raizes; & os que ficaõ melhorados, se achaõ não como peyxe na agoa, mas como peyxes entre abysmos, & entre trèvas; que para as desfazer, he necessario hir buscar luz ao principio do mundo, que *Dividat lucem à tenebris.*

160 Dezenganemonos Senhores que a nossa *Nobreza* ha de nascer de nós, & não dos nòssos. A que vem dos nóssos, he alheya, & a que tem principio em nòs, he propria, & he para nòs mesmos. A mayor *Fidalguia* que ha; nem póde haver, he o ser filhos de Deos; & desta *Nobreza* qual he o principio? Dous saõ. Hum he Deos, outro somos nós. Deos, que nos adopta por filhos; & nòs, que soccorridos dos seus auxilios, fazemos por merecer a adopsaõ. Vede que principios tão honrados: hum principio, sem principio *abæterno*: outro principio de sua mesma *Nobreza*, sem dever nada, mais que a Deos, & aos seus actos meritorios. Não intento eu dezestimar a *Nobreza* dos *Avòs*, quando o mesmo Christo fes tanta estimação da antiguidade da sua *Ascendencia*: porem comparada *Nòbreza* com *Nobreza*; a da virtude, com a dos *Avòs*; a da graça com a da natureza; aquella he a verdadeyra *Nobreza*; esta me parece hum sonho, & huã vaidade; & se me não engano reprezentada ao vivo em huã estatua sonhada.

161 Aquella estatua de Nabuco, diz o Propheta Daniel, que constava de cabeça de ouro, peyto, & braços de prata, ventre de bronze, pernas de ferro, & pees de barro. A estatura era mais que grande, desmedida; & a compozição de tanta variedade de metaes, que meteu em confuzaõ ao mesmo Rey. Se a começasseys a medir dos pees atè a cabeça, de cada ves sobia em valor, atè chegar aos quillates do ouro finissimo; porem principiava por lodo: Se a mediceys da cabeça atè os pees, começava por ouro; mas acabava em barro.

Dan.2.V.34

barro. A liga de todos estes metaes significava a successaõ de quatro Imperios. Cahio huã pedra do monte: *Abscissus est lapis de monte*: tocou nos pees da Estatua. *Percussit statuam in pedibus*; & desvanesceuse a Estatua toda: *Redacta est quasi in favillam.* He possivel, que naõ só ha de cahir a Estatua por falta de pees; senaõ que ha de dezaparecer toda; porque se lhe arruinou huã parte? E se toda a Estatua ha de dezaparecer; assy como haviaõ de acabar successivamente todos os Imperios, que nella se reprezentavaõ; porque nam dezaparece primeyro o ouro, que significava hum Imperio, & depois a prata, que reprezentava outro; senaõ que tudo junto se desvanesce? Vistes a Estatua, & ouvistes as razoẽs de duvidar? Ora vede agora na mesma Estatua a semelhança da nossa vaidade, & as razoẽs de decidir.

162 Qualquer geraçaõ illustre he huã Estatua; porem formada por differentes modos. Huãs vezes começa a Estatua em pees de barro; cresce em pernas de ferro; avulta em ventre de bronze; dillatasse em peyto, & braços de prata; sublimasse em cabeça de ouro. Outras vezes he pello contrario. Começa em ouro; perde de valor em prata, avilitasse mais em bronze; diminuesse em ferro, & ultimamente acaba em barro. Em huns teve origem a *Nobreza* de principios bayxos, mas foraõse melhorando com progressos mayores; atè que chegaraõ a lograr a perfeysaõ mais subida, & os *Titolos* mais crescidos, simbolizados na cabeça de ouro. Em outros principiou a *Nobreza* pella cabeça de ouro; mas no progresso dos *Descendentes* foraõ perdendo tanto de valia; quanto degeneraraõ da cabeça; atè que ultimamente chegaraõ a ter só o *foro* de barro; que ainda que o sejaõ por natureza; querem por força desvanescerse com o ouro da cabeça; porem como he parte da Estatua, prezumem que lograõ os privilegios da Estatua inteyra. Outros, posto que o seu merecimento os fes sobir à estimaçaõ de ouro, naõ se lembraõ de que essa Estatua começou a crescer, & a sobir sobre a vileza

de

de barro; mas de hum, ou de outro modo, tudo he Estatua, & Estatua sonhada. *Hoc est somnium.* Ibid. V.35.

163 Demaneyra que os *Ascendentes*, & os *Descendentes* saõ os metaes, de que se compoem successivamente as vossas Estatuas. Acabado hum, começa outro: defunto este, principia aquelle em successaõ continuada: porem como a vossa phantezia não sonha em outra couza, reprezentasselhe sempre a Estatua inteyra. Tôcavos a pedra da campa nos pees de barro, (que de barro sois formados todos) reduzvos a cinza; que he da Estatua? Lá vay toda inteyra: *Redacta est quasi in favillam. Nullusque locus inventus est eis.* Primeyro acabou hum metal, que era o *Páe*: antes havia acabado outro metal, que era o *Avò*: ainda antes, outro metal, que era o *Bizavo*; mas ainda que acabaraõ com successaõ; a vossa vã phantezia reprezentou os metaes unidos em huma Estatua. Pois se vós, com o tôque da pedra, vos reduzistes a pò; com vosco já acabou a Estatua toda; nem lugar tem, em que saybamos, que ha estado. *Nullusque locus inventus est eis.* E se isto assy he; ou eu seja os pees da Estatua, & começasse em barro, ou os metaes se mudem, & eu seja cabeça; se eu me arruino, se eu naõ faço parte da figura na Estatua: lá vay a Estatua inteyra; & o peyor he, naõ saber, que lugar terà o ouro a êsta hora, & que lugar terá o barro daqui a pouco. Que trabalhoza couza he naõ se saber o lugar das Estatuas, que dezaparecem; & cuidar só no lugar, que tem em quanto sonhadas. A Estatua de Nabuco referiolhe Daniel o lugar, que tinha, quando a sonhou; mas não lhe soube referir o que tinha depois de cahida. *Nullusque locus inventus est eis.*

164 Vòs chamays a isto *Arvores* da *Nobreza*: os antigos contavaõ-na pellas Estatuas; tanto mais illustres, quanto mais cheyas de fumo, & denegridas com o inveterado dos annos. Chamaylhe como quizerdes. Se saõ Arvores, lá tem já hum machado ao tronco. *Iam enim securis ad radicem ar-* Matth. 3. Vers. 10.

 borum

Luc 3. V. 9. *borum posita est.* Se saõ Estatuas, lá as espera huã pedrada no barro. *Abscissus est lapis : percussit statuam in pedibus ejus fictilibus.* Se saõ d s antigos, a sua *Nobreza* he fumo ; & finalmente se he, como a de Nabuco esclarescida, resolvesse em cinza ; & fumo, & cinza, que outra couza saõ, senão effeytos do *Fogo* da nossa vaidade.

165 Na interpretação, que Daniel fes a Nabuco da sua Estatua ; o Rey se postrou humildemente por terra : *Tunc*
Dan. 2. V. 46. *Rex Nabuchodonosor cecidit in faciem suam, & Danielem adoravit.* Porem de lhe declararem, q elle era significado na ca-
Ibid. V. 38. beça de ouro. *Tu es ergo caput aureum*: tomou fundamento para mandar fazer huã Estatua de ouro toda. *Nabuchodono-*
Cap. 3. V. 1. *sor Rex fecit statuam auream.* A qual Estatua quiz o Gentio que todos adoracem. *Omnes populi tribus, & linguæ adoraverunt statuam auream* E mais a Estatua era huã lo, & quem
Ibid. V. 7. a interpretou era Daniel. E como naõ entenderey eu, que depois de vos interpretar os vossos sonhos, torneys a formar Idolos, que sejão a vossa, & queyraes , que sejão tambem a nossa adoração. Finalmente os sonhos não ficàrão desvanescidos ; ficarà sy os que sonhão : quanto mais que a interpretação he minha, que não sou Daniel ; & as Estatuas saõ tantas, quantos saõ os homẽs : *Universa vanitas omnis homo vivens.*

§. II.

166 E Assy como a antecipada serie dos *Ascendentes*, não he a que faz a verdadeyra *Nobreza* ; assy tãbem a n. o dà os *Titolos*, & os *Lugares*, que elles tiverão. Aos *Ascendentes* fes nobres o seu merecimento ; a nòs nos pòde fazer ou a imitação, ou o excesso. Na *Metaphyzica* em que todas as couzas se dividem em *Predicamentos*: em hum *Predicamento* se poem a *Acção* ; em outro a *Qualidade*, em outro o *Lugar* : porem na Filozofia moral, quizera eu, que o *Pre-*

Predicamento da *Acção* cê se o *Lugar*, & *Qualidade*. Sabeys em que *Predicamento* vos poem a *Qualidade*, & o *Lugar*? No mesmo em que vos pozeraõ as *Acçoes*: & assy se haveys de contar *Ascendentes*, contayos pellas peçoas, pellas virtudes, & não pellos *Titolos*; porque os *Titolos* (quando muito) saõ para succedidos; as peçoas saõ para imitadas, & se poder ser excedidas. Ser filho de hum *Titular*, serà *Nobreza*; mas não será a mais acreditada. Ser filho da peçoa, & da virtude, que mereceu o *Titolo*, essa he a mais qualificada, & esclarecida *Nobreza*, & em o nome de *Filho* vay incluza a obrigaçam da semelhança.

167 A mayor nobreza, que houve, nem pòde haver, he a de Christo, & reparo eu muito no modo com que S. Mattheus lhe descreve a *Genealogia*. *Liber generationis Iesu Christi*. Começa a contar o Evangelista os *Ascendentes* de Christo, & o primeyro *Avo*, que lhe nomeya he David: *Filij David*. E proseguindo logo com a mesma narração genealogica, quando chega a dizer, que David gerou a Salamaõ, dá a David o *Titolo* de Rey. *David autem Rex genuit Salomonem*. Duvido assy. Se quando o Evangelista nomeya a David por Páe de Salamaõ, lhe dà o *Titolo* de Rey; porque o nomeya sómente por David, quando o poem por *Ascendente* de Christo? Demaneyra que David Pae de Christo he David: *Filij David*. E David Páe de Salamaõ he Rey? *David autem Rex*? Qual pode ser a razaõ desta differensa? Direy a que me occorre para o intento, & notay bem. Porque para Salamaõ pôde ser *honra* a Magestade dos seus *Progenitores*; porem a Christo sò o acredita o heroyco da peçoa dos seus *Ascendentes*. Pois essa he a razaõ, porque quando S. Mattheus nomeya a Salamaõ por filho de David, lhe declara o honorifico do *Titolo* de Rey, que tinha David seu Páe: *David autem Rex genuit Salomonem*; mas quando nomeya a Christo por filho de David; sómente lhe declara o heroyco da sua peçoa. *Liber generationis Iesu Christi filij David*.

Matth. 1. V. 1.

Ibid. V. 6.

168 Quanta differensa vay de Christo a Salamaõ; tanta ha de hir no môdo de lhe contar os Páes. A peçoa taõ grãde, como a de Christo, se se lhe haõ de cõtar os Páes; contenselhe pellas peçoas; porẽ a Salamaõ contẽselhe pellas Dignidades. A Christo dessselhe por Páe David, como David; *Liber generationis Iesu Christi filij David.* A Salamaõ authorizesse com David, não como David, senão como Rey. *David autem Rex genuit Salomonem.* Salamão he filho de David Rey; mas não he filho de David, David. He filho de David Rey; porque lhe succedeu na Coroa; mas não he filho de David, David; porque se dezasemelhou nas acçoẽs. Filho de Rey, sy; porque tambem foy Rey: filho da peçoa, não; porque não se pareceu com ella. E como póde ser filho de David Santo, Salamão idolatra? E como pòde ser filho de David, costumado ao trabalho do campo, & da guerra; Salamão, creado entre as dilicias de Palacio; & tratado com o socego da paz? E como póde ser filho de David, que derrubou Gigantes; Salamão, que se postrou a Idolos? Filho de David, isso não: quando muito serà filho do Rey: *David autem Rex genuit Salomonem.* E quanto em David forão mais para estimar os merecimentos da peçoa; que a Dignidade; tanto he mais authorizado contarse polla peçoa; quando se nomeya por Páe de Christo: *Descendente*; que o havia imitar, não só nas acçoẽs; mas exceder tão imcõparavelmente.

169 Mas como havião dar *Nobreza Titolos, & Dignidades,* que acabarão nos outros, & hão de acabar em nós? Faltou o *Titolo,* quando faltou a vida, & a *Nobreza* verdadeyra começa donde o *Titolo*, & a vida acaba. Quando Christo espirou na Cruz, adverte o grande Evangelista Saõ João, que inclinara primeyro a cabeça. *Inclinato capite tradidit spiritum.* Grande he o cuidado, que cauzou aos Expozitores Sagrados esta inclinação. Muitos disserão, que este inclinar da cabeça, fora fogir ao titolo de Rey; que Christo tinha na Cruz: *Iesus Nazarenus Rex.* Accommodandome

Ioan. 19. V. 30.

Ibid. V. 19.

me agora a esta exposição: pregunto. E não havia Christo logrado muitas vezes este *Titolo* em Bellem; quando os tres Reys o buscarão? *Ubi est qui natus est Rex*? Não admitio então as adoraçoẽs, & offertas como Rey? He certo. Não consentio no mesmo *Titolo* na pregunta que lhe fes Pilatos? Consentio. Pois porque razão foge na Cruz com a cabeça a este *Titolo*? A ocazião nos dá a reposta. Diz o Evangelista; que no mesmo instante, em que Christo inclinou a cabeça, espirou: *Inclinato capite tradidit spiritum*. E não ha *Titolo* tão merecido, que não acabe; quando se espira. O mesmo he largar a vida, que acabar a Dignidade. Póde Christo consentir o *Titolo* de Rey em vida: *Iesus Nazarenus Rex*. Mas recuzao, para nosso exemplo, na morte; porq̃ a morte he hum momẽto aonde todos os *Titolos* do mundo acabão, & donde começa a verdadeyra *Nobreza* para o outro. Istô mesmo havia ditto Christo na reposta, que deu a Pilatos: *Regnum meum non est de hoc mundo*. Quando se mòrre, acabaste hum Reyno, & comèça outro; & o mesmo he fogir aos *Titolos* antecedentes, que segurar os foturos. Nunca Christo segurou mais que o seu Reyno não era deste mundo, que quando fogio com a cabeça ao *Titolo*, com que nelle o acreditárão. Não só fogio Christo ao *Titolo* de Rey, senão tambem ao de filho de Sua Santissima Mãe; porque tirando à Senhora o nome de Mãe, só lhe deu o de Molher: *Mulier ecce filius tuus*. Aprendamos deste exemplo. Se eu morro, que importa de quem sou filho? Se a vida acaba, que importa a Dignidade Real? Não está o ponto no que se deyxa, senão no espirito, que se entréga; & a quem se entrèga. Se se entregou ao Páe. *Pater in manus tuas commendo spiritum meum*. Temos o mais nobre Páe, que pòde haver; se se entregou ao Páe; logramos o melhor Reyno; se finalmẽte se entregou ao Páe, logramos a mayor, & mais esclarecida *Nobreza*.

Matth. 2. V. 2.

Ioan. 18. V. 36.

Ioan. 19. V. 26.

Luc. 23. V. 46.

170 A verdadeyra *Nobreza*, jà que se appellida com semelhanças de Sol, ha de ser como o mesmo Sol. O Sol tem

dous Emyſpherios. Eſte em que habitamos ; & o inferior; em que habitão os *Anthipodas* Para nós he illuſtre, quando aparece no Oriente: para os *Anthipodas* reſplandeſſe, quã-do agonìa no Occazo ; & o meſmo he ſepultarſe entre as ſombras; que renaſcer a novos reſplendores. Aſſy deve ſer a noſſa *Nobreza*. Dous Emyſpherios temos em que luzir. Hum neſte mundo; na bemaventurança outro. As *Nobrezas* do mundo principião no Oriente ; a verdadeyra *Nobreza* da Eternidade tem a ſua origem no Occazo. Para eſte mundo começamos a luzir, quando naſcemos ; para o outro, quando nos ſepultamos. Porem o circulo, que deſcreve a noſſa luz, he breve, & acàba: o progreſſo, que ha de fazer ao depois, he ſem termo. Veja cada hum de nòs (daquelles que ſe prezão de mais illuſtres) que tal he o Occazo deſte Emyſpherio; & dahy entenderemos todos, qual ha de ſer o Oriente do outro. Não ſe medem as noſſas luzes, pello que luzirão os noſſos antepaſſados; mêdemſe pellas ſuas ſombras.

171 Aſſy começa o Santo Job a contar o luzimento dos ſeus *Aſcendentes*. *Putredini dixi, pater meus es, mater mea, & ſoror mea vermibus.* Conta na ſua *Genealogia* por Páes a corrupſaõ, & por Irmãos aos meſmos bichos. Couza he eſta, que parece contra a Filozofia natural; porem não he contra a moral Filozofia. Na Filozofia natural, o corpo humano terminaſſe em corrupſaõ, rezolveſſe em bichos; mas não vemos, que naſça delles: o ſeu naſcimento he mais alto, & mais nobre. Demaneyra, que a corrupſaõ he filha do corpo, & não o corpo filho da corrupſaõ ; porem na Filozofia moral contãoſe as *Aſcendencias* por outro eſtylo; porque a mais eſclarecida *Nobreza* dos *Deſcendentes* comêça na conſideração das ſepulturas dos ſeus antepaſſados. De entre a corrupſaõ renaſce a *honra*; de entre as ſombras o reſplendor. As ſepulturas ſaõ os *Progenitores*. Nellas profunda mais as raizes a arvore das noſſas *Aſcendencias*.

Job 17. V. 14.

172 Ao

172 Ao mesmo Iob dizia hum dos seus amigos, que iria para a sepultura, assy como o trigo vay para o celeyro. *Ingredieris in abundantia in sepulchrum, sicut acervus tritici tempore suo.* Bem dito. O trigo recolhesse no celeyro, para dahy se tirar, & fazer huã nova sementeyra; & lançandosse, & escondendosse na terra; vemos, que hum só grão fruttifica multiplicadamente. Assy hão de ser as nossas cinzas; ou assy das cinzas dos nossos antepassados havemos contar a multiplicidade da nossa *Descendensia.* Hão de esconderse na terra, & dessas cinzas escondidas na sepultura (como trigo ditozamente semeado) cresscerá mais vistoza, & esclarescida a propagação da *Nobreza*, que tanto nos leva o appetite. *Ingredieris in abundantia in sepulchrum, sicut acervus tritici tempore suo.* Cap. 5. V. 26.

173 Quanto mais o *Fogo* da nossa vaidade abater, entre o fumo destas sombras o resplendor das suas lavaredas; tanto ao depois renascerá mais brilhante, para arder na *Eternidade*, não em fumo de vaidade; mas em holocausto de louvor; & quanto o esquessimento deste futuro faz, com que o resplendor desta leve chama da nobreza nos deslumbre mais a vista; tanto se ateya mais em nòs o *Fogo* da vaidade. *Universa vanitas omnis homo vivens.*

§. III.

174 A Segunda propriedade, que eu acho em a natureza do *Fogo*, he o insaciavel appetite com que àrde; cevandosse perpetuamente em qualquer pàbulo. Todos os mais Elementos de tal modo conservão a sua natureza, que não necessitão de outra couza para se sustentarem: só o *Fogo*; se não acha em que se sustente, perde o ser; & com tanta voracidade appetece materia em que àrda; que como em circulo; quanto mais àrde nessa materia, mais cresce, & quanto mais cresce, mayor materia dezeja para arder

 der

der de novo. Porem huã, & outra couza gàsta, & consóme de maneyra, que reduzindo tudo a cinzas, a materia perece, & o *Fogo* apagasse. Notavel semelhança com a vaidade da *Ambição* humana!

175 De todos os vicios podemos dizer, que saõ *Fogo*; porque verdadeyramente saõ as enfermidades, com que àrde em febre o coração humano; porem o vicio da *Ambição*, parece que com especialidade tem a semelhança, & a natureza do *Fogo*. Appetece o ambiciozo riquezas, honras, fama, dignidades; assy como o *Fogo* appetece a materia em que se ateya. Deulhe a fortuna o complemento ao seu dezejo: parecevos que està satisfeyta a *Ambiçaõ?* Não, que he *Fogo*; & quanto mais àrde, mayor materia lhe he necessaria para mais arder. Com elegancia o disse Seneca. *Maiora cupimus, quo maiora venerunt, ut flammæ infinitæ acrior vis est, quo ex maiore incendio emicuit.* Cresce o dezejo, quanto cresce a fortuna; porque o dezejo he *Fogo*, & a fortuna he lenha; & quãto a lenha he mais copioza, tanto o incendio he mais crescido. Com huã differensa, que o *Fogo* consóme a lenha, em que se ateya; a *Ambição* faz arder insaciavelmente o coração humano; & quanto mais arde, mayor materia fabrìca para novo incendio; porque o *Fogo* gasta a materia, que tem; a *Ambição* ateyasse na que póde ter. O *Fogo* queyma o q̃ acha prezente, a *Ambição* cresce atè com o que póde ser futuro: o que tem prezente he menos; o que espera futuro, isso he o mais.

Senec. lib. 2. de Benef. pag. mihi 15. cap. 27.

176 Oh desgraça da *Ambição* humana, que inventou caminho com que estorvasse a sua felicidade! A felicidade humana consiste no bem possuido, a *Ambição* não quer, senão o bem esperado. O que tem na pósse, de antes, foy dezejo; possuido, he desprezo: o que póde ter he só o que lhe arrasta todos os cuidados. O possuido he nada; o esperado he tudo. Não he muito que tenha este defeyto a *Ambição*; quãdo tambem se acha entre a piedade.

177 Aquel-

177 Aquelle Rey Ezechias (de que jà fiz mensaõ no Sermão antecedente) lamentandosse, de que se lhe cortassem os dias da vida: dizia assy. Eu no meyo dos meus dias hey de acabar a vida. *In dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi.* Busquey (diz tambem) o résto dos meus annos, & lastimoume, que não houvesse de lògrallos entre os vivos. *Quæsivi residuum annorum meorum, & dixi, non videbo Deum in terra viventium.* Jà fazeys o reparo na differensa de pallavras. Quando Ezechias se queyxa dos poucos annos, que tem vivido, châmalhes dias. *In dimidio dierum meorum.* E quando lança a consideração aos que tinha para viver, chamalhes annos? Cuidava eu que havia ser pello contrario; porque os dias, que Ezechias tinha vivido, erão annos, & os annos, que tinha para viver, podião não ser dias; nem ainda horas. Pois como aos annos, que jà viveu, chama dias; & aos dias, que não sabe se vivirà, conta por annos? Saõ computos, que faz o dezejo humano, em cuja *Arithmetica* he muito differente o crescer dos numeros. Os annos, que jà se lográrão (se he que se lôgra o que jà passou) como se tem delles a pòsse; antes de o serem, poderião ter o nome de annos, quando se dezejàrão; depois de o serem, cõtaõse por dias; porque se possuirão. Os dias futuros; porque podião possuirse; porque erão dezejados, crescerão à grandeza de annos; & annos jà reputados por seus. *Annorum meorum*; & taõ seus, que como seus os busca: *Quæsivi residuum*; & como roubados os chôra. *Flevit Ezechias fletu magno.*

Isai. 38. V. 10
Ibid. V. 11
Ibid. V. 4

§. IV.

178 O Mesmo que passa nos dezejos da vida, entre queyxas lastimozas, passa tambem na *Ambição* humana das honras, & das riquezas. Appeteceys ambiciozamente huã Dignidade grande; parecevos que com isso ficarà satisfeyto o vosso dezejo? Pois he como se imaginareis,

reis, que se ha de apagar o *Fogo*, lançandolhe lenha em que se ateye. Lograys a Dignidadē, que appetecestes; jà he pouco; porque he possuido; já o vosso dezejo appetece mais: como ardeu mais *Fogo*; que muito necessite de mayor materia? Conseguistes esse mais; já tornou a ser menos; & o *Fogo* principiou, outra ves, a dezejar de novo.

179 Aonde vaz *Ambiciozo* com tão abrazado impeto? Para que appeteces couza, que has de converter em cinza? Iá sey a razão de dezejares sempre mais, & mais; porque o que possue a tua *Ambição*, he como o que ardeu com o *Fogo*. O que ardeu, ficou cinza; o que se possuio, ficou nada. nem a cinza sustenta o *Fogo*, nem a *Ambição* se alimenta no possuido. Aonde ha de fazer termo tanto incendio; senão dessfazendosse em vapor, fumo, & estrondo; porque não olha o ambiciozo para os principios, em que começa; senão para os caminhos, em que ha de crescer. *Non unde venerit, respicit, sed quò tendat.* Senec. ibid.

180 Ainda fora menos que o *Fogo* da nossa *Ambição* procurara a materia, em que mais se accendesse; porem cresce a tanto; que dezeja gastar essa materia de maneyra, que não tenha em que se accender o *Fogo* alheyo. Tão solicita he a vaidade da nossa *Ambição* de uzurpar para sy toda a felicidade, que nem ainda depois de sy, quer que outrem a logre. Disseo Christãmente o Filozofo Gentio. *Relinque ambitũ*; deyxay a *Ambição*: *Tumida res est, vana, ventosa*; porque he couza toda vã, & cheya de vento: *Nullum habet terminum*; não tem termo; nem limite: *Tam solicita est, nequem ante se videat, quàm nec post se alium*; igualmente parece que importa à nossa *Ambição* crescer mais que todos; que nem depois de nòs queremos que outrem cresça.

181 Não sey se ouvistes atégora reparar bem na grande teyma, com que Salamão perseguio a Ieroboam; porque se advertidamente lerdes o Texto: posto que Deos (pella idolatria de Salamão) lhe queria tirar o Reyno da descendēcia; não

não queria tirarlhe o da peça. Queria que Salamão fosse Rey em quanto vivesse, pellos merecimentos de seu Pae David; mas dispunha, que lhe succedesse no Reyno Ieroboam, & o mesmo foy declorarselhe esta rezolução pello Propheta Ahias, que intentar Salamão tirar a Ieroboam a vida. *Voluit ergo Salomon interficere Ieroboam.* Notay aquella pallavra *Ergo*, que he cauzal. Que perliga Izau a Iacob, he contenda sobre lhe haver furtado na benção o morgado: que pertẽda Saul matar a David, he receyo de que entre as aclamaçoẽs da victoria, lhe caya da cabeça, & se ponha na de David, a Coroa: que Abimalech, filho natural, máte setenta Irmãos ligitimos, he *Ambição* de querer ser preferido: que levantem motim Dathão, & Abirão, he oppozição sobre qual ha de ser o Summo Sacerdote: que Athalia màte toda a geraçam Real, he querer o caminho franco para o Sceptro. Atèqui pertende a *Ambição* tirar o aumento proprio do abatimento alheyo. Mas que Salamão com o seguro, de que ha de ser Rey, em quanto viver, se abràze tanto na sua *Ambição*; que ainda lhe faça sombra o que pòde ter outrem depois da sua morte; he querer estender os termos do vicio àlem dos limites da vida. Que appeteça o *Fogo* lenha, em que arder, he natureza do *Fogo*; mas que intente consumir essa lenha, desorte, que não tenha depois em que se ateyar, he querer fazer estanque dos incendios. Iá que a vossa *Ambição* arde emquanto viveys, não acabarà depois da morte? Ha de acabar a vida, & não ha de ter fim o vicio? Não ha mais materia para o vosso *Fogo*, que as vossas cinzas; & ainda julgays, que vos importa não haver cinzas, em que se fomente outro *Fogo*? 3. Reg. 11. Vers. 40.

182 Com grande acordo disse o mesmo Salamaõ (que soube juntamente dar os dictames, & incorrer nos crimes) que tres couzas erão insassiaveys; & que àlem destas havia outra, que nunca dizia *básta*. O que naõ se satisfaz, he o *Inferno*, a *Lascivia*, & a *Terra*. O que nunca diz *básta* he o *Fo-*

go.

Proverb. 30. V 15. & 16. *go. Tria sunt insaturabilia, & quartum quod nunquam dicit: sufficit. Infernum, & os vulvæ, & terra, quæ non satiatur aqua: ignis verò nunquam dicit: sufficit.* Sem duvida fallou aluzoriamente do *Fogo* da nossa *Ambição*. Porque a *Lascivia* se he voraz em vida, perde a voracidade; ainda antes da morte. O *Inferno* se ateya as suas chamas nos mortos; ao menos naõ as emprêga nos vivos. Porem o fogo da *Ambição* igualmente se ateya em nós na vida, & parece nos quer acompanhar, ainda depois da morte. Não basta a Salamão, que logre o Sceptro quarenta annos; senão que ainda pertende lhe não succeda Ieroboam, depois da morte, no Reyno. Como se fora pouco arder o *Fogo* em chamas na vida; se não se conservara nas cinzas depois da morte. Porem assy havia de ser, que a *Ambição*, que se não extingue, em quanto vivemos; dura, ao menos, para o castigo, depois que acabamos.

183 Aquelle Rico Avarento, de que falla São Lucas no Cap. 16. queymandosse, & abrazandosse em lavaredas; dizia assy. *Pater Abraham, miserere mei, & mitte Lazarum, ut in-*
Luc. 16. V. 24. *gat extrêmum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma.* E que incendios seraõ estes tam intolleraveys, que obrigão ao Avarento a pedir tão instantemente algum refrigerio? E se saõ taõ grandes, & intolleraveys, como o mesmo Avarento significa; que refrigerio póde ter com o lêve tôque de hũ dedo molhado em agoa fria? E se se lhe ha de dar este refrigerio; porque razão lho ha de dar Lazaro? Direy o porque. Os incendios, em que este mizeravel se abraza, saõ de Rico, & de Avarento; & porque nelles ardeu em vida; nelles se abraza depois de morto. Porque o vicio da *Ambição*, que se naõ póde domar na vida, para o remedio: dura depois da morte, para o castigo. O refrigerio, que pède, he huã gotta de agoa, & essa da mão de Lazaro; porque nenhuã couza apàga mais o incendio da *Ambição*, que o refrigerio da pobreza. Ao *Fogo*, a quem nenhuã materia bastou para arder; huã gotta de agoa da maõ de La-

zaro,

zaro, parece que baſtava para o refrigerar. Mas buſcou tarde o remedio: pedio na morte, o que devia pedir na vida; & pareceulhe, que do meſmo modo com que Lazaro pobre fogira ao *Fogo*, podia elle mitigar o incendio.

184 Dezenganemonos os que ardemos neſtas chamas, que importa muito deſviar a lenha, para que não creſça o *Fogo*. Ao Avarento huã gotta de agoa lhe parecia, que podia ſer refrigerio a tanto incendio. Porem importa hir mais adiante com a conſideração. A agoa, ſe he pouca, accende mais o *Fogo*: ſe o noſſo *Fogo* he muito, he neceſſario que a agoa ſeja mais: mas querer, q̃ quando as lavaredas ſe ateyão, huã gotta de agoa as apague; he querer refrigerio: *Ut refrigeret*; & eſſe em huã pequena parte: *Linguam meam*; porem não he querer apagar o *Fogo* de todo. O como ſe apaga, he tirandolhe a lenha, & acreſcentando a quantidade à agoa. Tirando a lenha; cortando pellos appetites: acreſcentando a agoa, com o exercicio das virtudes. Se nos não môve a razão deſta doutrina: movanos o exemplo dos que a experimentàrão verdadeyra.

§. V.

185 APpareção em theatro os ambiciozos do mundo. Apparece tu Alexandre Magno. Appeteceſte o imperio do mundo com tanta *Ambição*; que choravas o que antecipadamente havia conquiſtado teu Páe Felippe; como ſe fora diminuição da tua gloria, a ſóbra da tua herãſa. Atègora ponderey como a *Ambição* ſe extende àlem da morte. Tu quizeſte antecipalla à meſma vida. Dominaſte enfim o mundo: nenhuã couza emprehendeſte, que não cõquiſtaſſes. Queymaſte as riquezas adquiridas, para adquerir outras de novo; como ſe o poſſuido fora já cinza remanecẽte do teu incendio; & o dezejado lenha para arder de novo. Viſte ſogeytos ao teu dominio os mayores, & mais podero-

zos

zos Reys: não foy necessario, para lograr estas fortunas, mayor espasso de vida, que o de vinte, & nove annos de idade. Em que ha parado todo este incendio? Não sey como ainda dura na memoria por beneficio dos *escritos*. Para que he arder tanto, se te has de apagar tão depressa? Que importa suba hum *Foguete* ligeyramente atè as nuvens; se entanto sóbe, em quanto arde; & no fim ou acaba de estouro; ou se rezolve todo em lagrymas; que parece lamentão a sua pouca duração no seu precipicio.

186 E tu Salamão, Rey soberano, grande, & pacifico, que obra intentàste de tanta Magestade, que não conseguisse o teu dezejo? Que riquezas appeteceste de partes tão remòtas, que te não conduzisse a tua fortuna? Que segredos tão occultos da natureza, que te não revelasse a tua sciencia? Em que ha parado tanta grandeza, & tanta fortuna? Ainda que foste idolàtra, da tua bocca quero ouvir a reposta. *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas.* Subamos mais alto na cósideração da *Ambição*; que a natureza do *Fogo* sempre he subir. Tu Lucifer, Estrella da menhã: *Qui manè oriebaris*; Anjo tão perfeyto em a natureza; posto em lugar tão alto; destinado para fim taõ nobre: dize, em que ha parado a *Ambição* com que intentaste sobir a mais? *Super astra Dei exaltabo solium meum.* Como cahiste ao mesmo tempo em que querias sublimarte? *Quomodo cecedisti Lucifer, qui manè oriebaris*? A tua *Soberba* não quererà confessar o teu castigo; mas declaralohá a Sabedoria de Christo.

Ecclez.1. V.2.

Isai.14.V.12

Ibid.V.13.

187 Quando os Discipulos de Christo se prezavão de que os Demonios lhes rendessem sogeyção: lhes disse o mesmo Christo: *Videbam Satan sicut fulgur de Cælo cadentem*: Eu vi a Lucifer cahindo do Ceo, como hum *Rayo*. Ià no principio vos expliquey a natureza do *Rayo*: adverti agora em outra circunstancia, que conduz ao intento. O *Rayo* he *Fogo*, que bayxa do Ceo; mas antes que bayxe, sóbe às nuvens. Demaneyra, que para hum *Rayo* cahir do alto da nuvem;

Reversi sunt cum gaudio, dicentes: Domine etiam Dæmonia subjiciũtur nobis in nomine tuo. Luc. 10.V.18.

vem; he necessario, que primeyro suba da terra a exhalação ardente. Deste modo foy a quêda de Lucifer. Sobio ambicioza exhalação de *Fogo*, a querer collocar o seu throno sobre as nuvens. *Adscendam super altitudinem nubium.* Pois claro està, que havia cahir destas nuvens com tão estrondozo impeto, como hum *Rayo.* *Sicut fulgur de cælo cadentem.* E notay: que vay grande differensa de cahir, a derrubaremvos; porque o derrubaremvos, pòde ser impulso estranho; & o cahir, parece que he pricipicio voluntario. Donde infiro; que quanto foy natural à *Ambiçaõ* de Lucifer o querer subir; tanto lhe foy mais natural a quéda no descer. *Videbam Satan sicut fulgur de cælo cadentem.* Isai 14. V. 14.

188 Esta he a razão; porque quando o Diabo tentou a Christo pello caminho da *Ambição.* *Hæc omnia tibi dabo.* Assy como teve ouzadia para o tentar; para o derrubar faltoulhe o impulso. Disse a Christo, que cahisse. *Si cadens.* Como entendendo, que o mesmo era encorrer Christo no crime de ambiciozo; que prepararse voluntariamente para a quèda. *Mitte te deorsum*; lhe disse na segunda tentasaõ. Derrubayvos a vòs mesmo: que o caminho de hum homem se precipitar voluntario (como *Rayo*) he o querer subir por *Ambição*, como *Fogo*. Quiz Satanaz que cahisse Christo, como elle havia cahido; porque o Demonio bem reconhece a quéda; ainda que a sua inflexibilidade não queyra confessala. Matt. 4. V. 9. Ibid. V. 6.

189 Agora entendereys a razão, porque fallando o Evangelista mimozo, no seu Apocalypse, da quéda de Lucifer, & seus sequâzes: diz que o Dragão derrubou em terra a terseyra parte das Estrellas. Isto he, que Lucifer precipitou a terseyra parte dos Anjos. *Cauda ejus trahebat tertiam partem stellarum cæli.* E que depois da quèda se lhes não achou mais lugar no Ceo. *Neque locus inventus est eorum amplius in cælo.* Porque Estrellas; porque *Fogo*, a quem lugar tam alto, ainda pareceu bayxo; naõ sò cahem, como *Rayo*; senam Apoc. 12. V. 4 Ibid. V. 8.

que

que dezaparecem, como *Fogo*; & de tal ſorte, que nem do lugar ſe lhes achão veſtigios. Ao fogo material fica, por ſinal do lugar, em que ardeu; a cinza da lenha que conſumio; porem o *Fogo* da *Ambição*; como he tanto mais activo; nem cinzas deyxa, para teſtemunha do lugar, em que ſe ateyou.

190 Eſtes ſaõ os grandes exemplos da *Ambição* humana; mas todos vemos os exemplos; & nenhum de nôs eſcarmenta nelles. Os que mais nos abſtemos de ambiciozos; ſomos aquelles que não temos ocazião de o ſer; que ſe a tiveramos, haviamos incorrer no meſmo vicio, que eſtranhamos. Somos como aquelle *Fogo*, que eu dizia ſe eſcondeu no poço, na ocazião, em que o povo de Iſrael foy para o cativeyro. Em quanto apartado da lenha; em quanto retirado em hum poço: quem diſſera que era *Fogo*? Certamente parecia agoa. *Non invenerunt ignem, ſed aquam.* Tanto que chegou ao lugar do ſacrificio, & lançarão eſſa agoa ſobre a lenha: logo tornou a reveſtir a natureza de *Fogo*, que de antes tinha. *Accenſus eſt ignis magnus.* Aſſy ſomos muitos. Eſcondemos o *Fogo* da *Ambição*; disfarſamolo; mas não o apagamos. Tanto que a occazião nos convidar a natureza: oh como ardemos! oh como nos ateyamos facilmente! Com huã differenſa, que aquelle *Fogo* ardeu em ſacrificio; a *Ambição* arde em offenſa. Tem grande ſemelhanſa hum *Fogo* cõ outro. O *Fogo* do ſacrificio, com o *Fogo* da *Ambição*. O *Fogo* com que nos ſacrificamos a Deos pella *Charidade*; faz que ſejamos ſofridos pellas couzas Eternas; o da *Ambição* pellas temporaes. O *Fogo* da *Charidade* he activo, para com os pobres na compayxão; o da *Ambição*, para com os ricos na lizonja. O *Fogo* da *Charidade* dà grande calor a que ſofra mos tudo, pella verdade; o da *Ambição*, pella vaidade.

2 Macab. 1. V. 20.

Ibid. V. 22.

191 Hum, & outro *Fogo* nos aviva a *Fee*, & a *Eſperanſa*; mas o da *Charidade* aviva a *Fee*, & a *Eſperanſa* em Deos; o da *Ambição* faz creſcer o da eſperanſa da vangloria. Finalmente, aſſy como o *Fogo* da *Charidade* nos faz martyres no

ſa-

ſacrificio, com que nos offerecemos a Deos; aſſy o *Fogo* da *Ambiçaõ* nos ſacrifica no martyrio, em que nos ſogeytamos ao Diabo. A ſentenſa não he minha, he de São Bernardo. *Ambitio Charitatem in malis imitatur, Charitas patiens eſt pro rebus æternis, ambitio pro terrenis; benigna eſt Charitas erga pauperes, ambitio erga divites; Charitas omnia ſuffert pro veritate, ambitio pro vanitate, utraque omnia credit, omnia ſperat, ambitioſus eſt martyr Diaboli.* E que ateyemos em nòs meſmos hum *Fogo*, que nos ſacrifica em martyrio aos Idolos da vaidade; não he a menor razão; porque ſomos pella meſma vaidade condennados: *Univerſa vanitas omnis homo vivens.* D. Bern. in Pſal. 90.

§. VI.

192 A Terſeyra propriedade, que entre muitas, conſidero no *Fogo*, he ſer hũ Elemento, que na ſua *Eſphera* não tẽ luz, & fora della ſẽpre o vemos luzido. Preguntão os Filozofos naturaes, ſe aſſy como o Author da natureza diſpos a todos os Elementos por ſua ordem, huns ſobre outros: pondo a *Terra* por baze; ſeguindoſſe logo a *Agoa*; ſobindo mais o *Ar*: ſe tem o *Fogo* por lugar a Região ſupperior a eſſe *Ar*, junto da Lua? E entre muitas razoẽs de duvidar, he huã. Porque ſendo o *Fogo* dotàdo de tanta luz; ſe eſtivera ſobre os ares, haviamos verlhe o ſeu reſplendor; aſſy como vemos o dos Planetas, que eſtão tanto mais diſtantes na altura. Alem de que não haveria couza, que podeſſe ſatisfazer a voracidade do *Fogo*; que continuamente neceſſita de nova materia para arder. Porem a oppinião cõmũa rezolve, que o lugar do *Fogo* he na vizinhanſa da Lua, & que na ſua *Eſphera*, nem o *Fogo* luz; pella tenuidade, & delicadeza da ſua ſubſtanſia; nem neceſſita de alimento, que o ſuſtente, em quanto ſe contèm na ſua *Eſphera*; mas para ſe conſervar, & permanecer fora do ſeu lugar, he neceſſario, & precizo, que haja pábulo em que ſe ſuſtente; & daqui vem

que ſó fóra da ſua *Eſphera* tem luz.

193 Sem muita difficuldade eſtays já vendo a accommodaçaõ do *Fogo* com a natureza vã de muitos homens. Se ſe contêm na ſua *Eſphera*, com pouco luzimento ſe accommodão; ſe querem mudar de eſtado; tudo he pouco para arder. Por mais, & mais que tenhão, tudo gaſtão, tudo conſómem, porque querem ſuſtentarſe fóra da ſua *Eſphera* com luzimento. No ſeu lugar, na demarcação, que lhe pos a natureza, ou a fortuna, nenhuã luz; homẽs tão tènues de ſy, q̃ não erão capazes de luzir; nem pella fortuna; nem pella peçoa; mas elles ſe tirão fóra do ſeu lugar; & ambiciozos de luzir, como o *Fogo*; luzem à cuſta da lenha que conſómem.

194 Eſta differenſa vay da luz dos Aſtros à luz do *Fogo*; que os Aſtros luzem com luz propria, como o Sol, ou quando muito preſtáda, & deſpendida liberalmente do meſmo Sol, como as Eſtrellas. Porem o *Fogo* de ſua natureza naõ luz; no ſeu lugar não reſplandeſſe; mas tanto que teve materia alhea em que ſe ateyar, fóra da ſua *Eſphera*; creſce com o alheyo, avulta, luz, & reſplandeſſe. Iſto que vedes com os olhos, conſiderayo com o entendimento.

195 Vedes em huã noyte de Saõ Ioaõ huã grande fogueyra, tão opulenta de luzes, que imaginays ſe vos reſtitue nellas o dia, ou que arde entre aquelles incendios a noyte: ſobe atè as nuvens a chama; ateyaſſe atè o Ceo a lavareda; parece, que a dezafiar as luzes do meſmo Sol; ou a por o *Fogo* às Eſtrellas. Naõ ha couza que mais vos leve os olhos, nem que tanto vos entretenha o goſto. Ora buſcaylhe a cauza, & achareys que hum vizinho concòrre com a lenha; outro cõ os barriz, a que chamays de alcatrão; & tanto que os vizinhos, por cuja conta correm as luzes da fogueyra; ceſſaõ de concorrer com nova materia; já todo eſte luzimento ſe acaba: apagouſe o *Fogo*, deſvaneſceuſe em fumos; & de tudo quanto dèſtes para eſte luzimento; não chegays a ver mais, que as cinzas; & ainda eſſas ſe as buſcardes, depois de hum le-

leve vento, podeys repetir com muita razão; o que a outro intento dizia Iob a Deos. *Ecce nunc in pulvere dormiam, & si manè me quæsieris non subsistam.* A noyte deyxareys, quãdo muyto, cinzas ; porem ellas se as buscardes pella manhã. *Non subsistam*; não aparecem. Iob 7. V. 21.

196 Não he assy, que isto pàssa em muitos homẽs, fogueyras ardentes da vaidade? Tudo lavaredas, tudo fumo, muito esplendor à custa do alheyo. A custa dos mayores, & das suas façanhas, luzidos em a nobreza; à custa do alheyo, luzidos no tràto, & na *Esphera* da sua peçoa, *Fogo* sem luzimento. Ardem, & luzem; porque achão lenha ; porem a lenha que fabricarão os Avòs com as suas acçoẽs, já he cinza; a que dão os dependentes nas suas fazendas, tambem será cinza brevemente; & como o for; senão houver mais lenha, em que se ateye, & sustente o *Fogo* ; acabouse o luzimento.

§. VII.

197 ACabay Senhores de dezenganarvos, que o verdadeyro luzimẽto, não cõsiste sô no luzir; senão nas circunstancias delle. Na verdadeyra luz ha de considerarse o que he em sy, & ha de considerarse o que he para cõ os outros. Em sy ha de luzir do seu; para com os outros ha de alumiar comsigo. Luzir, & não alumiar, não he grandeza de luz; a grandeza, & soberania da luz està em luzir de modo, que com a vossa luz possaõ luzir muitos.

198 Duas luminarias fez Deos na infansia do mundo; ambas grandes, & ambas fermozas a todas as luzes. *Fecitque Deus duo luminaria magna.* E assy sahirão grandes a contento de quem as creou. *Vidit Deus quod esset bonum.* E qual serà a mayoria destes dous grandes, & fermozos Astros ? Serà a vasta, & dillatada circunferensia de seus corpos, que excedẽ tantas vezes o ambito da terra? Sy serà; mas isto tem qual- Gen. 1. V. 16. Ibid. V. 18.

quer eſtrella. Alem de que quando ſe trata de luzes, naõ ſe lhe mê le a grandeza pello dillatado do corpo; ſenaõ pella intenſaõ dos Rayos. Pois em que conſiſte a grandeza deſtas duas luminarias? Parece que o diz o Texto. Fes Deos eſtes dous Aſtros para luzirem, & tambem os fes para allumiarem. *Fiant luminaria in firmamento Cæli: ut luceant in firmamento Cæli, & illuminent terram.* O Sol para allumiar o dia. *Ut præeſſet diei.* A Lua para allumiar a noyte. *Ut præeſſet nocti.* Saõ luzes, que luzem do ſeu, & não do alheyo; & ſaõ luzes, que allumeyão, & dão luz a todas as mais luzes; pois por iſſo ſaõ luzes grandes. *Duo luminaria magna.* Se da voſſa luz ſe ſuſtentão muitos luzimentos, ſois luz de Sol, que luz, & allumeya. *Ut luceant, & illuminent.* Porem ſe a voſſa luz ſe ſuſtenta, do que os outros não luzem, ſois luz de *Fogo*, que brilha com o alheyo.

Ibid. V. 14 & 15.

199 Mas já vejo, que me pondes huã grande objecção na mesma pròva deſte argumento. Porque nella confeſſamos, que a Lua he Aſtro, que merece o nome de luz grande; & comtudo a Lua tem o ſeu luzimento por empreſtimó; ou communicação do Sol: logo canonizado fica por licito, luzir com o alheyo. Aggradeço a duvida pella repoſta. Primeyramente não condenno o luzir com o que vos dão; ſenão com o que vòs tomays: alem diſſo, venho tambem em luzires de algum modo; ainda que não ſeja do voſſo, mas ha de ſer com duas condiçoẽs. Huã que não fique prejudicado, quem vos acóde com as luzes; aſſy como o Sol, que não perde nada da luz, que communica à Lua. A outra circumſtancia he, que empregueys bem eſſa luz, & que ſirva para o que he razão que ſirva. Se com eſtas circunſtanſias podeys luzir; luzi com a benſaõ de Deos. Se vós podeys ſuſtentar as lavaredas, ſem que outrem ſe converta em cinzas; ſe vòs não converteys em acçoẽs fantaſticas o que ſe vos dá para o luzimento precizo; ſeja aſſy, & luzi por eſſe caminho. Mas ainda não eſtà ſatisfeyto o argumento. Vede o que ſuccede

à

à Lua com esses emprestimos de luz.

200 Ambos esses Astros se crearão luzidos,ambos grandes, ambos para allumeyar. O Sol para prezidir ao dia; *Ut præesset diei.* A Lua para prezidir entre as obscuras sombras da noyte: *Ut præeßet nocti.* Porem sahindo ambos grandes da mão de Deos. *Duo luminaria magna*: logo nessa mesma grandeza houve dezigualdade. O Sol levantouse a mayores com as luzes. *Luminare maius.* A Lua ficou abatida nos resplendores. *Luminare minus.* E donde nasceria tanta dezigualdade? Achava eu; que tanto mayor havia ser a luz da Lua, quanto mayor era a necessidade de allumeyar as trèvas da noyte. Mas cõ razão logra as mayorias o Sol; porq̃ a luz do Sol he propria; a da Lua he participada; & assy como he grande a luz da Lua; porque com ella allumeya; assy he menor; porq̃ a recebe do Sol. A primeyra diminuição do luzimento da Lua; he a necessidade de receber do Sol essa luz. Quanto he menos propria; tanto he menos luzida. *Luminare minus.* O Sol pòde luzir em toda a parte, & em todo o tempo; porque tem cabedal de rayos, & porque o emprêga em comunicar aos mais Astros a luz, & ainda que à sua vista todos perdem o luzimento; lá tem as horas da noyte, em que resplandescem brilhantes na sua auzencia.

201 Oh se assy forão muitos! Se conheceramos, que o luzir com o alheyo, mais he de *Fogo*, que de Sol; & se chega a ser de Lua, he jà com diminuição. *Luminare minus.* Porem se não tendes, nem podeys ter tanta luz propria, sede como Lua; luzi de noyte, retiray os vossos luzimentos; mas não podendo muitos de vòs luzir, nem ainda no retiro, querer resplandescer no dia claro; quando à luz do dia, se conhece, que essas luzes não saõ proprias; & em lugar de allumeyar, cèga aos mesmos, que a cobiçaõ: como pòde deyxar de ser vaidade grande?

§. VIII.

202 MAs quantos destes luzimentos se haõ de ver abatidos, quando a cegueyra, que lhe cauza o seu fumo, se allumeyar com o juizo particular, & universal! De ambos temos exemplo na Escritura. Do juizo universal diz o Evangelista S. Mattheus, que se ha de escurecer o Sol. *Sol obscurabitur.* E que hão de cahir as Estrellas. *Stellæ cadent de cælo.* E porque não saõ condennadas as Estrellas a hum tenebrozo eclypse, como o Sol? E porque não padesse o Sol huã quèda, como as Estrellas? A verdadeyra razaõ Deos a sabe. Eu differa allegoricamente ao meu intento. Ninguem ha, que prezuma tanto de Sol; que posto no juizo, não tenha escuridades; não padessa eclypses; mas quem luzio com luz propria, como Sol; pòde (quando muito) chegar a escurecerse; porem quem luzio com o alheyo, como as Estrellas; naõ sò se escuresse, mas cahe. *Stellæ cadent.* Quando chega hum dia de juizo; o proprio, ainda que seja na luz hum Sol, obscurasse. *Sol obscurabitur.* O alheyo precipita: *Stellæ cadent.* E atè no juizo dos homẽs entendey, que a quèda de huã Estrella, he mancha para hum Sol. Quero dizer, que prezandovos (como as Estrellas) dos vossos Soes, de quem arrastays os vossos luzimentos; tantas quèdas days no vosso procedimento, quantas manchas pondes nesse Sol. Mas passemos do juizo universal ao particular.

Matth. 24. Vers. 29.

203 Aquellas dez Virgens do Evangelho, sinco eraõ prudentes, & sinco nescias: assy as intitula o Texto de S. Mattheus. *Quinque autem ex eis erant fatuæ, & quinque prudentes.* As cauzas da sua necedade pòdem ser muitas: eu referirey a parabola; & apontarey huã, que agora vem a propozito. Todas as dez Virgens tinhão luzes com que luzião, & todas tinhaõ oleo com que sustentar essa luz; porem as sinco prudentes tinhão oleo de rezerva para a hora, em que o

Matth. 25. V. 2.

Es-

Espozo lhe batesse á porta ; & às sinco nescias faltoulhe o oleo para essa mesma hora; de sorte, que se virão obrigadas a pedir às prudentes algum oleo com que podessem sustentar as suas luzes. *Date nobis de oleo vestro.* Nesta hora, em que o Espozo bate á porta, se significa a hora, em que entramos no juizo particular de cada hum de nós; na qual he necessario, que continuem as luzes, que tambem luzirão em vida. Isto assy supposto; já está clara a razão da necedade. Saõ prudentes as sinco Virgens; porque tinhaõ de seu com que podião luzir; saõ nescias as outras sinco; porque imaginarão, que podião luzir com o alheyo: por isso as prudentes lhe responderão; que fossem comprar o oleo. *Ite potiùs ad vendentes, & emite*; porque pella compra fazeys vosso aquillo, que cõprays; & foy muito bem advertido; porque se quereis luzir, & podeys comprar; luzi com o que comprays; mas luzir com o que pediz? *Date nobis.* E isto em tempo, no qual (por ser chegada a ultima hora) está claro, que he impossivel a restituição: he o mesmo que luzir com o alheyo; & luzes grandes à custa de alheyos dispendios, he fatuidade qualificada. Mas se em quanto dura a vida pôde passar prassa de luz; tanto que chega a sombra da morte, fica aclarada por necedade. *Quinque autem ex eis erant fatuæ.* Bem dizia eu logo, que tanto no juizo universal; como no particular, se ha de conhecer, que o luzir com dispendios alheyos, saõ mais fumos, com que nos assombra o *Fogo* da nossa vaidade, que resplendores verdadeyros, que nos fação lustrozos.

§. IX.

204 MAs para que he appellar para dezenganno tão dillatado, como póde ser o dia do juizo? Qualquer dia dos em que estamos (se nós tivermos juizo,) póde ser o dia do juizo, que nos dezenganne. Hum dos sinaes do

dia do juizo, que aponta o Propheta Rey, he que antes delle, lhe ha de servir de exordio o *Fogo. Ignis ante ipsum praecedet.* E se isto assy he, muy proximo deve estar o dia do juizo, pois que vejo arder em nós tanto *Fogo.* Com huã differensa, que o *Fogo* do dia de juizo ha de ser o instrumento de quem julga; & este nosso *Fogo* ha de ser a materia do juizo. Em qualquer juizo concórre o que julga, & o que he julgado. O *Fogo* do dia do juizo há de ser o que julgue. *Iudicabit saeculum per ignem.* E este nosso *Fogo* he *Fogo* do dia do juizo; porque por amor delle, he que havemos de ser julgados. Tanto mais facilmente se ateyará então aquelle *Fogo*; quanto nós estivermos mais dispòstos, & abrazados cõ este; & não he tanto, para receyar o *Fogo*, que castiga, como o *Fogo*, que merece o castigo. Temamos, pois, mais este *Fogo*, que agora nos condenna ao juizo, que aquelle *Fogo*, que então nos póde julgar à condennação. Tratemos de nos reformar. *Reformamini*: entendendo, que o que Deos quer, que arda em nós, he o *Fogo* da *Charidade*.

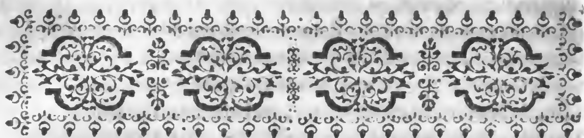
Psal. 96. V. 3. Rom. 12. V. 2.

205 Da pedra *Amcantos*, dizem os *Naturaes*, que se faz hum linho; o qual, por mais que arde no *Fogo*, nunca se consome. Isto que na pedra he singularidade da sua natureza; em nós pode ser differensa do *Fogo*, em que ardemos. Se àrde em nòs o *Fogo* do vicio, naõ lhe sentimos a chama; mas consómenos: se arde em nós o *Fogo* da *Charidade*; sentimos o incendio, como a pedra *Ameantos*; porem tão longe està de consumirnos, que antes nos regenera, & nos purifica. A natureza do *Fogo* he unir as couzas semelhantes (como dizem os Filozofos) & dividir as differentes. Se conservamos a semelhansa com Deos, ficamos unidos com elle pello *Fogo* da *Charidade*; se perdemos esta semelhansa, sepáranos de Deos o *Fogo* do vicio. O *Fogo* da *Charidade* consóme em nós tudo o que naõ he de Deos, & une com Deos tudo o que he nosso.

Deut. 9. V. 3. 206 Por isso Deos se chama na Escritura Sagrada. *Ignis con-*

consumens. Naõ *Fogo*, que nos consuma a nòs; mas *Fogo*, que nos consuma os vicios. Este he aquelle *Fogo*, em cuja reprezentação desceu o Divino Espirito sobre os Apostolos. E reparay que o *Fogo* naturalmente se une com outro; & assy como Deos nosso Senhor inspirou em o homem (na primeyra creação de Adam) hum espirito, que tudo he *Fogo*, participado da Divina luz: assy dezeja que o seu *Fogo* naturalmente una as suas lavaredas com este nosso *Fogo.* Porem nós bem differentemente uzamos do *Fogo.* O Espirito Santo veyo em forma de lingoas de *Fogo* sobre as cabeças dos Apostolos. *Apparuerunt illis dispertitæ linguæ; seditque supra singulos eorum.* E he muito differente couza *Fogo* em forma de lingoa; ou lingoa com ardores de *Fogo.* Que sobre os nossos pensamentos venha o *Fogo* em fòrma de lingoa, he *Dom* do Espirito Santo; mas que das nossas lingoas sayaõ lavaredas de *Fogo*, da murmuração, da mentira, do testemunho falso, he propriedade do *Fogo* infernal. Act.2.V.3.

207 Arder por arder, não he melhor neste *Fogo* suavissimo, que inflamma, & não consóme; & que quanto mais nelle ardeys, mayor materia achays para arder, & vos abrazar de novo. E não arder no *Fogo* do appetite, que vãmente nos consóme agora, & nos consomirà ao depois? Se o entendeys assy, claramente confessareys, que he vaidade o contrario; & se assy o não entendeys; manifestamente vos convenço, que todo o homem he vaidade. *Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.*



DISCURSO V.

Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.
Ex Psalmo 38. Vers. 6.

208 VEM imaginara, que tambem a nobreza da *Alma* havia ser tocada com o vicio da vaidade ! Quẽ seja o homem vão, pello que tem dos *Elementos*, parece mais natureza, que vicio; mas que seja vão pello que tem de *Espirito* : parece couza digna, não só de duvida, mas de admiração ! Pello menos sey eu, que se admirou Izaias do desvanescimento de Lucifer; & que lhe pregunta no Cap. 14. *Quomodo cecidisti de Cælo Lucifer?* Como cahiste? Como te precipitaste? Esta pregunta do Propheta involve duvida, & admiração; & isso mesmo nos podera admirar a nòs; porque a reposta parece facil. Cahio Lucifer, desvanesceuse; porque tinha liberdade, tinha alvedrio, podia peccar; & eys ahi o como cahio.

Isaiæ 14. V.12.

209 Desse modo cahio Adam; para quem houve lastima, & não admiraçoens. Lucifer estava no Ceo, Adam no Paraizo: ambos em graça; ambos com entendimento, & sabedoria; a Adam só se lhe pregunta onde està. *Ubi es Adam?* A Lucifer se lhe pregunta, como he possivel que cahisse. *Quomodo cecidisti Lucifer?* Sym, & com razão; porque Lucifer era só Espirito, Adam era Espirito em corpo. O peccado de Lucifer tocou, & desvanesceu a huã natureza immor-

Genes. 3. V.9.

mortal; o de Adam perdeu o immortal misturado com o terreno. O de Lucifer fes, que elle cahisse do Ceo à terra: *Corruisti in terram.* O de Adam derribou-o na mesma terra onde estava. E quanto os vicios chegão a tocar mais as inclinaçoẽs corporeas; tanto tem mais de desculpa: porem quanto chegão a offender mais immediatamente o *Espirito*; tanto saõ mais para admirar. *Quomodo cecidisti?* Isai. 14. V. 12

210 Esta razaõ parece que insinua o mesmo Propheta nas pallavras subsequentes. *Qui manè oriebaris.* Como cahiste, quando nascias manhã luzida, & fermoza. Ora reparay comigo. Lucifer o seu dia foy de luz, & de manhã. *Qui manè oriebaris*; & o dia de Adam foy de manhã, & de tarde; antes primeyro de tarde, que de manhã. *Factum est vespere, & manè, dies quartus.* Porque assy como em Adam foy primeyro formado o terreno, & depois o Espiritual; & de ambos constou a sua natureza; assy o seu dia cõstou de sombras da tarde, & de luzes da manhã. *Ut ex vesperè, & manè, idest, ex corporis nocturna, & matutina animi natura unus sit homo.* Disse agudamẽte Pico Mirandulano. Pois eys ahi a razão, porq̃ se admira Izaias: Lucifer, q̃ he só espirito; que he só luz; q̃ he só manhã. *Qui manè oriebaris*; como se desvanesce? Como cahe? *Quomodo cecidisti?* Tenha desculpa a quéda de Adam; & tenhão as vaidades de seus descendentes; porque saõ cõpostos de sombras, de tarde, de corpo; mas entre essas vaidades, mais desculpaveys saõ, as que lhe tocaõ pello corporeo, & pella semelhança, & communicação do material, da terra, das sombras. *Meritò ante lucis natale* (acrescenta o mesmo Autor) *terra fuit inanis, & vacua.* Porem as vaidades, que lhe pertensem pello que tem de luz, de manhã, de *Espirito*, & pello que tem de semelhante a essas naturezas immortaes; tambem merecem alguã admiração; tambem se lhes pòde preguntar. *Quomodo cecidisti?* Gen. 1. V. 19. Pico Mirandulan. Heptapli lib. 4. cap. 2.

211 E a razão he; porque o ser huã couza vã [como já me ouvistes] quazi que vizinha com o não ser; & todos

os

os simbolos com que a vaidade se explica, declarão a pouca subsistensia dessa couza vã. E senão dizeyme, que outra couza he arguir ao homem vão, de pó. *Pulvis es*; senão mostrarlhe o momentaneo, o nada da sua essensia. *Tanquam nihilum, & inane.* Que outra couza he asemelhalo ao vento. *Ventus est vita mea*; senão declararlhe a inconstansia da sua vida. Que outra couza he assemelhalo à flor que murcha: *Quasi flos egreditur, & conteritur.* A sombra que dezaparece: *Fugit velut umbra.* Ao sonho que fôge; & enfim ao nada; senão dizerlhe, que por isso he vão; porque quazi não tem ser; ou porque o ser, que tem, he quazi nada. *Tanquam nihilum, & inane.*

Gen 3. V.19

Isai.40.V.17.

Iob.7.V.7.

Iob 14.V.2.

212 Donde se segue, que quanto huã couza he mais corruptivel; tanto he mais vã; porq̃ o estar sogeyta à corrupsaõ, he ficar proxima ao não ser; & essa vizinhansa, he que a constitue vã. Não he logo muito, que o homem seja vão, pello que tem dos *Elementos* corruptiveis; mas que seja vão, pello que tem de *Espirito*, sendo o *Espirito* da natureza immortal, incorruptivel, & livre de todo o perigo de deyxar de ser! Isto verdadeyramente he vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum*; & isto he o que propriamente quer dizer o meu Thema. *Universa vanitas omnis homo vivens:* Porque vivendo o homem pella *Alma*, & sendo vão; porque vive; parece que a vaidade mayor he; a que por parte da *Alma* lhe compete. E verdadeyramente asly he; porque perder o homem o ser; pello que tem de corporeo, he vaidade da natureza; mas fazer hum homem com que perca o ser da sua *Alma*; he vaidade contra a naturèza, & excesso de vicio.

Eccl. 1. V. 2.

213 A *Alma*, pello que foy, he nada; porque de nada a creou Deos; pello que he; he *Espirito* immortal; pello fim para que Deos a creou, he bemaventurada. O nada que foy, he o mayor abatimento do vicio; a eternidade, que logra, he a mayor segurança do deyxar de ser; o fim, para que he destinada, he do seu ser a mayor prova. E que póssa

póssa o homem, esquessendosse do nada, que foy; desconhecer o muito, que he; para não seguir aquelle ditozo fim; para que se creou; & por este caminho reduzir a perfeysão do seu ser a hum quazi não ser; que melhor fora não existir de todo: he vaidade das vaidades. *Vanitas vanitatum.*

214 De Iudas disse Christo, q̃ melhor lhe fora não haver nascido. *Bonum erat ei si natus non fuisset homo ille.* Porque se não houvera nascido, fora nada por natureza; mas havendo nascido, fesse nada pella condenação. Melhor lhe fora ser o nada de que foy; do que ser o nada, a que depois se reduzio. *Multo melius esse non subsistere* (disse S. Hieronymo, explicando este Texto) *quàm malè subsistere.* Porque perdẽdo Iudas o fim, para que foy creado; a eternidade do ser só lhe servio para a continuação do castigo.

Matt. 26. v. 24.

D. Hier. in cap. 26. Matth. lib. 4.

215 O fim para que o homem foy creado, & para que tem huã duração, que corre parelhas com a mesma Eternidade, he para conhecer a Deos, amar a Deos, & lembrarse de Deos. Por isso a substancia da *Alma* não consta mais que de entender, amar, & lembrarse: essas saõ as tres potensias de que Deos a dotou; *Memoria, Entendimento, & Vontade*; porem como a *Alma* todas estas tres potensias dezencaminha do seu fim; encorre na mayor vaidade das vaidades.

216 Todos os vicios, que temos ponderado atègora; reconheço, que saõ vicios da *Alma*; porque não forão vicios, se da *Alma* o não forão; porem assy como esta, nas suas operaçoens, tem huãs, que se governão mais pellas dispoziçoens corporaes; & outras, que saõ mais propriamente suas: assy entre os vicios ha huns, que a *Alma* segue, como inclinação da materia, & parecem mais corporeos; & ha outros, que tocão imediata, & propriamente à *Alma* como *Alma*; porque o homẽ (como disse o antigo Filozofo Sinezio) he hũ Orizõte do corporeo, & incorporeo; & assy como o Orizõte he huã linha, em que se ajuntão, & dividem as luzes, q̃ nascem a hum Emyspherio das sombras, em que se sepulta o outro; he huã

huã linha, que sepâra, & une o dia, & a noyte: assy o homem he hum termo, que dividindo, como meyo, os extremos das naturezas espirituaes, & corporeas: ajunta em sy huãs, & outras; compondosse de corpo, & *Espirito*. De sorte que este *Espirito*, que he semelhante aos Anjos; porque he *Espirito*; tambem tem sua semelhansa, & propensaõ ao corpo; porque he *Espirito* deste corpo; & do mesmo modo que lhe inquirimos os vicios pellos Elementos; seguindo aquella semelhança; trataremos de inquirir (supposto que à *Alma* pertẽse o entender, querer, & lembrarse) como entendemos mal; como queremos peyor, & não sabemos lembrarnos. Este será o assumpto do Sermão. Buscaremos nestes tres discursos o fundamento de tudo o que temos ponderádo nos outros. Discursaremos a vaidade da *Alma*: pezando a vaidade do seu *Entendimento*; da sua *Vontade*; da sua *Memoria*; & não será novo achar pezo a vaidade, quando Iob o reconheceu nos
Iob 28.V.25. ventos. *Qui fecit ventis pondus*. Antes de nenhum modo poderá constar melhor o pouco que pêza em nòs a nossa *Alma*; do que vendo, que ainda peza mais o pouco pezo da vaidade.

§. I.

Gen.2.V.7. 217 INspirou Deus a *Alma* ao primeyro homem. *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ*. *Espirito* tam excellente, & de tão supperior natureza; que està posto nos confins da natureza Angelica. No ser foy então alguã couza menos.
Psal.8.V.6. *Minuisti eum paulo minus ab Angelis*, na honra, capaz de os exceder muito mais. *Gloria, & honore coronasti eum, & constituisti eum super opera manuum tuarum*. Assy havia de ser hum *Espirito* feyto à imagem, & semelhança de
Gen.1.V.26. Deos. *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram*. Hum *Espirito* de quem o mesmo Deos havia de to-
Philip.2.V.7 mar depois a semelhança. *In similitudinem hominum factus*.

Po-

Porem o em que esta semelhança mais se expressou, foy no *Entendimento* de que Deos dotou a *Alma*.

218 Todas as outras creaturas tem a sua semelhança em Deos; porque forão formadas à idea, & exemplar, que *ab æterno* tinhão na Mente Divina; porem a *Alma*, pello *Entendimento*, tem a semelhança de Deos em sy; porque cõforme discorrem todos os Filozofos; o modo com que a *Alma* entende, he recebendo em sy as imagens dos seus objectos, & como o objecto do *Entendimento* seja tudo o que he intelligivel; não exceptuando o mesmo Deos (como disse S. Agostinho) *Creatus est homo, ut summum bonum intelligeret.* Seguesse que o mesmo he entender a *Alma* a Deos; que transfundir em sy a imagem, & semelhança do mesmo Deos. D. Aug. lib. de dilig. Deo. cap. 3.

219 A tanto se extende a esphera do *Entendimento* humano, q̃ não só abrãge a tudo o que Deos creou, q̃ isto ainda he pouco; porem de tudo o que pode crear; & ainda aquillo que he increado, que he o mesmo Deos. E dar Deos ao homem *Entendimento*, foy o mesmo, que estampar na *Alma*, como com hum sello, a sua semelhança; & assy quanto mais entendemos de Deos; tanto mais temos de *Entendimento*; & quanto mais ignoramos de Deos; tanto o *Entendimento* tem mais de vaõ; & menos de *Entendimento*; porque a estampa, que se imprimio com hum sello; só o mesmo sello a enche plenamente.

220 Isto he o que no entender de S. Antonio quiz dizer o Propheta Rey no Psalmo 4. *Signatum est super nos lumen vultus tui Domine.* Senhor (diz David) vós estampastes em nòs, & nos imprimistes o lume de vossa face. De dous modos, explica S. Antonio, que se entende a face de Deos. De hum modo significa a face de Deos o Verbo Eterno, que he a face do Padre; pella qual conhecemos a Deos. *Vultus Patris Filius* (diz o nosso Portuguez S. Antonio). *Sicut enim per vultum quis cognoscitur, sic per Filium Patrem cognoscimus.* De outro modo significa o nosso *Entendimento*, que nos he

Psal. 4. V. 7.

D. Anton. Serm. in Domin. Septuages. pag. mihi 123.

he dado para conhecer o meſmo Deos; aſſy como pella face ſe conhece qualquer peçoa. *Vultus ergo Dei ratio noſtra accipitur* (diz o meſmo S. Antonio), *quia ſicut per vultum quis cognoſcitur, ita per ſpeculum rationis agnoſcitur Deus.* Ambos os modos ſaõ muito ao noſſo intento. Diz pois o Propheta, que Deos eſtampou, & imprimio em nòs a imagem da ſua face, aſſy como ſe imprime hum ſello. Notay. Na impreſſaõ do ſello ha duas imagens: huma que ſe imprime, outra que fica impreſſa. Sendo pois a Imagem de Deos o Verbo, que he *Entendimento*, & imprimindoſſe em nós, como face, para conhecer a Deos; a imagem, que ficou impreſſa, he o noſso *Entendimento* para conhecimento do meſmo Deos. O ſello, que ſe imprime, he o *Entendimento* de Deos; ou o Filho, que procede por *Entendimento. Vultus Patris Filius.* O ſello, que fica impreſso, he o noſso *Entendimento. Vultus ergo Dei ratio noſtra accipitur.* E como o ſello eſtampado ſó ſe enche com o ſello, que ſe eſtampou; por iſso o *Entendimento*, que nos he dado para eſte fim; tanto tem de vaõ; quanto ſe deſvia delle.

Serm. in Domin. 23. poſt Trinit. pag. 412.

Signatum, id eſt, impreſſum rationi, quæ eſt ſuperior vis animæ, qua ſimiles ſumus Deo, cui impreſſum eſt lumen illud ut ſigillum ceræ. D. Ant. ubi ſupra.

221 Oh! ſe chegaſse aquella hora, em que, mediante o lume da glòria, ſe eſtampaſse em nòs eſta imagem, face a face; em que viſsemos, & entendeſsemos a Deos; aſſy como elle he. *Videbimus eum ſicuti eſt. Tunc autem facie ad faciem.* Então reprezentaria o noſſo *Entendimento* ao vivo aquella imagem; porque então ficaria plenamente cheyo com aquelle ſello. Porem em quanto eſſa hora não chega, em quãto vivemos eſta vida mizeravel, que ha de ſer o *Entendimento* do homem, ſenão vaidade. *Vanitas omnis homo vivens.*

1. Ioan. 3. V. 2.

1. Ad Cor. 13. V. 12.

222 He verdade, que eſte lume, que agora nos falta, nos ſupre Deos com o lume da *Fee*; porem ſe eſte he remedio da vaidade do noſſo *Entendimento*: diſcorrey hum pouco pello numero dos viventes; & achareys a huã parte numero, ſem numero, da Gentilidade, cujos *Entendimentos* ainda hoje veneramos; & que he o que conhecerão de Deos? Não o co-

nh

nhecerão, & fingirão em lugar de Deos, summa verdade, Idolos mentirozos. Vereys a outra parte outro numero, quazi igual, dos Hereges; que conhecerão de Deos? A muitos o *Entendimento* os fes prevaricar da verdade; a todos o *Entendimento* os fes permanecer na prevaricação. Achareys outro numero de Catholicos (provera a Deos que fosse mayor) que he o que conhecem de Deos? A *Fee* prometenos que muito; as obras dizem que pouco, ou nada; porque a *Fee* sem obras he morta: *Fides sine operibus mortua est.* He lume, mas apagado. Pois se todos estes *Entendimentos* seguem a mentira, se todos desconhecem a summa verdade; que he isto que veneramos por *Entendimentos*? Eu não sey o que he; mais que o que diz o meu Thema. *Universa vanitas omnis homo vivens.* Vaidade, & tudo vaidade. Iacobi 2. V. 20. & 26.

§. II.

223 SEy que o *Entendimento* he lume procedido daquelle lume increado; sey que o Objecto, que Deos lhe deu, foy a verdade clara; assy como o lume increado he verdade summa; & sey que o nosso *Entendimento*, parece que escolheu por objecto as sombras da mentira, ou a mentira às claras; ainda naquellas verdades, que não só a verdade increada; para a qual he necessario outro lume mais elevado.

224 O que foy a luz no principio da creação do mundo, isso he o *Entendimento* na creação do homem. Na Infancia do mundo creou Deos a luz para divizão das trèvas: no homem infundio o *Entendimento* para conhecimento da luz. A luz material para fermozura do dia; & separação da noyte: a luz da razão para seguir o dia da verdade, & fogir das trèvas da mentira. Comtudo eu acho esta differença; q̃ a luz material he luz; porem dividida das trèvas; & a luz da razão he luz; mas envôlta em escuridades; porque quanto

tem em ſy o reſplendor mais ſobido, tanto infundida no corpo, perde a claridade com o denſo da terra. He luz com eclypſe; que entrepondoſſelhe a terra, neceſſariamente traz conſigo ſombras. Antes não ſey ſe deyxando de ſer luz, que propenda para a verdade, he ſómente huã ſombra eſcura, q̃ buſca, & ama a mentira: o primeyro homem, que a ſeguio, nos darà luz para a verdade deſte penſamento.

225 Creou Deos ao primeyro homem, ornado com tantas luzes, que não tiveſſe que envejar eſte pequeno mundo áquelle orbe grande. A primeyra luz foy a natural do *Entendimento*, & racionalidade: a eſta acreſcentou a mayores reſplẽdores cõ a luz da graça, & cõ a luz da ſciẽcia, & outros *Dons*, q̃ todos ſaõ lumes cõmunicados daquella fonte de claridade. Parecevos Adam grãde *Entendimẽto* a todas as luzes? Iulgays, q̃ poderá haver ſobra de mentira, q̃ não conheça, & diſtinga? Ora ouvi o ſucceſſo. Armouſe o Diabo para o enganar. Iá a mentira eſtá conhecida; porque o Diabo he autor de todas as mentiras. Reviſtioſe da figura de Serpente. Vayſe aclarando a mentira; porque a Serpeate era animal manhozo; accommodado a engannos; mais que algum outro animal ſobre a terra. *Serpens erat callidior cunctis animantibus terræ.* E Adam conhecia muito bem as naturezas de todos; pois lhe pos os nomes proprios; & accommodados a ellas.

Gen. 3. V. 1.

226 Preguntou a Serpente a Eva; porque razão pozera Deos preceyto a ambos, que não comeſſem daquella arvore. *Cur præcepit vobis Deus, ut non comederetis de omni ligno paradiſi?* Eys ahi duas mentiras. Huã, porque o preceyto não foy poſto a ambos; ſenão a Adam ſómente. Outra, porque Serpẽte que falla, claro eſtá, que he enganno, & que lhe falla o Diabo no corpo. Diſſelhe que era falſo haverem de morrer, conforme Deos os ameaçara. *Nequaquam moriemini.* Mayor mentira; porque dizello Deos, & ſer falſo, he couza que implica. Acreſcentou, que o fim que Deos tivera, fora

Ibid. V. 4.

por

por lhes atalhar, & impedir, que fossem outros quazi Deozes. Eys ahi hum grande enganno, mas sempre costumou engannarse, qué quiz esquadrinhar os fins altissimos do que Deos òbra. Finalmente lhes certificou, que elles tinhão os olhos fechados; que estavão em trévas de ignorancia; que na hora que comessem, havião ser sabios, como Deos. *Scit* Ibid. V. 5.
enim Deus, quòd in quocumque die comederitis ex eo, aperientur oculi vestri, & eritis sicut Dij, scientes bonum, & malum. Olhos fechados, em quem tinha *Entendimento* clàro, he mentira; trèvas de ignorancia, em quem tinha sciencia infuza, he falsidade: saber tanto, como Deos, he impossivel.

227 A vista de tantas, & tão claras mentiras, todos sabeys o que succedeu ao *Entendimento* do primeyro homem. Comeu Eva, fes comer a Adam; porque o pomo era fermozo (como se a fermozura fosse objecto do gosto) & enfim creu a mentira do Diabo, & pareceulhe melhor, & mais eligivel, que a verdade de Deos, & perdeuse assy, & a nòs todos. Haverá algũa razão com que este *Entendimento* se desculpe? Sy ha, & muito natural. E qual he? A que derão os mesmos delinquentes. Eva disse, que fora huã mentira, com que a engannara a Serpente. *Serpens decepit me, & comedi.* Ibid. V. 13.
Adam, que fora hum enganno, com que o persuadira a molher. *Mulier quam dedisti mihi sociam, dedit mihi de ligno, &*
comedi. E sendo a credulidade o que mais lhe aggravava o Ibid. V. 12.
delicto; isso mesmo lhe foy desculpa, por isso mesmo que era enganno. Tal propensaõ tem o nosso *Entendimento* desgraçadamente à mentira, que o seguilla, he desculpa natural, & que mereceu compayxão.

§. III.

228 E A qual de nós, & dos mais prezàdos de *Entendimento*, não succede o mesmo? He verdade que não devemos dezejar a molher do proximo: tenta-

nos a fermozura pella vista; sabemos que hum bocado dessa fermozura tragado, he morte da *Alma*, & tal ves do corpo. Vamos atraz do veneno, que nos enganna; porque? Porque he enganno. Huã molher me engannou (dizemos). E se enganna, a que Deos dâ, que serà a que nos dà o Diabo? Tentaños a occaziaõ da vingança, da colera, de crer o testemunho, & outras muitas; & muito de antes temos entendido, que todas as Leys do mundo, que nos persuadem a semelhantes actos, saõ falsas; & ainda assy as seguimos muito depensado, & com maduro conselho. E depois qual serà a desculpa? Engannoume o Diabo.

229 Engannavos o Diabo com hum *Eritis*, com o que haveys de ser no mundo, onde naõ sois nada, & naõ ve o *Entendimento* outro *Eritis* da Eternidade do ser da *Alma*, que só tem ser? Engannavos com hum *Sicut Dij* com que vos emdeozeys, & não vos dezẽganna a luz do *Entendimento*, cõ que conheceys, que naõ sois nada? Enganna vos com hum *Scientes*, com promessas de sabedoria, & naõ vos dezenganna o Espirito Santo; dizendo que o principio do saber he temer a Deos? *Initium sapientiæ timor Domini*. Ah! Sciencias, occupação pessima; que sendo dàdas para perfeysaõ do *Entendimento*, o encheys de mentiras, & de vaidades. *Scientia inflat*: diz S. Paulo.

Eclez. 1. V. 16.

1. Cor. 8. V. 1

230 De todos estes engannos naõ tem o *Entendimento* outra desculpa, que *Serpens decepit me*: foy huã mentira. E das verdades de Christo, se vos preguntarem: *Quare non creditis?* Naõ ha repósta mais, que *Si veritatem*; porque he verdade. Naõ dá o *Entendimento* assenso à verdade; porque he verdade, & dà assenso à mentira; porque he mentira. *Serpens decepit*. Valhame Deos; que *Entendimento* he este tanto contra a natureza de *Entendimento*? Eu o direy. Naõ he *Entendimento*, he vaidade. Parecenos que temos *Entendimento*, & he mentira; parecenos que somos filhos da razaõ, & somos brutos. Ouvi a David. *Mendaces filij hominum in sta-*

Ioan, 8. V. 46

Psal, 61. V. 1.

ſtateris. Os filhos dos homẽs ſaõ mentirozos, nas ballanças. Notay. Os filhos dos homens ſaõ os filhos da racionalidade; porque a eſſenſia do homem conſiſte no racional, & a ballança do racional, he o *Entendimento*; & neſta meſma ballança; neſte meſmo *Entendimento*, he que eſtá a mayor mentira. *Mendaces in ſtateris*, & conſequentemente a vaidade: diſſe-o o Propheta no meſmo Pſalmo. *Veruntamen vani filij hominum.*

231 Ora examinemos com mais miudeza o fiel deſta ballança, & veremos o como he mentiroza. *Statera* propriamente ſignifica aquella ballança, em cujos braços ſe poem de huã parte a couza, que ſe péza, & da outra o pezo; o qual conforme ſe afaſta mais do fiel, hum riſco, ou dous, ou mais, aſſy faz, que o pezo ſeja mayor. Neſta ballança de dous modos pòde haver mentira. Hum modo he errando os pezos; outro modo he errando as medidas; porque ſe o pezo for mayor, ou menor, do que he juſto, já o fiel não pòde ſer verdadeyro. E ſe o pezo, ſendo igual, ſe pozer mais, ou menos afaſtado, jà fica o pezo errádo na medida. Se huã couza pêza dez libras, nunca lhe podereys achar o pezo certo, contrapezando ſinco libras; & ſe pozerdes outras dez, mas em differente riſco, & com medida diverſa, tambem errays; còm que de ambos os modos he mentiroza a ballança do *Entendimento*.

232 E ſenão dizeyme, quanto pêza a *Alma?* Na ballãça de Deos, que não èrra, pêza tãto a *Alma* de hum homem; que inclinou o Infinito a ſer homem; & havendo de encarnar huã das tres Divinas Peçoas; encarnou a ſegunda Peçoa; porque para onde ſe pos o pezo de huã *Alma*; para ahi propendeu o *Entendimento*. E no *Entendimento* dos homẽs pêza ainda menos, que o corpo. Diga-o o cuidado, que temos deſte, & o deſcuido com que tratamos a *Alma*; a quantos riſcos a expomos? Que pouco cazo fazemos della? Homem, *Entendimento*, acreſcenta mayor pezo neſſa ballança,

huã linha, que sepâra, & une o dia, & a noyte: assy o homem he hum termo, que dividindo, como meyo, os extremos das naturezas espirituaes, & corporeas: ajunta em sy huãs, & outras; compondosse de corpo, & *Espirito.* De sorte que este *Espirito*, que he semelhante aos Anjos; porque he *Espirito*; tambem tem sua semelhansa, & propensaõ ao corpo; porque he *Espirito* deste corpo; & do mesmo modo que lhe inquirimos os vicios pellos Elementos; seguindo aquella semelhança; trataremos de inquirir (supposto que à *Alma* pertẽse o entender, querer, & lembrarse) como entendemos mal; como queremos peyor, & não sabemos lembrarnos. Este será o assumpto do Sermão. Buscaremos nestes tres discursos o fundamento de tudo o que temos ponderádo nos outros. Discursaremos a vaidade da *Alma*: pezando a vaidade do seu *Entendimento*; da sua *Vontade*; da sua *Memoria*; & não será novo achar pezo a vaidade, quando Iob o reconheceu nos
Iob 28.V.25. ventos. *Qui fecit ventis pondus.* Antes de nenhum modo poderá constar melhor o pouco que pêza em nós a nossa *Alma*; do que vendo, que ainda peza mais o pouco pezo da vaidade.

§. I.

Gen.2.V.7. 217 INspirou Deus a *Alma* ao primeyro homem. *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ. Espirito* tam excellente, & de tão supperior natureza; que està posto nos confins da natureza Angelica. No ser foy então alguã couza menos. *Minuisti eum paulo minus ab Angelis*, na honra,
Psal.8.V.6.
capaz de os exceder muito mais. *Gloria, & honore coronasti eum, & constituisti eum super opera manuum tuarum.* Assy havia de ser hum *Espirito* feyto à imagem, & semelhança de
Gen.1.V.26. Deos. *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Hum *Espirito* de quem o mesmo Deos havia de tomar depois a semelhança. *In similitudinem hominum factus.*
Philip.2.V.7

Po-

Porem o em que esta semelhança mais se expressou, foy no *Entendimento* de que Deos dotou a *Alma*.

218 Todas as outras creaturas tem a sua semelhança em Deos; porque forão formadas à idea, & exemplar, que *ab æterno* tinhão na Mente Divina; porem a *Alma*, pello *Entendimento*, tem a semelhança de Deos em sy; porque cóforme discorrem todos os Filozofos; o modo com que a *Alma* entende, he recebendo em sy as imagens dos seus objectos, & como o objecto do *Entendimento* seja tudo o que he intelligivel; não exceptuando o mesmo Deos (como disse S. Agostinho) *Creatus est homo, ut summum bonum intelligeret.* Seguesse que o mesmo he entender a *Alma* a Deos; que transfundir em sy a imagem, & semelhança do mesmo Deos. D.Aug. lib. de dilig. Deo.cap.3.

219 A tanto se extende a esphera do *Entendimento* humano, q̃ não só abrãge a tudo o que Deos creou, q̃ isto ainda he pouco; porem de tudo o que pode crear; & ainda aquillo que he increado, que he o mesmo Deos. E dar Deos ao homem *Entendimento*, foy o mesmo, que estampar na *Alma*, como com hum sello, a sua semelhança; & assy quanto mais entendemos de Deos; tanto mais temos de *Entendimento*; & quanto mais ignoramos de Deos; tanto o *Entendimento* tem mais de vaõ; & menos de *Entendimento*; porque a estampa, que se imprimio com hum sello; só o mesmo sello a enche plenamente.

220 Isto he o que no entender de S. Antonio quiz dizer o Propheta Rey no Psalmo 4. *Signatum est super nos lumen vultus tui Domine.* Senhor (diz David) vós estampastes em nòs, & nos imprimistes o lume de vossa face. De dous modos, explica S. Antonio, que se entende a face de Deos. De hum modo significa a face de Deos o Verbo Eterno, que he a face do Padre; pella qual conhecemos a Deos. *Vultus Patris Filius* (diz o nosso Portuguez S. Antonio). *Sicut enim per vultum quis cognoscitur, sic per Filium Patrem cognoscimus.* De outro modo significa o nosso *Entendimento*, que nos Psal.4.V.7. D. Anton. Serm.in Domin.Septuages. pag.mihi 123.

he

he dado para conhecer o mesmo Deos; assy como pella face se conhece qualquer peçoa. *Vultus ergo Dei ratio nostra accipitur* (diz o mesmo S. Antonio), *quia sicut per vultum quis cognoscitur, ita per speculum rationis agnoscitur Deus.* Ambos os modos saõ muito ao nosso intento. Diz pois o Propheta, que Deos estampou, & imprimio em nòs a imagem da sua face, assy como se imprime hum sello. Notay. Na impressaõ do sello ha duas imagens: huma que se imprime, outra que fica impressa. Sendo pois a Imagem de Deos o Verbo, que he *Entendimento*, & imprimindosse em nós, como face, para conhecer a Deos; a imagem, que ficou impressa, he o nosso *Entendimento* para conhecimento do mesmo Deos. O sello, que se imprime, he o *Entendimento* de Deos; ou o Filho, que procede por *Entendimento. Vultus Patris Filius.* O sello, que fica impresso, he o nosso *Entendimento. Vultus ergo Dei ratio nostra accipitur.* E como o sello estampado só se enche com o sello, que se estampou; por isso o *Entendimento*, que nos he dado para este fim; tanto tem de vaõ; quanto se desvia delle.

Serm. in Domin. 23. post Trinit. pag. 412.

Signatum, id est, impressum rationi, quæ est superior vis animæ, qua similes sumus Deo, cui impressum est lumen illud ut sigillum ceræ. D. Ant. ubi supra.

221 Oh! se chegasse aquella hora, em que, mediante o lume da glória, se estampasse em nòs esta imagem, face a face; em que vissemos, & entendessemos a Deos; assy como elle he. *Videbimus eum sicuti est. Tunc autem facie ad faciem.* Então reprezentaria o nosso *Entendimento* ao vivo aquella imagem; porque então ficaria plenamente cheyo com aquelle sello. Porem em quanto essa hora não chega, em quãto vivemos esta vida mizeravel, que ha de ser o *Entendimento* do homem, senão vaidade. *Vanitas omnis homo vivens.*

1. Ioan. 3. V. 2.

1. Ad Cor. 13. V. 12.

222 He verdade, que este lume, que agora nos falta, nos supre Deos com o lume da *Fee*; porem se este he remedio da vaidade do nosso *Entendimento*: discorrey hum pouco pello numero dos viventes; & achareys a huã parte numero, sem numero, da Gentilidade, cujos *Entendimentos* ainda hoje veneramos; & que he o que conhecerão de Deos? Não o co-

nh

nhecerão, & fingirão em lugar de Deos, summa verdade, Idolos mentirozos. Vereys a outra parte outro numero, quazi igual, dos Hereges; que conhecerão de Deos? A muitos o *Entendimento* os fes prevaricar da verdade; a todos o *Entendimento* os fes permanecer na prevaricação. Achareys outro numero de Catholicos (provera a Deos que fosse mayor) que he o que conhecem de Deos? A *Fee* prometenos que muito; as obras dizem que pouco, ou nada; porque a *Fee* sem obras he morta: *Fides sine operibus mortua est.* He lu- Iacobi.2.V. 20.& 26.
me, mas apagado. Pois se todos estes *Entendimentos* seguem a mentira, se todos desconhecem a summa verdade; que he isto que veneramos por *Entendimentos*? Eu não sey o que he; mais que o que diz o meu Thema. *Universa vanitas omnis homo vivens.* Vaidade, & tudo vaidade.

§. II.

223 SEy que o *Entendimento* he lume procedido daquelle lume increado; sey que o Objecto, que Deos lhe deu, foy a verdade clara; assy como o lume increado he verdade summa; & sey que o nosso *Entendimento*, parece que escolheu por objecto as sombras da mentira, ou a mentira às claras; ainda naquellas verdades, que não só a verdade increada; para a qual he necessario outro lume mais elevado.

224 O que foy a luz no principio da creação do mundo, isso he o *Entendimento* na creação do homem. Na Infancia do mundo creou Deos a luz para divizão das trèvas: no homem infundio o *Entendimento* para conhecimento da luz. A luz material para fermozura do dia; & separação da noyte: a luz da razão para seguir o dia da verdade, & fogir das trèvas da mentira. Comtudo eu acho esta differença; q̃ a luz material he luz; porem dividida das trèvas; & a luz da razão he luz; mas envòlta em escuridades; porque quanto

tem em ſy o reſplendor mais ſobido, tanto infundida no corpo, perde a claridade com o denſo da terra. He luz com eclypſe; que entrepondoſſelhe a terra, neceſſariamente traz conſigo ſombras. Antes não ſey ſe deyxando de ſer luz, que propenda para a verdade, he ſómente huã ſombra eſcura, q̃ buſca, & ama a mentira: o primeyro homem, que a ſeguio, nos darà luz para a verdade deſte penſamento.

225 Creou Deos ao primeyro homem, ornado com tantas luzes, que não tiveſſe que envejar eſte pequeno mundo áquelle orbe grande. A primeyra luz foy a natural do *Entendimento*, & racionalidade: a eſta acreſcentou a mayores reſplẽdores cõ a luz da graça, & cõ a luz da ſciẽcia, & outros *Dons*, q̃ todos ſaõ lumes cõmunicados daquella fonte de claridade. Parecevos Adam grãde *Entendimẽto* a todas as luzes? Iulgays, q̃ poderá haver ſobra de mentira, q̃ não conheça, & diſtinga? Ora ouvi o ſucceſſo. Armouſe o Diabo para o enganar. Iá a mentira eſtá conhecida; porque o Diabo he autor de todas as mentiras. Reviſtioſe da figura de Serpente. Vayſe aclarando a mentira; porque a Serpente era animal manhozo; accommodado a engannos; mais que algum outro animal ſobre a terra. *Serpens erat callidior cunctis animantibus terræ.* E Adam conhecia muito bem as naturezas de todos; pois lhe pos os nomes proprios; & accommodados a ellas.

Gen. 3. V. 1.

226 Preguntou a Serpente a Eva; porque razão pozera Deos preceyto a ambos, que não comeſſem daquella arvore. *Cur præcepit vobis Deus, ut non comederetis de omni ligno paradiſi?* Eys ahi duas mentiras. Huã, porque o preceyto não foy poſto a ambos; ſenão a Adam ſómente. Outra, porque Serpẽte que falla, claro eſtá, que he enganno, & que lhe falla o Diabo no corpo. Diſſelhe que era falſo haverem de morrer, conforme Deos os ameaçara. *Nequaquam moriemini.* Mayor mentira; porque dizello Deos, & ſer falſo, he couza que implica. Acreſcentou, que o fim que Deos tivera, fora

Ibid. V. 4.

por

por lhes atalhar, & impedir, que fossem outros quazi Deozes. Eys ahi hum grande enganno, mas sempre costumou engannarse, quẽ quiz esquadrinhar os fins altissimos do que Deos òbra. Finalmente lhes certificou, que elles tinhão os olhos fechados; que estavão em trévas de ignorancia; que na hora que comessem, havião ser sabios, como Deos. *Scit* Ibid. V. 5
enim Deus, quòd in quocumque die comederitis ex eo, aperientur oculi vestri, & eritis sicut Dij, scientes bonum, & malum. Olhos fechados, em quem tinha *Entendimento* clàro, he mentira; trèvas de ignorancia, em quem tinha sciencia infuza, he falsidade: saber tanto, como Deos, he impossivel.

227 A vista de tantas, & tão claras mentiras, todos sabeys o que succedeu ao *Entendimento* do primeyro homem. Comeu Eva, fes comer a Adam; porque o pomo era fermozo (como se a fermozura fosse objecto do gosto) & enfim creu a mentira do Diabo, & pareceulhe melhor, & mais eligivel, que a verdade de Deos, & perdeuse assy, & a nòs todos. Haverá alguã razão com que este *Entendimento* se desculpe? Sy ha, & muito natural. E qual he? A que derão os mesmos delinquentes. Eva disse, que fora huã mentira, com que a enganara a Serpente. *Serpens decepit me, & comèdi.* Ibid. V. 13.
Adam, que fora hum enganno, com que o persuadira a molher. *Mulier quam dedisti mihi sociam, dedit mihi de ligno, &* Ibid. V. 12.
comedi. E sendo a credulidade o que mais lhe aggravava o delicto; isso mesmo lhe foy desculpa, por isso mesmo que era enganno. Tal propensaõ tem o nosso *Entendimento* desgraçadamente à mentira, que o seguilla, he desculpa natural, & que mereceu compayxão.

§. III.

228 EA qual de nós, & dos mais prezàdos de *Entendimento*, não succede o mesmo? He verdade que não devemos dezejar a molher do proximo: tenta-

ſtateris. Os filhos dos homẽs ſaõ mentirozos, nas ballanças. Notay. Os filhos dos homens ſaõ os filhos da racionalidade; porque a eſſenſia do homem conſiſte no racional, & a ballança do racional, he o *Entendimento*; & neſta meſma ballança; neſte meſmo *Entendimento*, he que eſtá a mayor mentira. *Mendaces in ſtateris*, & conſequentemente a vaidade: diſſe-o o Propheta no meſmo Pſalmo. *Veruntamen vani filij hominum.*

231 Ora examinemos com mais miudeza o fiel deſta ballança, & veremos o como he mentiroza. *Statera* propriamente ſignifica aquella ballança, em cujos braços ſe poem de huã parte a couza, que ſe péza, & da outra o pezo; o qual conforme ſe afaſta mais do fiel, hum riſco, ou dous, ou mais, aſſy faz, que o pezo ſeja mayor. Neſta ballança de dous modos pòde haver mentira. Hum modo he errando os pezos; outro modo he errando as medidas; porque ſe o pezo for mayor, ou menor, do que he juſto, jà o fiel não pòde ſer verdadeyro. E ſe o pezo, ſendo igual, ſe pozer mais, ou menos afaſtado, jà fica o pezo errádo na medida. Se huã couza pêza dez libras, nunca lhe podereys achar o pezo certo, contrapezando ſinco libras; & ſe pozerdes outras dez, mas em differente riſco, & com medida diverſa, tambem errays; còm que de ambos os modos he mentiroza a ballança do *Entendimento*.

232 E ſenão dizeyme, quanto pêza a *Alma?* Na ballãça de Deos, que não èrra, pêza tãto a *Alma* de hum homem; que inclinou o Infinito a ſer homem; & havendo de encarnar huã das tres Divinas Peçoas; encarnou a ſegunda Peçoa; porque para onde ſe pos o pezo de huã *Alma*; para ahi propendeu o *Entendimento*. E no *Entendimento* dos homẽs pêza ainda menos, que o corpo. Diga-o o cuidado, que temos deſte, & o deſcuido com que tratamos a *Alma*; a quantos riſcos a expomos? Que pouco cazo fazemos della? Homem, *Entendimento*, acreſcenta mayor pezo neſſa ballança,

& ſe te falta pezo igual, com que pondêres a valia do teu *Eſpirito*; muda ao menos a medida; acreſcenta alguns riſcos; cuida niſto alguns eſpáſſos, & verás, que cada inſtante, que o pondèras, he hum riſco mais, que te dá a conhecer o pezo de huã *Alma*.

233 Dizeyme mais: quanto pêza hum peccado? Se o examinar a ballança de Chriſto, verſeha, que a ſua Cruz foy huã ballança: *Statera facta*: na qual poſto de huã parte hũ peccado mortal, era neceſſario que da outra parte contrapezàſſe, não menos, que hum homem Deos: carregado de hũ numero ſem numero de tormentos. E hum ſó peccado venial pêza mais, que hum mundo inteyro com todos ſeus trabalhos, & felicidades; mas ſe examinar iſto a noſſa ballança; tanto nos péza o mortal, como o venial; & ambos nos pézão tão pouco, que andamos muito leves carregados de peccados.

234 Homem, filho da razão, ſe não ſábes ter hum pezar tão grande, como o peccado; ao menos não acreſcentes a eſſes peccados o pezo. Cada hum, que commetes de novo, he hum riſco, que o pezo acreſcenta na ballança, & faz o pezo tão intolleravel, & prolongado, que ſe queyxa a fortaleza de Chriſto do pezo, & medida deſta Cruz. *Supra dorſum*
Pſal.128.V.3 *meum fabricaverunt peccatores, prolongaverunt iniquitatem ſuam.*

235 Mais; & quanto péza hum grão de Graça? Na ballança de Deos péza tanto, que ſe for graça final, lhe correſponde hum pezo eterno de Gloria. *Æternum gloriæ pōdus.* E hum pezo eterno de Gloria, he ver a Deos, he amar a
2.Cor.4.V.17.
Deos, ſem receyo de deyxar de o amar; com ſatisfação plena, que não ha mais que amar; nem mais que ver. E no *Entendimento* dos homẽs, que pouco cazo ſe faz deſta Graça. Qualquer appetite pêza mais, que a Graça de Deos. Homẽs, onde eſtá a racionalidade? Se perdeys hoje a graça, não a percaes à manhã, o outro dia, & todos os dias, que iſſo ſaõ riſ-

riscos, que se acrescentão na ballança, & chegado ao ultimo risco, o morrer em graça, he hum pezo, que leva a poz sy, & faz pender para essa parte, não menos que a Eternidade. *Momentum unde pendet æternitas.* Pezo que faz propender huã Eternidade.

236 E quanto pêza a Cruz? A que nòs pomos a Christo, já vimos o como foy grave àquelles hombros de Gigante. *Exultavit ut gigas.* A que Christo nos poem a nôs; diz elle mesmo, que he lêve, & suave. *Iugum meum suave est, & onus meum leve.* E nós julgamos, que he insofrivel por pezada. Ha tal contradição de pezos? Ha tal erro de ballanças? De sorte, que hum pezo grande, diz o nosso fiel, que he lêve; & hum pezo lêve, diz que he insoportavel? Muito vay do fiel ser mentirozo; mas tambem o faz mentirozo outra cauza, que he como ferrugem, que o naõ deyxa governar direyto no eyxo, & vem a ser o muito, ou pouco uzo, que temos destes pezos. Psal.18. V.6. Matth. 11.V. 30.

237 Quando David houve de sahir a dezafio com o Gigante, vestiolhe Saul as suas Armas; para que sahisse mais prevenido contra a ferocidade de Goliath. *Induit Saul David vestimentis suis, & imposuit galeam æream super caput ejus, & vestivit eum lorica.* Mas David, oprimido com as Armas, as regeytou; dizendo, que naõ podia andar com taõ grande pezo. *Dixitque David ad Saul: Non possum sic incedere.* Como assy? He isto demaziada confiança, ou falta de alento? David que póde despedassar a hum Leaõ pellas queyxadas. *Nam & leonem, & ursum interfeci ego servus tuus*: não tem forças para sustentar o pezo das Armas, de que uza Saul? David, que tem brios para dezafiar corpo, a corpo a hum Gigante, que he formidavel a hum exercito inteyro; faltalhe valor para soportar o pezo da milicia? Naõ lhe faltaõ as forças; faltalhe o uzo. *Non possum sic incedere, quia non usum habeo.* E o mesmo pezo, se se traz por costume, he lêve para hum Saul fraco; se he dezuzado, he insoportavel a 1. Reg. 17. Vers. 38. Ibid. V. 39. Ibid. V. 36.

hum David valente.

238 De forte que naõ péza menos, o que menos péza, senaõ o que se costuma mais: se vos costumays ao pezo do peccado; se lhe acrescentays o uzo; como vos fazeys às armas; parecevos jugo léve: & se vos descostumays da Cruz; parecemvos armas pezadas. *Non possum sic incedere, quia non usum habeo.*

§. IV.

239 POrém naõ comparemos jà os nossos pezos, a nossa ballança, & o nosso fiel com os pezos, & medidas de Deos; porque em sua comparaçaõ ninguem he justo. *Non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens*; & toda a verdade humana he mentiroza: *Omnis homo mendax*. Desçamos mais abayxo, & examinemos a falsidade da ballança para comnosco, & para com os outros.

Psal. 142. V. 2.
Psal. 115. V. 2.

240 De hum modo pezays as acçoẽs alheyas, & de outro as vossas. O vosso divertimento illicito (se acazo o chegays a pezar no *Entendimento*) parecevos pàssatempo honèsto; & como tal, naõ vos péza na consciencia. As acçoens virtuozas alheyas (que nunca deyxays de pezallas) julgaylas por hypocrezia refinada. O vosso desperdicio pezaylo, como divida da vossa mocidade: a Providencia alheya, condennayla, como mizeria, & mesquinheza. A vossa dissoluçaõ (posta em ballança) parecevos galhardia; a modestia do outro accuzayla por froxidão de animo. A injuria, que vós fizestes, naõ he nada; diminuislhe as circunstancias: a que vos fizeraõ a vòs, esquadrinhayslhe cem mil modos, q̃ a aggravaõ. E isto que couza he, senaõ acrescentar, & diminuir os riscos ao pezo? E ainda eu me contentara com que vòs pezaceis no vosso *Entendimento* as acçoẽs dos outros; mas o mào he, que tambem lhes pezays os pensamentos: quereys interpretarlhes os fins. Isto propriamente he ser como o Diabo,

Diabo, que quiz meter em cabeça a Adam, que conhecesse podia entender os porques do preceyto, que Deos lhe pos. Ainda isto he menos: o ponto he, que naõ entendendo vòs o que passa dentro de vós mesmos; quereys entender o que nem por pensamento passou aos outros. Só nisto se assemelha o vosso *Entendimento* com os juizos de Deos.

241 Dos juizos de Deos, diz David, que saõ hum abysmo grande: *Iudicia tua abyssus multa.* Naõ sey se diga dos Psal.35.V.7. vossos, que saõ abysmo mayor? Porque os juizos de Deos saõ abysmo por inexcrutaveys; os vossos saõ abysmo por inintelligiveys. Deos entende o que he, ou póde ser; & vòs quereys entender o que nem foy, & tal ves, nem podia ser. Impossivel era que Adam fosse outro Deos; mas persuadiosse, & entendeu que assy podia ser; & por isso cahio na tentasaõ. *Eritis sicut Dij.* Impossivel era que Lucifer tivesse igualdades com Deos, & com tudo isso persuadiosse, & entendeu, que podia conseguir esta semelhansa. *Similis ero Altissimo.* Isai.14.V.14. Porem Adam buscou-o a mentira; Lucifer desvancseu-o a grandeza, & superioridade do seu *Entendimento* com que se conheceu assy. Mas o nosso *Entendimento*, não chegando a conhecernos a nòs, quer conhecer o que os outros saõ, o que obraõ, o fim, & ainda o que nunca cuidaraõ. Naõ espera dar credito à mentira, quando a mentira o busca; senaõ que elle mesmo busca a mentira, para lhe dar credito. *Ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?* Sabeys de Psal.4 V.3. que nasce isto? Do enganno da ballança; porque para pezardes aos outros, pondes hum pezo, & huã medida, & para vos pezardes a vôs, em taõ boa hora, que ponhaes algũ pezo, ou alguã medida.

242 Isto he o que Salamaõ diz, que abomina Deos. *Pondus, & pondus, mensura, & mensura: utrumque abominabile est apud Deum.* Proverb.20. V.10. Como assy? Se Deos tudo dispos neste mundo por conta, pezo, & medida. *Omnia in mensura, & numero, & pondere disposuisti*; Sap.11.V.21. com que razaõ abomina a medida,

dida, & o pezo? Notay. Deos fes tudo com pezo, & naõ com pezos: com medida, & naõ com medidas. O seu pezo, & a sua medida he huã só: cada couza, & todas as couzas tem seu pezo, & sua medida. *In mensura, & pondere.* O que abomina em nôs, he a multiplicaçaõ dos pezos, & das medidas. *Pondus, & pondus, mensura, & mensura: utrumque abominabile est apud Deum.* Quando os homens se pezaõ assy com hum pezo, & aos outros com outro; entaõ abomina Deos esta variedade de pezos. *Pondus, & pondus: utrũque abominabile est.* Quando pêzaõ com o mesmo pezo; mas com differente medida: pondo-o mais, ou menos distante do braço da ballança: entaõ abomina Deos essas medidas. *Mensura, & mensura: utrumque abominabile est apud Deum.* E tanto he isto mais para abominar; quanto quem pêza com este enganno, he o mesmo *Entendimento* que foy dado por norte da verdade; & por isso justamente nos chama David mentirôzos, & vaõs na ballança do *Entendimento.* *Mendaces*
Psal.61.V.10 *filij hominum in stateris. Veruntamen vani filij hominum.*

243 Porem se deste modo pezaõ os homẽs na sua ballança; nessa propria vaidade se pezaõ assy mesmos. *Ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum.* Porque esses mesmos juizos, & esses mesmos engannos saõ os que fazem mayor pendor à nossa condennaçaõ. *In quo enim judicas alterum, te ipsum con-*
Rom.2.V.1. *demnas.* Disse S. Paulo. E tanto mais nos haõ de aggravar o *Entendimento*, para a condennaçaõ, estes crimes; quanto mais o pezo for posto no fim do braço da ballança. Reparay. Na ballança de Deos péza de huã parte a sua *Mizericordia*, & alguã boa obra nossa; & da outra parte os crimes, & a *Iustiça* Divina. Os riscos, que estaõ sinalados no braço da ballança, saõ os dias que temos de vida. Se o pezo se pos nos primeyros dias, ainda da outra parte pezão mais as boas obras: quantos mais riscos se afasta o pezo; quero dizer; quantos mais dias vos dura o pezo do peccado; tanto o pezo mais vay crescendo; porem ainda o fiel da ballança pende

de alguã couza para a outra parte do merecimento; mas se o pezo chegou ao ultimo risco. Oh como vos haveys de achar engannados, & mentirozos na ballança!

244 Acharvoseys como Balthazar, que em a noyte do seu convite se lhe escreveu a sentensa de morte em letras de sombra contra os reflexos da luz. Pregunto. E Balthazar havia feyto mais delictos, que seu Pae Nabuccodonozor? Os mesmos lhe referio Daniel: pois se a Nabucco se não pezou tão exactamente; como se pèza a Balthazar? As primeyras pallavras da sentensa daõ a soluçaõ à duvida. Dizia a sentẽsa. *Mane, Thecel: Mane; numeravit Deus regnum tuum: Thecel, appensus es in statera, & inventus es minus habens.* Contou Deos os dias a Balthazar; & como os dias estavaõ cheyos, por isso o pezo foy mais crescido; porque o pezo que se poem no ultimo risco, esse he o que inclina a ballança. Em quanto os dias da vida naõ estaõ completos; ainda se nam pòde achar se pezays menos; mas depois que estaõ contados, já a ballança naõ tem mais riscos em que se ponha o pezo; já o pezo prevalece mais, & vòs pezays menos. *Inventus es minus habens.* Dan. 5. V. 25. 27. & 28.

245 E se assy ha de ser pezado o nosso *Entendimento*, como o nosso *Entendimento* pèza: claro està, que do mesmo modo com que foy mentirozo, se ha de achar engannado na sua vaidade. *Ut decipiant ipsi de vanitate.* E naõ nos vay nisto menos que a vida; porque a vida da *Alma* he o *Entendimento*, & a vida do *Entendimento* he a verdade. David pedia a Deos que lhe desse *Entendimento*, & viviria. *Intellectũ da mihi, & vivam.* Naõ lhe faltava a David *Entendimento*, quando fazia esta petiçaõ a Deos. Porem o *Entendimento*, q̃ pede, he o *Entendimento* da verdade. Psal. 61. v. 10. Psal. 118. V. 144.

246 Nem Eva foy Mãe de todos os viventes; porque os brutos tambem vivem; mas por isso mesmo lhe chama o Texto Mãe de todos os viventes. *Mater cunctorum viventium*; porque era Mãe de todos os racionaes. De maneyra, Genes. 3. Vers. 20.

que

que a racionalidade he a que dá vida; & a verdade he a que dá a racionalidade. E se os sentidos, que saõ de natureza taõ inferior; disse delles Salamaõ, que se naõ satisfaziaõ com a verdade dos seus objectos. *Non satiatur oculus visu; nec auris auditu impletur*. Como se ha de satisfazer o *Entendimento* com a mentira: tendo, para se empregar, ao mesmo Deos, q̃ he verdade summa, & incomprehensivel: onde o *Entendimento*, nem se satisfaz (por mais que entenda) nem lhe falta nunca mais, & mais, que entender; mas por isso mesmo q̃ o *Entendimento* humano se desvia desta verdade; saõ nelle tambem vaõs todos os homens. *Universa vanitas omnis homo vivens*.

Eclez. 1. V. 8.

§. V.

247 VAidade he o homem no que entende; & tambem he vaidade no que ama, & no que deyxa de amar; no que quer, & no que naõ quer: antes nisto he mais propriamente vaidade; porque se o *Entendimento* erra no conhecimento da verdade, tendo a luz de caza, que serà a *Vontade* no seguimento do bem, sendo cega de sua natureza. Assy como o *Entendimento* tem por objecto a verdade, & he vaõ, porque mais facilmente cre a mentira; assy a *Vontade* tem por objecto o bem, & he vã pella facilidade com que segue o mal. De sorte que se me concederes, que o ter hum bem, depende do querer da *Vontade*; por isso mesmo duvidarey com razaõ, se a *Vontade* o quer.

248 Entre os mais enfermos da Piscina estava aquelle afamado Paralytico, que havia trinta, & outo annos que esperava pella saude; & dizia elle, que naõ lograva esta felicidade; porque lhe faltava homem, que o metesse no banho
Joan. 5. V. 7. daquellas agoas. *Hominem non habeo, ut cùm turbata fuerit aqua, mittat me in piscinam*. E com effeyto assy era. Comtudo querendo Christo restituirlhe a saude, a pregunta, que pri-

primeyro lhe fes, foy esta. *Vis sanus fieri?* Homẽ queres sarar? Ha tal pregunta em semelhãte cazo? Senhor, vós bem sabeys, que este homem nenhuã outra couza pretende, senaõ a saude, & que por ella tem mostrado trinta, & outo annos de paciencia: *Triginta, & octo annos habens in infirmitate sua.* Bem Ibid. v. 5.
sabeys que o naõ conseguir a melhoria no seu mal, he à falta de homem. *Hominem non habeo.* E ainda que naõ houvera estes argumentos: bastava ser a saude hum bem taõ grande, para rezolver por infallivel, que este homem a queria. Antes por isso mesmo he a duvida bem fundada; porque por isso mesmo, que o bem era grande; està bem duvidado se este homem o quer. *Vis sanus fieri?* Se a saude fora hum grande mal, certo se està, que facilmente o appeteceria; mas sendo bem, & grande bem: he muito duvidozo se a *Vontade* o quererá deveras, & justamente se pòde preguntar se quer, ou naõ quer. *Vis sanus fieri?* Demaneyra, que a cauza daquelle *Vis*, & daquella duvida, està naquelle *Sanus*, & naquelle bem. Ah Senhor! que lastimozo estado he o da nossa mizeravel *Vontade*; pois porque vòs sois bom, somos nòs máos, & porque sois summamente amavel, sois de nòs menos amado.

249 Naõ vos pareça isto engenhoza especulaçaõ do *Entendimento*; porque eu interpreto esta pregunta de Christo, pello que experimentamos todos em nós. Vem hum mancebo à Igreja ouvir Missa, emcomendarse a Deos, com as contas na maõ. Tudo isto he bom, & este homem parece que o quer assy; mas eu quero preguntarlhe. Homem *Vis?* Tu queres isto? Quazi que he certo que não quer. Entra pella Igreja; poem hum giolho no chão (como se Christo fora meyo Deos) péga nas contas, mas não reza: ólha por toda a Igreja, conversa, distrahesse, & he o mesmo que nam ouvir tal Missa. Pois éste homem naõ queria ouvir Missa? E se lho preguntassem, nam diria que sim? He certissimo; mas não a ouvio; porque na verdade, naõ quiz; & por isso he bem fundada a duvida, & a pregunta se quer. *Vis?*

250 Ho-

250 Homẽs quereys devèras salvarvos? Quereys Catholicos? Parece que sy; porque vòs estays na Piscina da Igreja; o salvar-he bom, & mais que bom, & não vos falta hum homem Deos: pois quereys, ou não? Toda a duvida està na *Vontade*; porq̃ se a *Vontade* quizera o bem, Deos tambem o quizera. *Si vis, & ego volo.* Para o mal propende a *Vontade* com todo o impeto: para o bem, ou he duvida, se propenderá, ou mais certo, que costuma fugir delle.

251 O mayor, & mais execrando mal; que cometeraõ já mais, nem haõ de cometer os homẽs, foy a morte de Christo; porque concorreraõ nesta acção com tudo, quanto os homẽs pódem fazer de mal; com odio, com enveja, com tyrannia, com falcidade, com injustiça, com ingratidão. Quiz Pilatos absolver a Christo da morte; & assy o declarou por innoscente. *Nullam invenio in eo causam.* E que se seguio? Clamar aquelle malaventurado, & infame povo, que crucificassem a Christo. *At illi magis clamabant, crucifige, crucifige eum.* Tornou Pilatos a inquirir a vida, & acçoẽs do Senhor, & achou que nelle não havia mal, digno de castigo; & o mesmo foy declarallo assy, que crescerem mais, & mais as vozes, & clamores, para que fosse crucificado. *Nullam invenio in eo causam. At illi instabant vocibus magnis postulantes ut crucifigeretur.* Finalmente tomou Pilatos por expediente, sahir com huã interlocutoria, dizendo que ali havia hum grande malfeytor, que estava prezo; & que havendo de soltar hum dos dous; vissem a qual queriáo, que lhes soltassem. *Quem vultis dimittam vobis: Barabbam, an Iesum, qui dicitur Christus?* Responderão todos uniformemente, que morresse Christo; & que se soltàsse Barrabaz. *At illi dixerunt, Barabbam.*

Ioan. 19. V. 4. Luc. 23. V. 4. Marc. 15. Vers. 13. Matth. 27. Vers. 23.

252 Parecevos isto contra toda a razão? Sy he, mas não podia deyxar de ser assy; porque posta a cauza entre partes, o bom, & o mào; no Tribunal da *Vontade*. *Quem vultis dimittam?* Era quazi infallivel a eleyção do mal. *Barabam.*

Se

Se se pozera diante da *Vontade* o bem, ou o quereria, ou não, mas posto o bem em parallelo com o mal, & sendo a deliberação da *Vontade* : *Vultis* : haviasse eleger o mal : *Barabbam*. Somos às avessas de Deos. Deos quiz todas as suas obras; porque erão boas. Quiz que houvèsse luz; porque vio que era boa. *Fiat lux : vidit quòd esset bona.* E os homens? *Dilexerunt magis tenebras, quàm lucem.* Amarão as trèvas, & aborrecerão a luz. E que cauza poderia haver para a aborrecerem? A mesma, que Deos teve para a querer. *Vidit Deus lucem quòd esset bona*; porque era boa. Gen. 1. V. 4. Ioan. 3. V. 19.

§. VI.

253 SY succede, que a *Vontade* quer às vezes o que he bom, porem he tão raramente, que mais parece que quiz por acazo, do que por querer o bem. He huã *Vontade*, como supposta. *Velle, adjacet mihi* : cahio cazualmente para o bem; não o buscou; porque era bem. No Paraizo creou Deos duas arvores : huã que tinha hum grande bem; outra que tinha hum grande mal. A arvore da vida perpetuava a vida, a da sciencia tinha pena de morte. Escolheu Adam a da sciencia, & nella o mal da morte. Castigoulhe Deos o delicto, & prohibiolhe a entrada do Paraizo; para que não comesse da arvore da vida. *Ejecitque Adam, & collocavit ante paradisum voluptatis Cherubim, & flammeum gladium, atque versatilē, ad custodiendam viam ligni vitæ.* Mas he para notar o modo da prohibição. *Ne fortè* (diz o Texto) *mittat manum suam, & comedat.* Esteja hum Anjo defendendo a entráda; porque pôde succeder, que Adam, entrando no Paraizo, coma desta arvore, & viva. *Comedat, & vivat.* Ha tal modo de prohibição? Diga o Texto, que se prohibe a Adam a entrada do Paraizo; porque tendo experimentado o mal da pena da morte. *Morte morieris* : quererà sem duvida restaurarse com o pomo da vida : porem dizer, que nam Rom. 7. V. 18. Genes. 2. Vers. 9. Ibid. Cap. 3. V. 24. Ibid. V. 22.

en-

entre no Paraizo; porque poderà, acazo, succeder que coma? Acazo? He possivel, que Adam, aonde estava o mal da morte, comeu logo, & jà; & aonde estavava o bem da vida, ahi era acazo o comer? *Ne forte comedat.* Sy; que querer o bem, puderá succeder à *Vontade*; mas isso muito cazualmente, & como se fora couza accidental, & estranha. *Velle, adjacet mihi: perficere autem bonum, non invenio:* Disse com levantado espirito Saõ Paulo.

254 Dirme eys que esta doutrina repugna a toda à boa Filozofia; porque nella he çerto, que a *Vontade* nenhuá couza ama; senão o bom; & se ama o mal; he porque lhe acha alguá razão de bem; ao menos deleytavel. Assy he; porem nisso mesmo está a mayor mizeria da nossa *Vontade*. Achar no bem algum mal, para fugir delle, & achar no mal algum bem, para o amar. E achar no mal (que he digno de odio) semelhansa de bem para o seguir, he grande erro da *Vontade*.
Isai. 5. V. 20. *Væ* (diz Izaias) *qui dicitis bonum malum, & malum bonum!* Ay dos que reputão o bem por mal, & o mal por bem! Reputar o bem por mal, bem conheço, que he digno de hum Ay muito sentido; mas julgar bem do mal, parece que he acção de virtude, & de candidez de animo; que tudo interpreta a bem. Não he senão erro igual ao primeyro; porque quem no mal achou razão de bem; engannado desse bem, vem a amar o mal. Achamos no bẽ da virtude o mal da mortificação, & por fugir a este mal, fugimos daquelle bem. Buscamos no mal do vicio o bem da deleytação, & por amar este bem deleytavel, amamos aquelle mal, que nos perde, & que Izaias lamenta. *Væ, qui dicitis bonum malum, & malum bonum.*

§. VII.

255 DUas razoẽs acho para esta semrazão. Huá mais natural, & ambas muito commũas; & vem a ser, que o *Entendimento*, & a *Vontade* andão ordinariamente

tão ligados entre sy; que se communicão hum ao outro os seus defeytos. Donde se infere, que ou a *Vontade* ségue o *Entendimento* (como he regra natural) ou o *Entendimento* vay arrastrado atraz da *Vontade*; se a *Vontade* quer; conforme o *Entendimento* julga, como este èrra no conhecimento da verdade, engannasse aquella no amor do bem: & se o *Entendimento* se deyxa guiar da *Vontade*; como esta he cêga, tãto no que ama, quanto no que aborrece; ella se guia assy, & mais ao *Entendimento*, & precipitá a ambos. São estas duas potencias; como os dous Cêgos da Parabola de Saõ Lucas, Luc.6.V.39.
dos quaes diz Christo; q̃ se hũ Cégo guiar outro Cégo, ambos hão de errar, & hão decahir. *Numquid potest cæcus cæcum ducere? Nonnè ambo in foveam cadunt?* Tanto a *Vontade*, como o *Entendimento* dos homẽs padessem o mal da cegueyra. A *Vontade* céga de nascimento: o *Entendimento* cégo por catarātas; & assy qualquer delles, que guie ao outro, estão ambos muito arriscados.

256 Reparay no que digo, & no que diz o Evangelho, ou a Parabola; que não està o mal só na cegueyra, senão na guia. Se ambos forão cègos sòmente, não caminhárão, mas não cahirão; porem como ambos (sobre cégos) querem guiar hum ao outro; ambos vem a cahir. *Ambo in foveam cadunt*. O cégo, que he cégo, tem huã só cegueyra: o cégo, que fosse ser cégo, quer guiar ao outro, tem duas cegueyras. Huã, porque não ve, outra, porque cuida, que ve, para guiar; & esta prezunção de cuidarmos que vemos, sendo cégos, he que faz errar aos homens.

257 De huã sua creada conta Seneca, que depois de cegar, não era possivel persuadilla a que era céga: dizia que não via; porque lhe furtavão a luz; parece incrivel; mas o Filozofo o conta por verdade. *Incredibilem tibi dico rem, sed veram*. Mais incrivel he o que passa em nòs. Cuidamos que vemos, não vendo, & cuidamos que temos luz para vèr estādo às escuras. Esta molher sabia que não via; mas cuidava,

que podia vèr: nós, não podendo ver, cuidamos que vemos. Dezenganesse o nosso amor, que he cégo, & não ve o q̃ quer, ou deve querer : dezengannesse o *Entendimento* que he lézo da vista, para prezumir, que póde guiar a *Vontade* com certeza: & dezengannense as nossas prezunçoens, que a regra de entender bem, he a Ley de Deos, & a regra de amar bem, he a *Vontade* de Deos, & tudo o que se afasta desta guia; cahe em hum profundo pégo de vaidade.

258 Ambas estas razões parece que ajuntou o Propheta Rey no Psalmo 4. *Ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?* Duas preguntas incluem estas pallavras. A primeyra; porque temos os homẽs amor à vaidade; & aqui se condena a *Vontade*, que sem cauza ama, o que devia aborrecer. A segunda pregunta he, porque damos credito à mentira, & aqui se accuza o *Entendimento*, que deve buscar a verdade. As preguntas saõ duas, a reposta não vejo que seja aluã; ou porque estas preguntas não tem reposta; ou porque huã he reposta da outra. Sabeys porque a *Vontade* ama o mal? Porque o *Entendimento* erra a verdade. Sabeys porque o *Entendimento* erra a verdade? Porque a *Vontade* nam ama o bem.

Psal. 4. V. 3.

259 Amais, porque entendeys, & amais mal; porque entendeys mal. Esta Filozofia he natural; porque o querer suppoem o conhecer; como he proloquio vulgar. *Nihil volitum, quin præcognitum.* Atè nas processoẽs Divinas, onde o *Amor* he essensialmente sabio, para Deos se amar, he necessario que se conheça; & porque se entende comprehensivamente assy mesmo, por isso se ama infinitamente. Do amor cõ que os Bemaventurados amão a Deos, disputão os Theologos, se consiste nelle formalmente a Bemaventurança, ou se consiste no acto de *Entendimento*, com que conhecem o summo bem? Eu não disputo a questão: so digo, que anda taõ conjunto o amar a *Vontade* o bem, quando o *Entendimento* o conhece, que faz duvida, qual dos dous mereça o titolo de

de Bemaventurança.

260. Isto he do amor, & da *Uontade* dos Santos no Ceo, & o amor que se poem por preceyto aos que andamos ainda neste mundo, qual he? *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & in tota mente tua.* Amareys a Deos com toda a vossa *Uontade*, & com todo o vosso *Entendimento.* Adverti bem nestas pallavras, que parece tem huã superfluidade, & huã improporsaõ. Dizer que amemos com *Entendimento*, parece huã grande improporsaõ; porque o amar he acto da *Uontade*, & não do *Entendimento.* Dizer que amemos com *Entendimento*, depois de dizer que amemos com *Vontade*, parece superfluo; porque se a *Vontade* amar bem a Deos, para que he encarregar esta occupação segunda ves ao *Entendimẽto?* Oh! que sy he necessario; porque o amar he tão dependente do entender; & o amar o bem anda tão unido ao entẽder o bem; que para segurar hum preceyto de tanta importancia, he precizo que se encomende a ambas as potencias. Matth. 22. V. 37.

261 O *Entendimento* não ama; mas a *Vontade* ama com *Entendimento.* Amar a *Vontade* só; pòde ser cegueyra no querer; amar a *Vontade* com *Entendimento*, he fazer bem empregados os seus affectos. Isto parece que explica aquella pallavra: *Ex toto corde*: de toda a *Vontade.* Aquelle *Tota* tem grande emphazi; porque se a *Vontade* amar huã couza, & o *Entendimento* entender outra; parece que nem a *Vontade* ama toda; nem póde amar toda; porque por aquella parte por onde o *Entendimento* se desvia do bem; deyxa a *Uontade* de o amar; & assy para a *Uontade* amar toda; he necessario, que ame com o *Entendimento* todo. *Ex toto corde, in tota mente.* Porem como o querer da *Uontade* he certo, que suppoem o conhecimento por natureza: não he necessario que o provemos com mais Escripturas: tiremos sómente esta concluzão. O nosso *Entendimento* [como mostrey no primeyro discurso) he huã pura vaidade, no que entende: a nossa *Uontade*, no que ama, segue por natureza os dictames do *Entendimento*: logo

tambem a nossa *Vontade* por esta parte he vaidade: *Universa vanitas omnis homo vivens.*

§. VIII.

262 PAssemos à outra razão do erro da *Vontade*; que he guiar ao *Entendimento*, & arrastallo a julgar, cõforme ella quer. Parece couza contra a razão; mas he conforme com a experiencia. Comecemos pello amor q̃ Deos nos tem; & quer que nós lhe tenhamos. Se preguntardes a Saõ Ioaõ; porque se inclinou o Verbo (que he *Entendimẽto*] aos homẽs, que tão pouco lho merecião: responde. *Sic*
Ioan.3.v.16. *Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret:* Iulgou o *Entendimento* de Deos, que era justo inclinar, & propender para os homens; & porque? Porque a sua *Vontade* os amava. Desmerecedores erão os homens de beneficio tam grande, como o da *Redempsaõ*; porem como o amor era excessivo; seguiosse, que o mesmo *Entendimento*, que conhecia exactamente os nossos demeritos, obedeceu ao amor, & executou o beneficio. *Sic Deus dilexit: &c.*

263 Se preguntardes a S. Agostinho; porque razão inclinou Christo a cabeça na Cruz. Responde. *Amor meus*
Lib.2 de Civit.c.28. *pondus meum. Amore feror, quocumque feror*: que o seu amor foy o pezo, que lhe inclinou a cabeça; porque como a cabeça he o Throno do *Entendimento*; & o coração he a esphera do amor; para onde havia de inclinar o *Entendimento*, senão para onde pezava, & propendia o amor? Não se rende a cabeça aos tormentos, & inclinace ao coração: aceyta o *Entendimento* com conformidade huã morte injusta, & huns martyrios mais que cruèis; porque a *Vontade* ama com excesso. Rendesse o *Entendimento* na cabeça: *Inclinato capite*; porque péza a *Vontade* no coração. *Amor meus pondus meum.*

264 E do amor, q̃ nòs temos a Deos, que diz Salamaõ? *Ini-*

Initium sapientiæ timor Domini. Diz que aquelle temor filial, & aquelle amor que temos a Deos, he o principio da sabedoria; porque ainda que o saber seja acto de *Entendimento*: comèça, & tem origem no acto de amor. Tanto entendemos, quanto amamos: o *Entendimento* julga, conforme a *Vontade* quer. Se queremos de veras o bem, logo o *Entendimento* comêça a ser sabio. Parece que devia ser ao contrario; & que primeyro haviamos de saber, & conhecer o bem; mas de qualquer modo he boa a consequensia. E se vos hey de dar hum conselho; seja este. No caminho de Deos, segui antes a regra de Salamão, & de David seu Páe: meteyvos menos em especular, & entender; cançayvos mais em amar; porque a *Vontade* com que amais, vos guiará o *Entendimento* para saber.

Psal. 110. V. 10. Ecclez. 1. V. 16. Proverb. 1. V. 7.

265 Ainda mal que no caminho da vaidade seguimos nós esta regra. Cada hum de nós entende, conforme ama, ou aborrece.

266 Antes que David se queyxe de que amamos a vaidade, & seguimos a mentira: pregunta. *Filij hominum usquequò gravi corde?* Homens atè onde ha de ser pezado o vosso coração? E que pezo de coração serà este, que considera David? Sabeys qual? He o pezo dos affectos, que inclinão o *Entendimento*. A *Vontade* pezada aggrava muito o *Entendimento*; a *Vontade* pezaroza he o principio da sabedoria. *Initium sapientiæ timor Domini.* Se o coração he grave com pezo: *Gravi corde*; & a *Vontade* se inclina ao amor da vaidade: *Ut quid diligitis vanitatem?* Lá vay buscar o *Entendimento* a mentira, *Et quæritis mendacium.* Porem se o coração he grave com pezar; ahi comèça o *Entendimento* a ter luz da sabedoria. *Initium sapientiæ timor Domini.*

Psal. 4. V. 3. Psal. 110. V. 10.

267 No coração pezado he o pezo de chumbo; no coração com penitencia he o pezo de ouro. O pezo de chumbo he o que Deos diz por Zacharias, que levava o povo, cujos peccados lhe mostrava o mesmo Deos. *Et ecce talentum* Zach. 5. V. 7.

 plum-

Vgo hic. *plumbi portabatur:* comenta Ugo Cardeal. *Quia gravia, & enormia erant eorum peccata.* Porque os seus peccados, eraõ graves, & enormes, arrastavão a *Alma* atraz do seu pezo tão chumbado. O pezo de ouro he aquelle, que no Psalmo 34.
Psal. 34 V. 18 diz David de sy; & em nome de qualquer Varão justo. *In populo gravi laudabo te.* Que ha de louvar a Deos no povo grave, & pezado: pezado sy, mas cõ pezo de ouro; porq̃ no ouro se reprezenta a *Charidade*, & quanto nos bons propende o ouro da *Charidade* para o bem; tanto nos màos inclina o pe-
Ugo hic. zo do chumbo para o mal. *In Sanctis est aurea gravitas, in malis plumbea.* Commenta o mesmo Vgo.

268 Este pezo de chumbo he o que S. Paulo via aggra-
Rom. 7 V. 23 varlhe o *Entendimento.* *Video aliam legem in membris meis, repugnantem legi mentis meæ.* Reparay. Na ballança o pezo, que se poem de huã parte, repugna ao que se poem da outra: na cruz de Paulo, ou na sua ballança, pezava de huã parte o seu *Entendimento*, & da outra o pezo do appetite. E com ser tão grande a *Charidade* de Paulo, & tão elevada a sua sabedoria; era tal a força deste pezo de chumbo do appetite, que lhe fazia a Paulo o pezo vizivelmente sensivel. *Video.* E se isto dizia Paulo, que diria Saulo? Se isto dizia Paulo, em quẽ o ouro era mais que o chumbo; que diria Saulo, em quem tudo era chumbo, & nada ouro? Se huã sabedoria bebida na fonte da Divindade nesse terseyro Ceo; se huã *Charidade* tão ardente, que com grande confiança dizia o Santo de sy; que nem Anjos, nem homens; nem morte, nem vida; nem terra; nem Ceo, nem inferno; nẽ outra creatura alguã; o po-
Rom. 8 V. 38. & 39. derião apartar da união cõ Deos. *Certus sum enim, quia neque mors, neque vita, neque Angeli, neque Principatus, neque virtutes, neque instantia neque futura, neque fortitudo, neque altitudo, neq; profundum, neque creatura alia poterit nos separare à charitate Dei.* E com tudo sentia o contrapezo do appetite; que serà do nosso *Entendimento*, que só inclina para onde peza o chumbo da *Vontade*; & não tem da sua parte hum pouco de ouro,

ouro, que ao menos lhe iguale o fiel da ballança? Oh! entendamos contra estes pezos; que temos da nossa parte outro pezo de muito mayor importancia, qual he o pezo da Gloria.

269 O mesmo Saõ Paulo, que sentia o pezo da *Vontade* propria, nos deu o remedio contra ella: *Momentaneum, & leve tribulationis nostræ, supra modum in sublimitate æternum gloriæ pondus operatur in nobis.* Diz Saõ Paulo, que he necessario contrapezar estes pezos da *Vontade* com o pezo da gloria, que he tanto mayor, quanto vay do momẽtaneo ao Eterno. A mayor tribulação de quem serve a Deos, a mayor agonia, que oprime a hum Iusto, he o pezo do appetite, que o embaraça. Este, se condescendemos com elle, he pezo eterno; porque péza para a Eternidade da condennação; se se lhe repugna com o *Entendimento*, se se lhe contrapoem o pezo da gloria, he léve, he momentaneo. Porem se este pezo da *Vontade* he tão grave, q̃ se faz notavelmente sensivel a hũ *Entendimento* de Paulo, & que quazi o quer levar a poz sy, & dura toda a vida; como lhe chama o Santo, pezo pequeno, leve, & de pouca dura? *Momentaneum, & leve.* Por isso mesmo; porque a duração de huã vida, comparada com huma Eternidade, he momentanea: o pezo das tribullaçoẽs, comparado com a gloria, he muito leve. O pezo da *Vontade* dezordenada, quanto mais dura, quanto mais prolongado; tanto mayor. O pezo da *Vontade* sacrificada; por mais que dure, sempre he léve; porque a tribullação do sacrificio dá principio á Eternidade da gloria; a dillação do peccado cõtinúa o seu pezo na Eternidade da condenação. E que estãdo no arbitrio da nossa *Vontade* inclinarse assy, & ao *Entendimento* para o bem, & fazer que o pezo seja léve; q̃ a Eternidade seja segura, a encaminhemos nós para o mal, & lhe soportemos o pezo; fazendo-o, não só grave; mas eterno, he vaidade eterna. *Universa vanitas omnis homo vivens.* 2. Corint. 4. V. 17.

§. IX.

270 GRande parte tem na vaidade dos homens os erros do *Entendimento*, & da *Vontade*; mas não he menor a que nasce dos dezacertos da *Memoria*. Huã das potencias, com que Deos emriqueséu a *Alma*, he a *Memoria*; cujo destricto he tão dillatado, que parece não tem limite. Tudo quanto os seculos passados virão, & ainda tudo o que foy antes dos seculos: tudo o que abraça esta grande, & fermoza maquina do mundo, por força; ou prerogativa da *Memoria*, se faz prezente ao *Entendimento*. Demaneyra que na lembrança de cada hum de nòs, parece que revive continuamente tudo, quanto nos seculos passados tem existido. Assy diffinirão os Filozofos a *Memoria*. *Præteriti, ut præteriti repetita cognitio*. Dizem que he hum conhecimento repetido do passado, como jà passado. Porem na minha estimação a mais se estende a capacidade da *Memoria*; porque ainda que filozoficamente a *Memoria* seja só do passado; Christãmente ha de ser do passado, & do futuro; & ainda aquella *Memoria*, que for do passado, não ha de ser, como de couza jà passada (conforme a diffinição dos Filozofos) mas ha de ser do passado, como ainda prezente; conforme a vontade de Deos.

271 Tudo quanto tem passado para com os homens; ou he o que fomos, ou o que fizemos, ou o que Deos nos fes.
Isai. 40. v. 17 Pello que fomos, fomos nada: *Quasi nihilum, & inane*. O que Deos nos fes, & faz, saõ continuos beneficios; o que nòs fazemos, saõ mais que continuas offensas. Digo pois, que he grande vaidade da nossa *Memoria* lembrarse destas couzas passadas, como passadas, quando deve lembrarse dellas, como muito prezentes. A advertencia não he minha, he da Igreja Catholica: com esta advertencia nos principiou este santo tempo, & com ella quizera eu que dessemos fim ao nosso

nosso discurso, & à nossa vaidade.

272 *Memento homo* (diz a Igreja) *quia pulvis es.* Lembrate homem, que hes pò. E como se ha de lembrar o homem, que he pò, se conhece que o não he? Todos sabemos que do pò formou Deos ao primeyro homem; mas tambem sabemos, que inspirandolhe a *Alma*, lhe mudou a natureza. Ficou vivente, o que era insensivel; ficou racional, o que não tinha vida; ficou organizado, o que era materia rude, & entidade tosca. Isto mesmo que cremos; vemos com os olhos. Pois se nos vemos compôstos de carne, & sangue; fabricados com tão admiravel arteficio, capazes de discorrer em materias tão elevadas; pizando, & desprezando o mesmo pô; como havemos lembrarnos, que somos, contra aquillo mesmo que vemos, & entendemos? Hum Talento grande disse, que eramos pò; porque o haviamos de ser, & cada hum he jà aquillo mesmo, que ha de ser depois. Eu digo ao intento, que somos pò; porque o fomos, & ainda que a nova forma nos mudou a natureza, essa mudança, que fez a forma, ha de emendar a lembrãça. De tal maneyra nos havemos lembrar do pò que fomos, como se o fossemos ainda de prezente. Por isso a Igreja nos não diz, que somos pò; senão que nos lembremos, que o somos. *Memento homo quia pulvis es.* Porque a verdadeyra lembrança do passado: *Memento*; ha de ser, como de couza ainda prezente: *Quia pulvis es.* Os que nascestes humildes, se a fortuna vos mudou a forma, restauray os vossos principios com a lembrança: *Memento.* Os que fostes peccadores, se a graça vos emmendou a natureza, não afeeys a emmenda com a falta de *Memoria. Memento.* Aquelles, a quem o mundo ao principio tratou com desprezo, & ao depois engrandeceu com a vaidade; lembrense, que a mayor vaidade, he, esqueserense daquelle desprezo. *Memento.* Se fostes pò, & já o não sois, he vaidade grande não vos lembrardes do que fostes, como se ainda o foreys: *Memento, pulvis es.*

273 Mas

§. IX.

270 GRande parte tem na vaidade dos homens os erros do *Entendimento*, & da *Vontade*; mas não he menor a que nasce dos dezacertos da *Memoria*. Huã das potencias, com que Deos emriqueséu a *Alma*, he a *Memoria*; cujo destricto he tão dillatado, que parece não tem limite. Tudo quanto os seculos passados virão, & ainda tudo o que foy antes dos seculos: tudo o que abraça esta grande, & fermoza maquina do mundo, por força; ou prerogativa da *Memoria*, se faz prezente ao *Entendimento*. Demaneyra que na lembrança de cada hum de nòs, parece que revive continuamente tudo, quanto nos seculos passados tem existido. Assy diffinirão os Filozofos a *Memoria*. *Præteriti, ut præteriti repetita cognitio*. Dizem que he hum conhecimento repetido do passado, como jà passado. Porem na minha estimação a mais se estende a capacidade da *Memoria*; porque ainda que filozoficamente a *Memoria* seja só do passado; Christãmente ha de ser do passado, & do futuro; & ainda aquella *Memoria*, que for do passado, não ha de ser, como de couza jà passada (conforme a diffinição dos Filozofos) mas ha de ser do passado, como ainda prezente; conforme a vontade de Deos.

271 Tudo quanto tem passado para com os homens; ou he o que fomos, ou o que fizemos, ou o que Deos nos fes.
Isai.40.V.17 Pello que fomos, fomos nada: *Quasi nihilum, & inane*. O que Deos nos fes, & faz, saõ continuos beneficios; o que nòs fazemos, saõ mais que continuas offensas. Digo pois, que he grande vaidade da nossa *Memoria* lembrarse destas couzas passadas, como passadas, quando deve lembrarse dellas, como muito prezentes. A advertencia não he minha, he da Igreja Catholica: com esta advertencia nos principiou este santo tempo, & com ella quizera eu que dessemos fim ao

nosso

nosso discurso, & à nossa vaidade.

272 *Memento homo* (diz a Igreja) *quia pulvis es.* Lembrate homem, que hes pò. E como se ha de lembrar o homem, que he pò, se conhece que o não he? Todos sabemos que do pò formou Deos ao primeyro homem; mas tambem sabemos, que inspirandolhe a *Alma*, lhe mudou a natureza. Ficou vivente, o que era insensivel; ficou racional, o que não tinha vida; ficou organizado, o què era materia rude, & entidade tosca. Isto mesmo que cremos; vemos com os olhos. Pois se nos vemos compôstos de carne, & sangue; fabricados com tão admiravel arteficio, capazes de discorrer em materias tão elevadas; pizando, & desprezando o mesmo pô; como havemos lembrarnos, que somos, contra aquillo mesmo que vemos, & entendemos? Hum Talento grande disse, que eramos pò; porque o haviamos de ser, & cada hum he jà aquillo mesmo, que ha de ser depois. Eu digo ao intento, que somos pò; porque o somos, & ainda que a nova forma nos mudou a natureza, essa mudança, que fez a forma, ha de emendar a lembrãça. De tal maneyra nos havemos lembrar do pò que fomos, como se o fossemos ainda de prezente. Por isso a Igreja nos não diz, que somos pò; senão que nos lembremos, que o somos. *Memento homo quia pulvis es.* Porque a verdadeyra lembrança do passado: *Memento*; ha de ser, como de couza ainda prezente: *Quia pulvis es.* Os que nascestes humildes, se a fortuna vos mudou a forma, restauray os vossos principios com a lembrança: *Memento.* Os que fostes peccadores, se a graça vos emmendou a natureza, não afeeys a emmenda com a falta de *Memoria. Memento.* Aquelles, a quem o mundo ao principio tratou com desprezo, & ao depois engrandeceu com a vaidade; lembrense, que a mayor vaidade, he, esqueserense daquelle desprezo. *Memento.* Se fostes pò, & já o não sois, he vaidade grande não vos lembrardes do que fostes, como se ainda o foreys: *Memento, pulvis es.*

273 Mas

273 Mas assy como ha de ser prezẽte em a nossa *Memoria*, o que já passou em a nossa natureza; assy he tambem justo, que seja em nòs muy prezente a lembrança dos beneficios, que Deos nos fes, & das offensas que nòs lhe temos feyto; porque ainda que a *Liberalidade* de Deos seja grande, seja infinita, & não seja menos a sua *Mizericordia*; nem por liberal se esquesse do que fes; nem por mizericordiozo deyxa de lembrarse do que nòs fizèmos. Notay.

274 No Sacramento da Eucharistia, disse David em Prophecia, que fes Deos hum *Memorial* das suas maravilhas; recopillando nelle todas, quantas havia obrado. *Memoriam*
Psal. 110. V. 4. *fecit mirabilium suorum.* E porque mais no Sacramento faz Christo este *Memorial*, do que em outra qualquer acção sua? A Cruz não foy o instrumento da sua payxão? He certo. O Calvario não foy o theatro em que a nossa *Redempsão* se celebrou? Não ha duvida. Nazareth não foy a Cidade onde se obrou a mayor maravilha das maravilhas, a *Encarnação* do
Luc. 1. V. 17. Divino Verbo? Saõ Lucas o affirma. Qualquer destes lugares não he *Memoria* das maravilhas de Deos? Todos o confessamos. Pois porque se ha de intitular o Sacramento com especialidade *Memoria*? *Memoriam fecit.* Porque todas as outras couzas saõ *Memoria* do passado, como passado: Sacramento he *Memoria* do passado, como prezente. A Cruz, o Calvario, saõ *Memoria* da payxão, que jà passou: o Sacramento he *Memoria* da payxão, como se ainda fora; porque tantas vezes se repete a payxão de Christo; quantas se consagra o Sacramento. *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis.* A payxão passada sacrificio cruento: a payxão prezente incruento sacrificio. *Recolitur memoria passionis ejus.* E não quer Deos que a *Memoria* de suas maravilhas seja do passado, como passado, senão do passado, como prezẽte.

275 E reparay que no mesmo Psalmo, & no mesmo Verso em que David affirma, que o Sacramento da Eucharistia

stia

ſtia he *Memoria* das maravilhas de Deos; intitula a Deos por mizericordiozo: *Misericors, & miserator Dominus.* Donde infiro, que a payxão de Christo foy huã das mayores obras da sua *Misericordia*; que a acção propria da *Mizericordia* he o perdão dos delictos. E que no meſmo Sacramento em que Deos perpetuou a *Memoria* da payxão paſſada, como prezente: *Recollitur memoria paſſionis ejus*; ſe acredite de mizericordiozo; *Miſericors, & miſerator Dominus.* He o meſmo, que debayxo do titolo da ſua *Mizericordia*, fazer tãbem *Memoria* das noſſas offenſas; porque ſe ſe faz *Memoria* da payxão: *Recollitur memoria paſſionis*: ſe a payxão foy para redemir delictos: onde ſe perpetùa a payxão paſſada, como prezente; ahi permanecem tambem com os titolos da *Mizericordia*, as lembranças das offenſas, em que ſe exercita.

§. X.

276 E Aſſy como em Deos he igual a *Memoria* dos beneficios, & das offenſas paſſadas; aſſy o deve ſer tambem em nòs, como ſe foſſem prezentes. Dos beneficios; porque na realidade ainda recebemos o frutto do beneficio, que jà ſe nos fes: das offenſas; porque nos fizerão deſmerecedores deſſe beneficio; & não ſabemos ſe o fazem ainda ho- Eccleſ.9.V.1.
je. *Neſcit homo utrùm amore, an odio dignus ſit.* Diſſe Salamão. Antes ſó pello caminho da noſſa lembrança podemos fazer com que Deos ſe eſquèſſa; porque aſſy como para o caſtigo, nenhuã couza faz a ira de Deos mais lembrada, que o noſſo eſqueſſimento: aſſy tambem, para a condenação, nenhuã couza faz a *Mizericordia* de Deos mais eſqueſſida, que a noſſa lembrança.

277 Confiadamente dizia Iob a Deos, que lhe moſtraſſe todos ſeus peccados. *Quantas habeo iniquitates, &* Iob 13.V.23.
peccata, ſcelera mea, & delicta, oſtende mihi. E pello contrario

rio David ; que pede a Deos, se não lembre das suas maldades. *Si iniquitates observaveris Domine : Domine quis sustinebit?* Se Deos ha de mostrar, contadamente, os peccados a Iob varão justo ; como se não ha de lembrar dos peccados de David peccador? Huã, & outra couza he certa. Ha de lẽbrarse dos peccados, para nos lembrar delles ; mas por isso mesmo se ha de esquesser ; porque o mesmo he em Deos por os nossos peccados em a nossa *Memoria* ; que riscàllos da sua lembrança. O mesmo he pedir Iob a Deos, que lhe lembre os delictos, que ha cometido, que pedir David a Deos, que se esquéssa ; porque o meyo de Deos se esquesser , he aquelle mesmo com que nòs nos lembramos. Day attensaõ.

Psal. 129. V. 3.

Iob. 7. V. 20.

278 Agora entendereys aquella pregunta, que o mesmo Iob fes a Deos. *Quare posuisti me contrarium tibi?* Senhor; porque me fizeste vosso contrario? *Quare?* Porque razão? E Iob não havia ditto antes : *Peccavi* ? Pois que couza pòde haver, q̃ mayor cõtradicção faça entre Deos, & o homem, que o peccado? Se Iob confessa o peccado : *Peccavi* ; que mais razão busca para a contrariedade ? Reparay na pallavra *Peccavi*, que tem grande mysterio, quando Iob a profere. *Peccavi* : na significação diz couza passada; porque falla de preterito ; na pronunciação (quando Iob a diz) significa confissaõ de prezente ; & lembrar de prezente do peccado já passado : unir o preterito do peccado cõ o prezente da lembrança, favorece tanto a Iob por parte da *Mizericordia* contra a *Iustiça* de Deos ; que justamente pregunta Iob a Deos a razão ; porque he seu contrario. *Quare posuisti me contrarium tibi?* Como se dissera Iob. Eu pequey : *Peccavi* : este peccado já he passado ; mas ainda assy me lembro delle, & o confesso, como muito prezente : pois não póde Deos ter razão por onde se lembre ainda do delicto de maneyra , que esteja meu contrario. Ainda as pallavras subsequentes do mesmo Iob explicão melhor este sentido. *Quid faciam tibi ò custos hominum?* Senhor, que vos hey de fazer de mais ? O peccado ja está commetido ; a lembrança delle está em my

muy prezente; a confissaõ eu a faço: *Peccavi.* Pois não quer Deos, que hum homem faça mais. *Quid faciam tibi ò custos hominum?*

§. XI.

279 E Se do passado se ha de lembrar hum homem; como prezente; do mesmo prezente, como he bem que se lembre? Oh que grande erro comète a vaidade humana neste cazo! Huã das cauzas, porque perdemos o gosto aos beins eternos; he porque nos contentamos com os temporaes, que temos prezentes. Todo o homem naturalmente appetece o bem; mas o enganno está em que julga por bem o que tem de prezente; & èrra neste juizo; porque se não lembra deste prezente, senaõ como futuro. Não nos lembra, que tudo quanto possuimos de prezente, he de nenhuã duração: tudo imaginamos, que pòde durar mais, & mais; sem advertir, que de prezente, não ha bem algum, mais que a Graça, & que esta póde não ser futura. Se estamos em graça; lembremonos, que a podemos perder; se estamos em peccado, lembremonos, que podemos perder com elle a vida. Se nos occupão o gosto os beins temporaes, advirtamos, que não saõ beins, & se o saõ, tem de mistura hum mal; que sendo beins de prezente; de prezente tem a incerteza de ser futuros.

280 Aquelle Rico avarento he condennado no Evangelho por nescio. A fortuna o tinha dotado de tudo aquillo, a que chamaes beins; & o Rico satisfeyto com a pôsse delles; fallava à sua *Alma* nesta forma. *Anima, habes multa bona* Luc.12.V.19. *posita in annos plurimos: requiesce, comede, bibe, epulare. Alma* (dizia o Avarento) teins muitos beins, rezervados para prolongados annos: côme, bebe, descança. Ignorancia he grande, que julgâce este Avarento por beins, os que na realidade os não erão: ignorancia mayor, que com os beins do

cor-

corpo brindáſſe ao goſto da ſua *Alma*; porem no meu juizo o ſupremo deſta eſtulticia foy fazer cazo dos beins prezentes, como de futuros. *Habes multa bona*: he a pôſſe de prezente: *In annos plurimos*: he a certeza do futuro. E lembrarſe hum homem do prezente; como ſe houveſſe de ter certamente duração prolongada, he huã grande ignorancia da vaidade humana; & ſe he vaidade, & eſtulticia julgar o prezente com certeza de muitos annos futuros: *Stulte*. Que ſerà julgallo com certeza de Eternidade? Porq̃ a qualquer de nós ſe pôde fazer a meſma pregunta, q̃ ao Avarento. *In annos plurimos*? E acabados eſſes muitos? Ha ainda outros mais? E acabados eſſes mais? Ha ainda mayor duração? O meſmo Avarento reſponde: Muitos ſy; infinitos não. *Plurimos*. E ſe foy eſtulticia por limite de duração aos beins prezentes, que ſerà empregar nelles a *Memoria*; como ſe nunca houveſſem de ter limite? Por iſſo o caſtigo, que ſe deu a eſte Avarento, foy, que na meſma noyte perdeſſe a vida. *Stulte, hac*
Ibid.V.20. *nocte animam tuam repetunt à te*. Porque quem no prezente faz *Memoria* firme para o futuro; pérca o futuro, & pérca logo o prezente. *Hac nocte*.

281 Os futuros em que a noſſa *Memoria* ſe ha de empregar, devem ſer aquelles, que não conſtão de muitos annos; ſenão de annos infinitos. Não vos governeys pella Filozofia, que diffine a *Memoria* ſó pello paſſado; porque a melhor, & mais dillatada parte da *Memoria*, he a que ſe emprêga no futuro. Tenho contra os Filozofos a authoridade da Igreja; porque onde nos lembra que ſomos pò: *Memento homo quia pulvis es*: tambem diz que nos lembremos, que o havemos ſer ao depois: *Et in pulverem reverteris*. Donde infiro, que lembrar do paſſado, he natureza da *Memoria*; mas
Eccl.7.V.40 lembrar do futuro, he preceyto. *Memorare noviſſima tua*: diſſe, guiado do Eſpirito Santo, Salamaõ. E ſe he digno emprego da *Memoria* o noſſo fim, que ſerà a Eternidade, que não tem fim?

282 Oh!

282 Oh! empreguemos a *Memoria* neste futuro da Eternidade; donde com mais verdade podemos dizer à nossa *Alma*. *Anima mea, habes multa bona posita in annos plurimos.* A nossa *Alma*; porque a ella he que pertense a lembrãça da Eternidade: *Multa bona*; porque elles saõ unicamente os verdadeyros beins; & beins verdadeyramente da *Alma*: *In annos plurimos*; porque não só saõ annos muitos; mas annos sem numero, & annos, que cada hum delles na felicidade, pòde competir com a Eternidade mesma.

283 *Annos æternos in mente habui.* Diz David. Tive Psal.76. v.6
na minha lembrança os annos eternos. Parece que se contradiz o Propheta; porque se saõ annos, como saõ eternos? E se saõ annos à vista de Deos; tanto de eternos tem menos. De mil annos à vista de Deos (diz o mesmo David) que saõ como o dia de hontem, que passou. *Mille anni ante oculos* Psal.89 v.4.
tuos, tamquam dies hesterna, quæ præterijt. Não pòde haver mayor aniquillação de annos! Porque compára David mil annos com hum dia, & esse dia de hontem, & esse hontem cõ a clauzula de passado. Pois se mil annos, à vista de Deos, não chegaõ a ser como hum dia; como póde hum anno ter semelhança com huã Eternidade? Notay a razão. Mil annos no gosto de possuidos; passaõ; como o que já passou; hum anno na lembrança imaginado, ha de fazer para a nossa *Memoria* o pezo de huã Eternidade. Não nos havemos de lembrar da Eternidade, como Eternidade sómente; senão de qualquer anno della, de qualquer instante, como se fora a Eternidade inteyra; porque como o infinito não tenha proporsaõ com o finito; qualquer parte pequena dessa Eternidade sem fim; em comparação da pouquidade das couzas humanas; ha de despertar a nossa *Memoria*; como se fora a Eternidade toda. *Annos æternos in mente habui.* Por isso o premio, que Deos promete aos Iustos, he que a sua *Memoria* durara por toda a Eternidade. *In memoria æterna erit justus.* Psal.111.v.4
Porque se a obrigação do Iusto he empregar na Eternidade a lem-

lembrança; o seu premio ha de ser durar a sua lembrança por toda a Eternidade.

§. XII.

284 DEsta doutrina tão verdadeyra, conferindo cada hum comsigo em que empréga a sua *Memoria*; infirirá a sua vaidade, & achará, que he certo, & mais que certo, que por todos os caminhos, por onde buscarem ao homem, o haõ de achar, não só vaõ; porem a mesma vaidade.
Gen. 2. V. 19 *Universa vanitas omnis homo vivens.* Pello que tem he *Terra*, hum pouco de pô. *Pulvis es.* Pello que tem de *Agoa*,
Sap. 5. V. 15. huã ligeyra escuma. *Spuma gracilis, quæ à procella dispergitur.* Pello que tem de *Ar*, hum invizivel, & inconstante sopro; ou hum vapor, que o vento leva: *Vapor est ad modicum*
Jacob. 4. V. 15. *parens.* Pello que tem de *Fogo* huã lêve faisca: *Quasi scintilla.*
Isai. 1. V. 31. Pello que tem de *Alma*, hum *Entendimento* mentirozo, huã *Vontade* mal inclinada, & huã *Memoria* muito esquessida.
Psal. 30. V. 13. *Oblivioni datus sum, tanquam mortuus.*

285 O seu mesmo pò se desvanesse com o seu *vento*; a sua mesma escuma se rezolve em vapor com o seu *Fogo*; o seu
Sap. 5. V. 15. mesmo sopro dezaparece como fumo: *Fumus, qui à vento diffusus est.* A sua *faisca* se apàga com a sua *Agoa*; se sepulta com a sua *Terra*, se extingue com o impeto do seu *vento*. E a *Alma*, seguindo a natureza desses vicios; posto que seja huã *Faisca*, que o Divino Espirito comunicou ao homem: não pôde arder no *Pó*; apagasse na *Agoa*; não permanece no *Ar*; & obscurecesse com outro *Fogo* mayor da concupiscencia. A luz da razão assombrasse com a densidade da *Terra*; o *Fogo* da *Vontade* esfriasse, & apagasse com o emregellado da *Agoa*; a viveza da *Memoria* perdesse no desvanecimento aèreo da vaidade.

286 Iá me não acho com cabedal para a reforma; porque para reformar os vicios, que de algum modo se partici-
pão

pão do corpo, pòde achar a *Alma* remedio em sy mesma; mas para reformar os vicios da *Alma*, que lhe tòcão pella sua propria natureza, onde havemos achar o remedio da reforma? No *Entendimento* não, que segue a mentira; na *Võtade* menos, que ama a vaidade; & ainda na *Memoria* muito menos; porque he mais facil ao homem esqueserse, do que errar.

287 O remedio he mudar totalmente a natureza humana, & quazi formar outra de novo. *Expoliantes vos veterem hominem cum actibus suis, & induentes novum.* Mas o Autor da reforma do homem, não pòde ser outro que o da creação do mesmo homem. *Eum qui renovatur in agnitionem, secundum imaginem ejus, qui creavit illum.* Para formar ao homem, bastou a Deos o acto da *Omnipotencia*, & huã só pallavra *Faciamus.* Para o reformar, foy necessario que o mesmo Deos padecesse. Na formação do homem bastou huã pallavra. *Faciamus*, & ficou o homem formado; *Et factus est homo.* Na reformação do mesmo homem, he necessario huã copioza redempsaõ de martyrios: *Copiosa apud Deum redemptio*; & ainda nos não reformamos.

Colossens. 3. V. 9.

Psal. 129. V. 7.

288 Senhor. O que a nòs nos falta de *Memoria*, queremos que sòbre em vòs. Hum memorial vos fazemos. *Memorare quæ mea substantia: numquid enim vanè constituisti omnes filios hominum.* Lembrayvos, que se somos vaidade, de vaidade nos formastes: de pò, & de lodo. *Memento quæso, quod sicut lutum feceris me*; & esse mesmo pò fizestes de nada. Quem ao nada deu ser, ao ser bem pòde dar a perfeysaõ toda. Assy còmo fora discredito do vosso poder, querer formar ao homem, & não poder concluir a obra: assy parece (em çerto modo) discredito da vossa *Mizericordia* fazer tantos extremos pella nossa reforma, & permanecer em nòs a vaidade. A infermidade, nòs a reconhecemos: continuay vós Senhor em aplicar o remedio. Vós, que sois a mesma vida, q̃ sois a mesma verdade: *Ego sum via, veritas, & vita.*

Psal. 88. V. 48.

Iob 10. V. 9.

Ioan 14. V. 6

L Sois

Sois tambem, que unicamente podeys fazer com que a noſſa vida ſiga o caminho verdadeyro, & deyxe o falſo da vaidade, em que atègora andou metida. *Univerſa vanitas omnis homo vivens.* Porque ſeguindo o caminho da verdade, vos ſegue a vós, & quem vos ſegue, meu Deos da minha *Alma*, claro eſtá, que ha de ſer ſempre com muita graça, & que em ſeguirvos lograrà eterna gloria. Amem.

LAVS DEO,

Virginique Matri Purificationis.

Erros que deve emmendar quem ler eſtes Diſcurſos (antes de os ler) porque vareyaõ alguns totalmente o ſentido; & outros cauzaõ diſſonancia.

Erros.	*Emmendados.*
Pagin. 1. n.1. regra 7. deſconhecerem.	de conhecerem.
Pag. 13. n.21. reg.7. acreſcentamento.	o acreſcentamento.
Pag. 14. n.23. reg. 3. adverti.	advertiz.
Pag. 18. n. 30. reg. 6. de ſeu.	do ſeu.
Pag. 41. n. 64 reg. 14. perder.	poder.
Pag. 43. n. 67. reg. 17. bem.	bom.
Pag. 53. n. 87. reg. 22. he lho.	he que lho comunica.
Pag. 68. n. 111. reg. 6. Terra.	Pedra.
Pag. 69. n. 113. reg. 1. governa.	governa a.
Pag. 77. n. 127. reg. 11. em morte.	em a morte.
Pag. 98. n. 166. reg. 24. naõ dà.	naõ daõ.
Pag. 100. n. 168. reg. 22. polla peçoa.	pella peçoa.
Pag. 102. n. 170. reg. 4. agonia.	agoniza.
Pag. 121. n. 206. reg. 4. ſe une com outro.	ſe une hum com outro.
Pag. 130. n. 225. reg. 8. ſobra.	ſombra.
Pag. 156. n. 274. reg. 23. Sacramento.	o Sacramento.
Pag. 162. n. 284. reg. 8. he terra.	de terra.



